

A Verdadeira
História de
**Jesus
Cristo**



ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É PARA SER VENDIDA.

E um serviço educacional de interesse público, publicada pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional.*

A Verdadeira História de **Jesus Cristo**

© 2024 *Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional*
Todos os direitos reservados. Impresso nos E. U. A.
As Escrituras aqui citadas, salvo referido em contrário,
são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por
João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC), SBB 1998.

Índice

- 3 Introdução**
- 5 Quem Foi Jesus Cristo?**
 - 13 Jesus Cristo: 'A Rocha' do Antigo Testamento
 - 14 Os Apóstolos Sabiam que Jesus Cristo era o Criador
 - 15 A Família de Deus
- 16 O Maravilhoso Cumprimento da Profecia Acerca de Jesus**
 - 25 A Bíblia Prenuncia O Ano Exato do Surgimento do Messias
 - 26 Jesus Nasceu em 25 de Dezembro?
- 28 Uma Vida Impecável e Miraculosa**
 - 32 Jesus Realmente Podia Fazer Milagres?
- 33 Jesus Realmente Morreu e Voltou a Viver?**
 - 46 A Crucificação Romana
 - 48 Quando Jesus Cristo foi Crucificado e Ressuscitado?
 - 51 Existem Outras Fontes que Confirmam a Existência de Jesus Cristo?
- 53 Muito Além de um Homem**
 - 58 Jesus Era Um Ser Criado?
- 59 O Deus que se Tornou um Ser Humano**
 - 65 As relações familiares de Jesus
 - 67 Jesus Tinha Cabelo Comprido?
- 69 A Missão Incompreendida do Messias**
 - 74 O que significam os termos 'Cristo' e 'Jesus'?
- 76 Qual foi o Evangelho de Jesus?**
 - 79 Outros Nomes Para o Reino de Deus
 - 80 A Salvação é a Entrada para o Reino de Deus
- 82 O Ensino de Jesus Sobre a Lei de Deus**
 - 91 O Novo Mandamento de Cristo
 - 92 A Nova Aliança Anula os Mandamentos?
 - 93 Jesus cumpriu a Lei de Outras Formas Importantes
 - 95 Jesus Cristo e as Festas Bíblicas
- 96 Quem Matou Jesus?**
- 102 Jesus Cristo: A Sabedoria de Deus**
 - 107 A Ruptura do Véu do Templo
 - 108 Novamente Vivo, Hoje e para Sempre
- 110 O Seu Encontro com o Destino: Encontrar-se com o Verdadeiro Jesus**
 - 115 'Ora Vem, Senhor Jesus'!

Versões Bíblicas

As escrituras citadas são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC). Quando outra versão é usada, a versão bíblica é referenciada com as seguintes abreviações:

ARA – Almeida Revista e Atualizada
ACF – Almeida Corrigida Fiel
BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje
NVI – Nova Versão Internacional

Introdução

Quem foi Jesus? Poucos vão contestar que um homem chamado Jesus viveu há dois mil anos e que foi um grande mestre que influenciou o mundo desde a Sua era até hoje.

Ele fez uma declaração impressionante e audaciosa—disse que era o verdadeiro Filho de Deus. Durante a maior parte de Sua vida Ele dirigiu somente um pequeno grupo, pessoas que acreditavam nEle e O consideravam como o Seu Salvador e Rei prometido. Mais tarde, muitos outros vieram a acreditar, por causa do testemunho de Seus seguidores, que Ele era o Filho de Deus.

Contudo, em Sua época, as autoridades religiosas O rejeitaram como sendo Filho de Deus. Muitas de Suas afirmações eram tão contrárias aos seus ensinamentos e tradições que eles se Lhe opuseram e, eventualmente, conseguiram executá-Lo.

De igual modo, as autoridades romanas locais também viam-No como uma ameaça e tornaram-se cúmplices em Sua execução, acabando sendo seus autores. As religiões daquele tempo opuseram-se ao desenvolvimento de Seus ensinamentos e utilizaram meios ilegais e violentos para tentar destruir a Igreja que Ele fundou. O governo de Roma também perseguiu energicamente os seguidores desse mestre judeu da Galileia.

Controvérsias sobre Jesus

Hoje em dia, Jesus Cristo continua sendo um personagem controverso. De várias maneiras, os registros da vida de Jesus nos Evangelhos têm sido postos em dúvida. Por exemplo, os autores dos Evangelhos apresentaram os milagres de Cristo como sobrenaturais. Hoje, contudo, muitos os veem como algo normal da natureza, mas desconhecida naquela época, ou dizem que são simplesmente fábulas inúteis.

Além disso, atualmente tentam recontar a vida de Jesus através de livros e filmes. Assim, muitas pessoas acabam aceitando uma aparência popular de Jesus muito diferente da que realmente tinha dois mil anos atrás. Essas representações transmitem uma imagem falsa da humanidade de Cristo. Filmes como *A Última Tentação de Cristo* e a peça teatral *Jesus Cristo Superstar*, juntamente com incontáveis produções televisivas, têm deixado fortes impressões em nossos espíritos e no processo de distorcer a história do verdadeiro Jesus, como veremos a seguir.

Certamente, podemos notar facilmente as variações das crenças e práticas daqueles que diziam ser seguidores de Jesus através dos séculos, por isso temos o direito de perguntar: “Afinal quem é o verdadeiro Jesus? E por que eu deveria segui-Lo?”

Certamente se considerarmos, de forma literal, os Seus depoimentos, tal como registrado por Seus seguidores do primeiro século, e então

analisarmos tudo o que aconteceu depois, seria fácil perceber que a maioria dos que professaram seguir Jesus ao longo dos séculos, na verdade, não O seguiam—e, hoje em dia, acontece a mesma coisa.

No entanto, você pode concluir que isso já era de se esperar—Jesus pregou ideias brilhantes, mas impraticáveis, coisas que não têm como funcionar no mundo real. Então, talvez o ditado “o problema com o cristianismo é que ele nunca foi posto em prática” soa muito verdadeiro. Como disse uma vez Mahatma Gandhi: “De Jesus eu gosto, mas de seus seguidores não sei”.

Descobrimos o verdadeiro Jesus

Qual é a história verdadeira? Seria possível ter uma imagem verdadeira de Jesus, depois de dois mil anos, através de diferentes pontos de vista? Em quem devemos confiar para saber isso?

Para conhecermos o verdadeiro Jesus fato é preciso entender que o que Ele realmente ensinou e fez *é essencial para a vida eterna*. Ao orar a Seu Pai, Jesus disse, “*E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste*” (João 17:3, grifo do autor).

Jesus realizou mesmo o que se está registrado? Ele era e é o que declarou ser? Isso pode ser provado pela história? Ou simplesmente nos limitamos a aceitar isso com uma fé cega?

Talvez esta seria a principal pergunta: *Isso é realmente importante?*

Veja deste modo: Se a história de Jesus for uma lenda e os acontecimentos sobre Sua vida, juntamente com Suas afirmações e ensinamentos, foram invenção de um pequeno grupo de conspiradores, então certamente isso *não é nada importante*. Então, diante disso, podemos determinar o significado da vida humana por meio de nossa própria imaginação.

Mas se Jesus Cristo é o que dizia ser—o Filho de Deus, que veio à terra para viver como ser humano, que morreu pela mão de Seus semelhantes e ressuscitou dentre os mortos depois três dias e três noites—*então isso muda tudo*.

Por esse evento único—de Deus viver e morrer como homem—nos deparamos com o mais extraordinário acontecimento de toda história da humanidade. E nos coloca numa situação que requer muito nossa atenção porque, em última análise, nos torna totalmente responsáveis por nossas escolhas.

Como saber? Este guia de estudo Bíblico procura analisar e responder às maiores questões que pessoas, inteligentes e racionais fazem naturalmente ao tentar compreender *a verdadeira história de Jesus Cristo*.

Quem Foi Jesus Cristo?

“Nenhum dos poderes que agora governam o mundo conheceu essa sabedoria. Pois, se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o glorioso Senhor” (1 Coríntios 2:8, BLH).

O governador romano da Judeia, Pôncio Pilatos, enfrentou uma situação difícil quando levaram Jesus à sua presença. Apreensivamente, ele tentou se esquivar da situação que lhe fora apresentada. Quando Pilatos ouviu a acusação, atemorizou-se em seu íntimo: “[Jesus] afirma que é o Filho de Deus” (João 19:7, BLH).

A pergunta seguinte de Pilatos denunciou-lhe o medo de não estar lidando com um homem qualquer. A sua esposa tinha acabado de lhe enviar um recado, dizendo que teve um sonho, no qual lhe advertia para não prejudicar aquele homem inocente (Mateus 27:19). O próprio Pilatos sabia que Jesus lhe foi entregue porque os chefes dos sacerdotes O invejavam e desprezavam (versículo 18). Apesar disso Pilatos não poderia evitar esse encontro com o destino.

Ele perguntou a Jesus: “De onde és tu?” (João 19:9). Pilatos já sabia que Ele era galileu. Mas a questão não era de que região esse mestre judeu tinha vindo. Na verdade, Pilatos queria saber qual era a Sua procedência. Jesus ficou em silêncio. Ao afirmar que era Filho de Deus Ele já tinha respondido à pergunta. Mas Pilatos não teve coragem de aceitar essa resposta.

Pois, se a tivesse aceitado tudo seria diferente. O apóstolo Paulo disse que nenhum dos príncipes deste mundo sabia quem era Jesus, de onde viera e qual o Seu propósito: “Pois, se a tivessem conhecido [se soubessem], não teriam crucificado o glorioso Senhor” (1 Coríntios 2:8, BLH).

Pilatos não conseguia aceitar isso. Ele sabia que era correto fazer naquela ocasião, mas receava perder o poder. Ele temia a reação de César, quando soubesse que não cuidou de alguém que representava uma ameaça ao domínio romano na região (João 19:12). Ele temia um levante popular, se não concordasse com as exigências políticas dos líderes judeus. Ele também temia a Jesus, pois não tinha certeza com quem estava lidando.

Evitando uma escolha difícil

A conveniência política acabou por vencer. O palco foi armado tanto para a culpabilidade de toda a humanidade quanto para a providência de seu perdão. Pilatos deu a ordem para que Jesus fosse crucificado. A realidade foi negada e deixada para que, todos a enfrentem no futuro.

A maioria de nós tende a ignorar realidades desagradáveis e escolher aquilo que pensamos ser melhor para nós. Diante das evidências de quem realmente Jesus foi, será que você também acharia muito difícil aceitar essa

realidade? No fundo, talvez intuitivamente, percebemos que isso mudaria a vida que conhecemos. Por isso, pensamos que talvez fosse melhor não abordar esse assunto em profundidade e nem se envolver nisso. E foi exatamente isso que Pilatos fez.

Mas é aí onde devemos começar. Quem foi realmente Jesus de Nazaré? De onde veio? Se compreendermos isso, então teremos a explicação de tudo quanto Ele fez e disse.

Muitos veem Jesus como um mestre, um homem sábio, um filósofo judeu que teve uma morte injusta e horrível e fundou uma grande religião.

Será que há mais fatos sobre isso? Um dos tópicos mais controversos diz respeito à verdadeira identidade de Jesus Cristo—e, ao mesmo tempo, talvez o mais crucial. Isso diz respeito ao coração da fé cristã. O que implica que Jesus não foi simplesmente um ser humano extraordinário, mas, *na verdade, Deus em forma humana*.

Mas se era Deus na carne, *como* Ele era Deus? Esta é a parte que é muitas vezes negligenciada em muitas explicações—e, como resultado, muitos têm dificuldade em compreender como isto podia ser.

Jesus certamente se considerava muito mais do que meramente um homem, um profeta ou um mestre.

Alguns dizem que Jesus não proclamava ser Deus. Alguns eruditos até insistem que, anos mais tarde, alguns líderes da Igreja cristã inventaram e editaram os registros dos títulos usados por Jesus, os milagres e Suas afirmações e ações, que mostravam que Ele acreditava ser Deus. Em outras palavras, o argumento é que os registros foram inventados e que o Jesus retratado no Novo Testamento é uma lenda, um produto teológico da Igreja primitiva.

Contudo, isso é historicamente impossível por diversas razões—como é que imediatamente após a morte e a ressurreição de Jesus, a Igreja cresceu exponencialmente devido à convicção de que Ele *era* Deus. Não houve tempo para se desenvolver uma lenda absurda quanto a quem Jesus poderia ser.

Logo após isso, Pedro pregou dizendo que Jesus tinha sido ressuscitado dos mortos, que Ele era sem dúvida o Cristo e Senhor, e comparou-O a Deus (Atos 2:27, 34-35). Os discípulos e a Igreja sabiam quem



Em 1961, uma expedição Italiana fazia um trabalho de escavação na antiga cidade portuária de Cesareia Marítima, em Israel, e encontrou esta placa de pedra com o nome de Pôncio Pilatos, o procurador romano que condenou Jesus Cristo à morte, e também sua denominação de “prefeito da Judeia”. Esta inscrição é uma das muitas provas históricas que confirmam a existência de pessoas mencionadas no Novo Testamento.

era Jesus, como demonstrado pelo intenso crescimento da Igreja.

Mesmo parecendo incrível, o fato é que Jesus de Nazaré era Deus em carne. Esse fato, que será bem investigado adiante, é o que torna o cristianismo único e influente. Se Jesus não fosse Deus, então a fé cristã não seria diferente em nada de outras religiões. Se Jesus não fosse Deus, os membros da Igreja cristã primitiva não teriam nenhum fundamento para sua fé—crença que, nas palavras de seus inimigos, “tem alvoroçado o mundo” (Atos 17:6).

Jesus, o “**EU SOU**”

Certamente a declaração mais ousada que Jesus fez a respeito de Sua identidade foi esta afirmação: “Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, **EU SOU**” (João 8:58). Esta afirmação em português pode parecer ou soar confusa, mas em aramaico ou hebraico, língua falada por Jesus, ela causou um grande e imediato impacto nas pessoas, a ponto de tentarem apedrejá-Lo por blasfêmia.

O que aconteceu? Jesus estava revelando a Sua verdadeira identidade como Aquele que os judeus conheciam como o Deus no Antigo Testamento. Ele estava dizendo, em poucas palavras, que existiu antes de Abraão e que era Aquele mesmo Ser, Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó.

Na antiguidade, quando o grandioso Deus se revelou a Moisés, em Êxodo 3:13-14, ele Lhe perguntou qual era o Seu nome. “**EU SOU O QUE SOU**,” foi a impressionante resposta. “Assim dirás aos filhos de Israel: ‘**EU SOU** me enviou a vós’”.

Jesus claramente reclamou ser este mesmo Ser—o “**EU SOU**” de Êxodo 3:14, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó (versículo 15).

“**EU SOU**” está relacionado com o nome próprio de Deus no Antigo Testamento, o nome hebraico **YHWH**. Quando esse nome aparece em nossas Bíblias portuguesas, normalmente é representado em letras maiúsculas por **SENHOR** e, noutras versões, por “Jeová”.

Quando Jesus fez essa ousada afirmação, os judeus sabiam exatamente o que Ele queria dizer. Eles pegaram pedras para matá-Lo, porque pensavam que Ele estava blasfemando.

“**EU SOU**” e o correlato **YHWH** são os nomes de Deus, que inferem autoexistência absoluta e eterna. Entretanto, é impossível traduzi-lo preciso e diretamente para a nossa língua, **YHWH** transmite o significado de “O Eterno,” de “O Que Sempre Existiu,” ou de “O Que Foi, É e Sempre Será”. Esses atributos apenas se aplicam a Deus, cuja existência é eterna e imortal.

Em Isaías 42:8 este mesmo Ser diz: “Eu sou o **SENHOR** [**YHWH**]; este é o meu nome; a minha glória, pois, a outrem não darei, nem o meu louvor às imagens de escultura”. Dois capítulos à frente diz: “Assim diz o **SENHOR** [**YHWH**], Rei de Israel, e seu Redentor, o **SENHOR** dos Exércitos: Eu sou o Primeiro, e eu sou o Último, e fora de Mim não há Deus” (Isaías 44:6).

Para os judeus não havia dúvida sobre Quem Jesus dizia ser. Ele disse que era Aquele que a nação de Israel tinha por verdadeiro Deus. Jesus, ao dizer que era o “*EU SOU*”, estava dizendo que *era o Deus a quem os hebreus conheciam como YHWH*. Este nome era considerado tão santo que um judeu devoto nunca o pronunciaria. Esse era um nome especial de Deus, que poderia se referir ao verdadeiro Deus.

O Dr. Norman Geisler, em seu livro *Christian Apologetics* (Apológicas Cristãs), conclui: “Em virtude do fato de que Jeová, do Antigo Testamento judaico, não daria o seu nome, honra, ou glória a alguém, não é de se admirar que as palavras e feitos de Jesus de Nazaré levassem os judeus do primeiro século a atirar pedras e a gritar: —blasfêmia!—O que o Jeová do Antigo Testamento dizia ser, o próprio Jesus de Nazaré também dizia . . .” (2002, p. 331).

Jesus identificado como YHWH

O Dr. Geisler continua a se referir a algumas passagens em que Jesus se iguala ao YHWH do Antigo Testamento. Vejamos algumas delas.

Jesus disse de Si mesmo: “Eu sou o bom Pastor” (João 10:11). Davi, no primeiro versículo do famoso Salmo 23, declarou: “O SENHOR [YHWH] é o meu pastor...” Jesus invocou ser juiz de todos os homens e nações (João 5:22, 27). Contudo Joel 3:12 diz: “eu, o Deus Eterno [YHWH], vou julgar todas as nações vizinhas” (BLH).

Jesus disse: “Eu sou a luz do mundo” (João 8:12). Isaías 60:19 diz: “. . . o SENHOR será a tua luz perpétua, e o teu Deus a tua glória”. Também Davi em Salmos 27:1 diz: “O SENHOR (YHWH) é a minha luz . . .”.

Em oração Jesus pediu ao Pai para compartilhar da Sua eterna glória: “E agora glorifica-Me tu, ó Pai, junto de Ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse” (João 17:5). Porém, Isaías 42:8 diz: “Eu sou o SENHOR; este é o Meu nome; a Minha glória, pois, a outrem não darei . . .”.

Jesus falou dEle próprio como o noivo vindouro (Mateus 25:1), do mesmo modo como YHWH é caracterizado em Isaías 62:5 e em Oséias 2:16.

Em Apocalipse 1:17 Jesus diz que Ele é o primeiro e o último, a mesma coisa que YHWH diz de Si mesmo em Isaías 44:6: “Eu sou o Primeiro, e eu sou o Último.”

Não há dúvida de que Jesus deu a entender que Ele era o próprio SENHOR, (YHWH) do Antigo Testamento.

Quando Jesus foi preso, o uso desse mesmo termo teve um efeito atemorizante naqueles que estava prendendo-O. “Quando, pois, lhes disse: ‘*Sou eu*’, recuaram, e caíram por terra” (João 18:6). Nota-se que os tradutores, esforçando-se para tornar a resposta de Jesus mais compreensiva e gramaticalmente correta, obscurecem o fato de que Ele, provavelmente, reivindicou outra vez ser o “*EU SOU*” das Escrituras do Antigo Testamento.

“Eu e Meu Pai somos um”

Noutra ocasião, os judeus confrontaram Jesus, perguntando-Lhe: “Até quando terás a nossa alma suspensa? Se tu és o Cristo [o Messias profetizado], dize-no-lo abertamente” (João 10:24). A resposta de Jesus é bastante reveladora: “*Já vo-lo tenho dito, e não o credes*” (versículo 25). Ele, com efeito, já tinha confirmado a Sua identidade divina em outra oportunidade (João 5:17-18).

Jesus diz ainda: “As obras que eu faço, em nome de meu Pai, essas testificam de mim” (João 10:25). As obras que Ele havia feito foram milagres que *só Deus poderia fazer*. Eles não podiam refutar as obras miraculosas de Jesus.

Ele disse outra coisa que os enraiveceu ainda mais: “Eu e o Pai somos um” (versículo 30). Isto é, o Pai e Jesus são divinos. Novamente, não havia nada errado no que Ele dizia, mas “os judeus pegaram então outra vez em pedras para o apedrejar” (versículo 31).

“Respondeu-lhes Jesus: Tenho-vos mostrado muitas obras boas procedentes de meu Pai; por qual destas obras me apedrejais? Os judeus responderam, dizendo-lhe: Não te apedrejamos por alguma obra boa, mas pela blasfêmia; porque, sendo tu homem, *te fazes Deus a ti mesmo*” (versículos 32-33).

Os judeus compreendiam perfeitamente o que Jesus queria dizer. Ele falava abertamente com eles sobre a Sua divindade.

O Evangelho de João registra mais uma ocasião em que Jesus enfurece os judeus com a Sua reclamação de ser divino. Aconteceu logo após Jesus ter curado um homem, no tanque de Betesda, em um dia de Sábado. Os judeus pensaram em matá-Lo porque Ele fez isso num Sábado, um dia no qual a lei de Deus declara que nenhuma obra pode ser feita (que eles interpretaram incorretamente por nela incluir a proibição do que Jesus estava fazendo).

Jesus, então, proferiu uma declaração que os judeus nunca iriam aceitar: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também”. E que fizeram eles? “Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só quebrantava o Sábado [de acordo com a interpretação deles], mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus” (João 5:1-18).

Jesus estava comparando Suas obras com as obras de Deus e, de uma maneira peculiar, declarando que Deus era Seu Pai.

Jesus invoca autoridade para perdoar pecados

Jesus declara ser divino de várias outras formas.

Quando Jesus curou um paralítico, também disse: “Filho, perdoados estão os teus pecados” (Marcos 2:5). Os escribas que ouviram isso consideraram que Ele estava blasfemando, compreendendo corretamente o que dizia e perguntaram: “Quem pode perdoar pecados, senão Deus?” (versículos 6-7).

Respondendo aos escribas, Jesus disse: “Por que arrazoais sobre estas

coisas em vossos corações?...Ora, para que saibais que o Filho do homem tem na terra poder para perdoar pecados”—disse ao paralítico—“a ti te digo: Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa” (versículos 8-11).

Os escribas sabiam que Jesus estava afirmando que tinha uma autoridade que somente pertencia a Deus. Porque, novamente, o SENHOR (YHWH) é o Ser que, de acordo com o Antigo Testamento, perdoa pecados (Jeremias 31:34).

Cristo reivindica o poder de ressuscitar os mortos

Jesus afirmou ter mais outro poder que somente Deus possui—o de ressuscitar e julgar os mortos. Vejamos esse depoimento em João 5:25-29:

“Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão. Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo. E deu-lhe o poder de exercer o juízo, porque é o Filho do Homem. Não vos maravilheis disso, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação.”

Não havia dúvida acerca do que Ele dizia. E Ele diz também no versículo 21: “Pois, assim como o Pai ressuscita os mortos, e os vivifica, assim também o Filho vivifica aqueles que quer.” Quando Jesus ressuscitou Lázaro dentre os mortos, Ele disse a Marta, irmã de Lázaro: “Eu sou a ressurreição e a vida” (João 11:25).

Comparemos isso com 1 Samuel 2:6, que nos diz que “O SENHOR [YHWH] é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz tornar a subir dela.”

Jesus aceitou ser dignificado e adorado

Jesus demonstrou a Sua divindade ainda de outro modo, quando disse: “todos honrem o Filho, como honram o Pai.” Uma e outra vez, Jesus disse a Seus discípulos para crerem nEle como criam em Deus. “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim” (João 14:1).

Em muitas ocasiões, Jesus foi adorado e nunca proibiu isso. Um leproso adorou-O (Mateus 8:2). Um governador adorou-O pedindo-Lhe que ressuscitasse a sua filha dentre os mortos (Mateus 9:18). Quando Jesus acalmou a tempestade, os que estavam no barco adoraram-No como Filho de Deus (Mateus 14:33).

Uma mulher cananeia adorou-O (Mateus 15:25). Quando Jesus se encontrou com as mulheres que foram ao túmulo, depois de Sua ressurreição, elas O adoraram e assim também fizeram os Seus apóstolos (Mateus 28:9, 17). O gadareno endemoninhado, “quando viu Jesus ao longe, correu e adorou-O” (Marcos 5:6). O cego, que Jesus curou, adorou-O (João 9:38).

O primeiro e o segundo mandamentos, dos Dez Mandamentos, proíbem a adoração a qualquer um que não seja o Deus verdadeiro (Êxodo 20:2-5). Barnabé e Paulo ficaram muito perturbados quando as pessoas de Listra quiseram adorá-los, depois de curarem um coxo de nascimento (Atos 14:13-15). Em Apocalipse 22:8-9, quando o apóstolo João se inclina para adorar o anjo, este se recusa a ser adorado, dizendo: “Olha, não faças tal . . . Adora a Deus” (Apocalipse 22:8-9).

Contudo Jesus aceitou ser adorado e não repreendeu aos que se ajoelharam perante Ele e O adoraram.

A Instrução de Jesus para orar em Seu nome

Além de Jesus dizer aos que O seguem para creiam nEle, Ele também diz que, quando oramos ao Pai, devemos fazer isso em Seu nome. “E tudo quanto pedirdes em Meu nome eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho” (João 14:13). Jesus deixa isso muito claro que o acesso ao Pai só ocorre através dEle, quando nos diz: “Ninguém vem ao Pai, senão por Mim” (versículo 6).

O apóstolo Paulo diz sobre Jesus: “Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, E toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai” (Filipenses 2:9-11).

Paulo está nos dizendo que o próprio Deus Pai confirma o fato de que Jesus é Deus, exaltando o Seu nome ao nível dAquele a quem dirigimos os nossos pedidos e diante de quem nos ajoelhamos. Jesus também nos assegura que Ele é quem responderá as nossas preces (“...eu o farei,” João 14:13).

Muitos foram os meios pelos quais Jesus se revelou como o Deus do Antigo Testamento. Os judeus viram-No fazer muitas coisas que só Deus faria ou poderia fazer. Eles ouviram ele dizer coisas acerca de Si mesmo que só podiam aplicar se a Deus. Eles ficaram furioso e responderam com insultos e acusações de blasfêmia. E ficaram tão furiosos com Suas declarações que queriam mata-Lo ali mesmo.

A relação especial de Jesus com Deus

Jesus sabia que Ele era único nessa relação íntima com o Pai, sendo que era o único que podia revelar o Pai e por isso disse: “Todas as coisas Me foram entregues por Meu Pai, e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mateus 11:27).

O Dr. William Lane Craig, um apologistas defensor da fé cristã, disse que esse versículo “nos diz que Jesus afirmou ser o Filho de Deus num sentido exclusivo e absoluto. Jesus diz aqui que a Sua relação de Filho com Deus é única. E também afirma ser o *único* capaz de revelar Deus à

humanidade. Em outras palavras, Jesus afirma ser a revelação absoluta de Deus” (Reasonable Faith [Fé Razoável], 1994, p. 246).

Cristo diz ser a chave do destino da humanidade

Em diversas ocasiões, Jesus afirmou que Ele era o único pelo qual a humanidade podia alcançar a vida eterna. “Porquanto a vontade daquele que Me enviou é esta: ‘Que todo aquele que vê o Filho, e crê nEle, tenha a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia’” (João 6:40; comparar versículos 47 e 54). Ele não diz apenas que as pessoas devem acreditar nEle, mas também que Ele é quem pode ressuscitá-las. Um mero ser humano não tem tamanha capacidade.

O Dr. Craig diz ainda: “Jesus acreditou que a atitude das pessoas para com Ele seria um fator determinante no julgamento de Deus no dia do juízo. ‘E digo-vos que todo aquele que Me confessar diante dos homens também o Filho do homem o confessará diante dos anjos de Deus. Mas quem Me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus’” (Lucas 12:8-9).

“Não restam dúvidas: se Jesus não fosse o filho divino de Deus, então essa declaração só podia ser vista como um dogmatismo ínfimo e censurável. Pois Jesus diz que a salvação das pessoas depende de se confessarem a Ele” (Craig, p. 251).

A conclusão é inevitável: Jesus deu a entender que Ele era divino assim como o Pai e tinha o direito de fazer coisas que só Deus podia fazer.

A afirmação dos discípulos de Jesus

Aqueles que conheceram pessoalmente a Jesus, que foram ensinados por Ele e que depois escreveram a maior parte do Novo Testamento, são perfeitamente coerentes sobre os depoimentos de Jesus quanto a Si mesmo. Os Seus discípulos eram judeus monoteístas. Por isso, para eles concordarem que Jesus era Deus e depois darem as suas vidas por tal crença, significa que eles tiveram de ver por si mesmos que as afirmações de Jesus, quanto a Si mesmo, eram tão convincentes que não lhes restavam nenhuma dúvida na mente.

Mateus, autor do primeiro Evangelho, inicia seu relato com a história do nascimento de Jesus através de uma virgem. Mateus comenta esse acontecimento miraculoso citando Isaías 7:14, “Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel”, que quer dizer “Deus conosco” (Mateus 1:23). Mateus demonstra que compreende que aquela criança é Deus—“Deus conosco”.

Do mesmo modo, João é explícito no prólogo de seu Evangelho. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... *E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós*” (João 1:1, 14).

Alguns deles chamaram-No diretamente de Deus. Quando Tomé viu as Suas feridas exclamou: “*Senhor meu, e Deus meu!*” (João 20:28). Paulo

refere-se a Jesus, em Tito 1:3 e 2:10, como “*Deus nosso Salvador*”.

O livro de Hebreus é bastante enfático ao afirmar que Jesus é Deus. Hebreus 8:1, citando Salmos 45:6, declara sobre Jesus Cristo: “Mas, do Filho, diz: O Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos”. Outras partes dessa epístola explica que Jesus é maior que os anjos (1:4-8, 13), superior a Moisés (3:1-6), e maior que os sumo sacerdotes (4:14-5:10). Ele é maior que todos estes porque Ele é Deus.

Sem meio-termo

O reconhecido escritor cristão C. S. Lewis observa: “Estou tentando impedir que alguém repita a rematada *tolice dita por muitos* a seu respeito: ‘Estou disposto a aceitar Jesus como um grande mestre da moral, mas não aceito a sua afirmação de ser Deus.’ Essa é a única coisa que não devemos dizer. Um homem que fosse somente um homem e dissesse as coisas que Jesus disse não seria um grande mestre da moral...”

“Faça a sua escolha. Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus, ou não passa de um louco ou coisa pior. Você pode querer calá-lo por ser um louco, pode cuspir nele e matá-lo como a um demônio; ou pode prosternar-se a seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus. Mas que ninguém venha, com paternal condescendência, dizer que ele não passava de um grande mestre humano. Ele não nos deixou essa opção, e não quis deixá-la” (*Mere Christianity [Cristianismo Puro e Simples]*, 1996, p. 24).

Jesus Cristo: ‘A Rocha’ do Antigo Testamento

O apóstolo Paulo afirma que o Deus que os Israelitas conheciam no Antigo Testamento—aquele a quem eles viam como a Sua ‘Rocha’ e fortaleza (ver Deuteronômio 32:4; Salmos 18:2)—era aquele quem conhecemos por Jesus Cristo. Notemos o que Paulo escreveu em 1 Coríntios 10:1-4: “. . . os nossos antepassados . . . foram protegidos pela nuvem e passaram pelo mar Vermelho. Como seguidores de Moisés, eles foram batizados na nuvem e no mar. Todos comeram da mesma comida espiritual e beberam da mesma bebida espiritual. Pois bebiam daquela Rocha espiritual que

ia com eles; e a Rocha era Cristo” (BLH).

Jesus foi quem falou com Moisés e lhe disse para voltar ao Egito e libertar os israelitas. Jesus Era o SENHOR (YHWH) que fez com que as pragas viessem sobre o Egito. Ele foi o Deus que conduziu os israelitas para fora do Egito na jornada (pelo deserto) de quarenta anos. Foi Ele quem deu as leis a Moisés e falava constantemente com ele. Ele foi o SENHOR que lidou com Israel ao longo de sua história como nação.

Sim, por incrível que pareça, Jesus Cristo é o SENHOR (YHWH), que, muitas vezes, é mencionado no Antigo Testamento.

Os Apóstolos Sabiam que Jesus Cristo era o Criador

A epístola aos hebreus fala do Filho como sendo o Ser através do qual Deus criou o mundo (Hebreus 1:2) e quem “sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder” (versículo 3). Somente Deus é suficientemente poderoso para fazer tais coisas.

João confirma que Jesus foi o Verbo divino através do qual Deus criou o universo: “Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez” (João 1:3; ver versículos 1-3, 14).

Paulo declara, inequivocamente, que Deus “...tudo criou por meio de Jesus Cristo” (Efésios 3:9, ACF): “Porque nEle foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por Ele e para Ele (Colossenses 1:16). E junta no versículo 17, “...e todas as coisas subsistem por Ele”.

O Antigo Testamento apresenta Deus como o único Criador do universo (Gênesis 1:1; Isaías 40:25-26, 28). Quando os primeiros seguidores de Cristo disseram que Jesus é Aquele através de quem todas as coisas foram criadas, eles estão dizendo claramente que Jesus é Deus.

Jesus declarou ser tudo o que Deus é e os discípulos creram e assim ensinaram. Eles compreenderam que Jesus era “a expressa [exacta]



Os autores do Novo Testamento compreenderam claramente que Jesus Cristo era o Criador, Aquele que ordenou e viu o universo despontar para a vida.

imagem da Sua pessoa [de Deus]” (Hebreus 1:3) e “é imagem do Deus invisível” (Colossenses 1:15), “porque nEle habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Colossenses 2:9).

Pelas próprias palavras e atos de Jesus Cristo, os discípulos compreenderam claramente quem Ele era e ainda é. Não havia a menor dúvida na cabeça deles. Eles viram-No provar isso muitas vezes. Eles não tiveram medo de serem martirizados, pois estavam firmemente convictos disso.

A Família de Deus

O Pai e Jesus planejaram, desde o princípio, aumentar a Sua espécie. A espécie de Deus é uma *família*! E é liderada pelo Pai e, agora, consiste do Pai e do Filho, Jesus Cristo.

Estes dois seres sempre existiram e sempre existirão. O Seu plano e vontade é o de aumentar a Sua espécie—"trazendo muitos filhos à glória" (Hebreus 2:10). Destarte, como toda a vida foi criada para se reproduzir segundo a sua espécie, como está declarado em Gênesis 1, assim Deus moldou o homem de acordo com a espécie dEle. Esse é o significado fundamental do versículo 26, onde Deus diz: "Façamos o homem à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança".

Esse é um processo de duas etapas. Primeira, Deus criou o homem físico do pó da terra. Depois, pela conversão e fé em Cristo e obediência à lei de Deus, a lei espiritual de amor, homens e mulheres tornam-se uma nova "*criação*" espiritual (2 Coríntios 5:17; Efésios 4:24). Isto conduz à etapa final, o nascimento de novos seres dentro da família divina, que, então, serão "como" o próprio Cristo, o *primogênito* Filho de Deus (Romanos 8:29; Gálatas 4:19; 1 João 3:2).

Na verdade, tal como as crianças *humanas* são seres da mesma espécie de seus pais (isto é, também são seres humanos), igualmente os filhos de Deus serão seres da mesma espécie do Pai e de Cristo (isto é, também serão seres *divinos*). Este é o impres-

sionante destino da humanidade! A família de Deus vai expandir através desse maravilhoso plano de Deus, como está revelado em Sua Palavra.

A espécie de Deus é uma família! E é liderada pelo Pai e, agora, consiste do Pai e do Filho, Jesus Cristo. Estes dois seres sempre existiram e sempre existirão. O Seu plano e vontade é o de aumentar a Sua espécie—"trazendo muitos filhos à glória" (Hebreus 2:10).

Todos os filhos dessa futura família viverão para sempre sob a soberania, a autoridade e a liderança, primeiramente, do Pai e depois do Filho (ver 1 Coríntios 15:24-28). Guiados pelo Pai e por Cristo, os membros dessa família divina compartilharão uma eternidade gloriosa e cheia de justiça no futuro.

Portanto, neste o sentido, Deus é uma família—na verdade uma família em *crescimento*, atualmente composta por dois Seres divinos, o Pai e Cristo, o primogênito dessa família, a Quem, enfim, se juntará uma enorme quantidade de outros filhos e filhas. (Para saber mais acerca deste tema, solicite ou baixe de nosso site o guia de estudo bíblico *Quem é Deus?*).



O Maravilhoso Cumprimento da Profecia Acerca de Jesus

“Mas Deus assim cumpriu o que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado...” (Atos 3:18).

Afirmar ser Deus é uma coisa—mas convencer as pessoas de que aquilo era verdade é algo completamente diferente. Portanto, como os seguidores mais íntimos de Cristo se convenceram a ponto de darem a própria vida por essa crença?

Muitas profecias do Antigo Testamento acerca do Messias foram cumpridas, nos mínimos detalhes, por Jesus de Nazaré. Nem os judeus nem os discípulos de Jesus compreenderam naquela altura que Jesus estava cumprindo as profecias messiânicas do Antigo Testamento—apesar de Ele ter-lhes dito, algumas vezes, que isso estava acontecendo (Lucas 18:31; Mateus 26:56). Eles aguardavam um Messias muito diferente Daquele realmente descrito em muitas profecias.

Uma das defesas de Jesus diante dos judeus era a citação das escrituras do Antigo Testamento, que identificavam-No como Aquele que havia de vir. “Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de Mim testificam” (João 5:39).

Depois de ressuscitar, Jesus começou a ajudar os discípulos a compreender as Escrituras e assim foram inspirados a declarar que Jesus era na verdade o Messias. A prova apresentada por eles consistia das mesmas Escrituras que anteriormente não tinham compreendido.

Resolvendo o quebra-cabeça da profecia

Pouco depois de Sua ressurreição, Jesus encontrou-se com dois dos Seus discípulos, que caminhavam e conversavam a caminho da cidade de Emaús. Eles não O reconheceram e discutiam como podia ser possível o acontecimento da morte do Messias. Jesus começou explicando-lhes que o Seu sofrimento e crucificação foram profetizados nas Escrituras.

Ele, gentilmente, repreendeu-os: “Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória?” (Lucas 24:25-26). Então, “começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dEle se achava em todas as Escrituras” (versículo 27).

Mais tarde, nesse mesmo dia, Ele apareceu a quase todos os Seus apóstolos e esclareceu o que havia dito antes de Sua morte. E disse-lhes: “São

estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: Que convinha que se cumprisse tudo o que de Mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas e nos Salmos” (versículo 44).

Quando Ele disse “Moisés, os Profetas e os Salmos” Ele referia-se às três maiores divisões do Antigo Testamento, algo entendido por todo o judeu fiel, assim como os apóstolos. “Então abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras. E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dentre os mortos” (versículos 45-46).

O Espírito de Deus Abre as Escrituras ao Entendimento

Dentro de poucos dias os apóstolos começaram a citar passagens das Escrituras, declarando que aquelas profecias foram cumpridas por Jesus Cristo.

Pedro fala da morte de Judas, o discípulo que traiu Jesus, em Atos 1:20, citando Salmos 69:25 e 109:8: “Fique desolado o seu palácio; e não haja quem habite nas suas tendas” e “. . .outro tome o seu ofício”. Pedro e os discípulos começaram a compreender que as Escrituras davam detalhes da vida, morte e ressurreição de Jesus.

Depois de receberem o Espírito Santo, no dia de Pentecostes, o entendimento deles sobre as Escrituras aumentou grandemente (João 14:26). Ao falar nesse dia, Pedro citou Joel 2:28-29, dizendo que o envio do Espírito Santo foi um cumprimento dessa profecia (Atos 2:14-18).

Pedro continua com a sua mensagem às multidões congregadas em Jerusalém, explicando a ressurreição de Jesus ao se referir a Salmos 16:8-11: “Porque dele [de Jesus] disse Davi: ‘Sempre via diante de mim o Senhor, porque está à minha direita. . .Pois não deixarás a minha alma no Hades [no sepulcro]. Nem permitirás que o Teu Santo veja a corrupção [decomposição do corpo depois da morte]. . .Com a Tua face me encherás de júbilo [pela ressurreição do sepulcro]’” (Atos 2:25-28). Pedro afirma que Davi foi um profeta e que previu a ressurreição de Jesus, o Messias.

Ainda mais surpreendente é o quadro da ressurreição de Cristo descrito por Davi, citado aqui por Pedro: “Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à Minha direita, até que ponha os Teus inimigos por escabelo de Teus pés” (Atos 2:34-35). Pedro agora vê claramente que o Antigo Testamento previa a vinda de Jesus, o Messias—O Messias que eles seguiram por mais de três anos. Agora Pedro está citando as Escrituras aos seus conterrâneos para provar-lhes que Jesus é o Messias.

Muitos anos depois, nós encontramos Paulo, que a princípio se opôs violentamente aos que aceitaram Jesus como o Messias prometido, argumentando com os judeus, nas sinagogas, sobre Jesus ser, na verdade, o Messias, o Cristo (Atos 17:1-4). Da mesma forma, Apolo refutava, pois “com grande veemência, convencia publicamente os judeus, mostrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo” (Atos 18:28). Alguns dos judeus,

aos quais se dirigiram, começaram a compreender em suas próprias Escrituras à luz da vida, da morte e da ressurreição de Jesus, o Cristo.

As profecias cumpridas nos evangelhos

Apenas uma minoria de judeus acreditavam que Jesus cumpriu as profecias messiânicas. Os escritores dos Evangelhos, contudo, foram incansáveis nas citações de Escrituras para demonstrar que Jesus cumpriu em detalhes as diversas profecias messiânicas.

O apóstolo Mateus, por exemplo, parece ter escrito o Evangelho especificamente para um público judaico do primeiro século. Através de uma série de citações do Antigo Testamento, Mateus documenta a afirmação de Cristo ser o Messias. A genealogia, o batismo e os milagres de Cristo, tudo aponta para uma inevitável conclusão: Ele é o Messias profetizado.

O Evangelho de Mateus cita 21 profecias que foram cumpridas em circunstâncias da vida e morte de Cristo. Ademais, onze passagens apontam esse cumprimento ao usar introduções como “para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta . . .” ou “então, se cumpriu o que foi dito pelo profeta . . .”.

Profecias cumpridas por acaso?

Os escritores do Novo Testamento citam *mais de 130 vezes* as profecias messiânicas do Antigo Testamento. Estima-se o Antigo Testamento contenha 300 passagens proféticas que descrevem quem é o Messias e o que Ele fará. Desse total, sessenta são profecias de grande importância. Quais são as probabilidades dessas profecias se cumprirem em uma única pessoa?

Pois, como disse o Dr. Geisler: Deus não comete erros. É praticamente inconcebível que Deus permitisse um grande engano em Seu nome ou um cumprimento accidental das profecias na vida da pessoa errada. Tudo isso elimina a possibilidade de um cumprimento accidental (Christian Apologetics [Apologias Cristãs] p. 343).

Entretanto, pode-se ainda argumentar que exista essa possibilidade, porém é muito remota. Pois, as probabilidades matemáticas de todas essas profecias terem convergido por acaso nos eventos da vida de Cristo são incrivelmente diminutas, ao ponto de se eliminar qualquer possibilidade desse tipo.

O astrônomo e matemático Peter Stoner, em seu livro *Science Speaks* (*Ciência Que Fala*), apresenta uma análise matemática demonstrando que seria impossível essas declarações específicas sobre Aquele que viria serem cumpridas em uma pessoa comum por mera coincidência

Usando a probabilidade estatística em ‘Ciência Que Fala’ (*Science Speaks*), Peter Stoner calcula que para que se cumpra *apenas oito das profecias*, a probabilidade estatística é de 1 em 100.000.000.000.000.000 ou de 1 em 10^{17} [10 elevado à potência de 17].

Como poderíamos explicar isso de uma maneira ainda mais simples? Para nos ajudar a entender essa assombrosa probabilidade o doutro Stoner dá o exemplo de 10^{17} em dólares de prata colocados sobre a superfície do estado do Texas (que é maior que o estado de Minas Gerais). O estado inteiro seria coberto com dólares de prata até a profundidade de mais ou menos sessenta centímetros.

“Agora marque um destes dólares de prata e misture muito bem todo o restante e coloque novamente a moeda marcada em meio às outras. Ponha uma venda nos olhos de um homem e diga-lhe que ele pode viajar tão longe quanto quiser, mas deve pegar apenas uma moeda e tem que ser a que você marcou.

“Que chance ele teria de pegar exatamente a correta? A mesma chance que os profetas teriam tido de escrever estas *oito profecias* e de que todas elas se cumprissem em um só homem, desde seus dias até o presente tempo.”

Mas isso são somente oito profecias sobre o Messias, dentre dezenas delas. Usando a ciência da probabilidade, a probabilidade de 48 profecias se cumprirem em uma pessoa é de 1 em 10 elevado à potência de 157, isto é, 1 seguido de 157 zeros (*Science Speaks [Ciência Que Fala]* por Peter Stoner, 1963, pp. 100-109).

Seria possível se aceitar que um ou dois cumprimentos proféticos na vida de Cristo fossem coincidência, mas quando se conta essas ocorrências de cumprimento das profecias, então a lei da probabilidade rapidamente atinge o ponto onde a mera probabilidade se transforma em *certeza*. Essa é uma das provas de que Jesus foi o Messias prometido—as profecias messiânicas foram exata e precisamente cumpridas nEle.

Analisemos algumas delas.

A semente de Abraão e o descendente de Davi

Em Gálatas 3:8 e 16, Paulo explica que a promessa feita a Abraão de que “. . . todas as nações serão benditas em ti” (Gênesis 12:3; 18:18; 22:18), era uma referência ao Messias vindouro. Mais tarde, essa promessa foi repetida a Isaque, filho de Abraão (Gênesis 26:4) e, depois, a Jacó, neto de Abraão (Gênesis 28:14).

Muitos séculos depois, veio a profecia de que o futuro Messias viria através de Jessé, o pai do rei Davi, da tribo de Judá—um dos doze filhos de Jacó. “Porque brotará um rebento do tronco de Jessé, e das suas raízes um renovo frutificará” (Isaías 11:1).

De Davi, filho de Jessé, procederia a linhagem da qual descenderia Jesus de Nazaré, após trinta gerações. Através do profeta Jeremias, Deus profetizou: “. . . levantarei a Davi um Renovo justo” (Jeremias 23:5).

Nessa espantosa progressão de profecias, que começou mil e quinhentos anos antes da vinda do Messias, somos informados, de forma precisa, qual seria a linhagem de Cristo. Jesus cumpriu essas promessas, como o

apóstolo Mateus nos mostra ao registrar a descendência de Jesus através da linhagem do rei Davi. O número de pessoas que potencialmente poderiam cumprir essas profecias messiânicas diminui expressivamente quando limita a esta família.

O Messias viria de Belém

Os judeus do tempo de Jesus também sabiam que o Messias estava para vir e seria originário de Belém (Mateus 2:3-6). Isto era compreendido perfeitamente ao ler Miquéias 5:2: “E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que governará em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”.

Havia duas cidades chamadas Belém, uma na região de Efrata, em Judá, e outra ao norte, na região da tribo bíblica de Zebulom. Mas a profecia de Miquéias foi precisa. O Messias nasceria em Belém de Efrata. Jesus nasceu nessa Belém de Judá (Mateus 2:1).

As profecias analisadas até agora apontam fortemente para Jesus, mas não são conclusivas. Outras pessoas poderiam se qualificar se usássemos apenas esse critério. Mas isso é só o começo.

A concepção de uma Virgem

Uma profecia notável em Isaías 7:14, chamada “a profecia de Emanuel”, prediz o nascimento único de Jesus por uma virgem: “. . . Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o Seu nome Emanuel”.

Antes de Jesus nascer, um anjo apareceu em sonho a José e disse-lhe que a sua noiva, Maria, estava esperando um filho—concebido não por homem, mas pelo Espírito Santo. O anjo se referiu a essa profecia de Isaías (Mateus 1:18-23; comparar Lucas 1:26-35).

Jesus foi um profeta

Moisés, considerado o maior dos profetas e mestres hebreus, escreveu a profecia messiânica que dizia que Deus faria surgir um profeta igual a ele em Israel, o Qual representaria diretamente a Deus (Deuteronômio 18:15, 18).

Jesus foi visto como um profeta (Mateus 14:5; 21:46; Lucas 7:16; 24:19; João 4:19; 9:17). Depois da multiplicação milagrosa de peixe e pão para alimentar a cinco mil pessoas, Jesus passou a ser considerado especificamente o profeta de quem Moisés tinha falado (João 6:14; comparar 7:40). Pedro, mais tarde, referiu-se explicitamente a Jesus como sendo esse profeta (Atos 3:20-23).

Um sacrifício pelos pecados

As profecias do Antigo Testamento sobre os detalhes do sofrimento e da morte do Messias não foram nem um pouco entendidas nos dias de Jesus. Os judeus acreditavam que o Messias que eles aguardavam seria

um rei vitorioso que os libertaria dos odiosos romanos e restauraria o reino israelita—e não um humilde Mestre que suportaria o sofrimento e a morte pelos pecados da humanidade.

Não obstante, isto é uma das principais áreas da profecia do Antigo Testamento e de seu cumprimento no Novo Testamento. Praticamente, todo o aspecto do sofrimento e morte de Jesus foi escrito detalhadamente séculos antes de acontecer.

O verdadeiro quadro revelado nessas profecias é que o Messias seria “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29). O povo não esperava que o Salvador prometido, o Rei conquistador, viria ser Alguém que primeiro daria Sua vida pelos outros.

Hebreus 10:12 nos diz que a morte de Cristo foi a oferta definitiva

pelos pecados: “Mas este, havendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, está assentado à destra de Deus”. Os versículos 5 a 7 citam Salmos 40:6-8 ao descreverem a vontade de Cristo de se entregar como sacrifício para pagar o preço pelos pecados de todos.



Muitos aspectos do sistema sacrificial da antiga Israel, bem como da festa anual da Páscoa, prenunciavam o sacrifício de Jesus Cristo como “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”.

O sistema sacrificial que Deus instituiu na antiga Israel, foi uma representação do sacrifício de Jesus para pagar esse preço de uma vez por todas. O derramamento de sangue de touros, bezerros, cordeiros e bodes não poderiam tirar os pecados (Hebreus 10:4).

Apenas o sangue derramado do Próprio Criador poderia expiar os pecados dos hebreus bem como o de todos os seres humanos. Os sacrifícios, que foram instituídos na época de Moisés, retratam de forma verdadeiramente gráfica a futura morte sacrificial do Salvador da humanidade pelos nossos pecados. Nesse sentido, o próprio sistema sacrificial foi profético quanto ao Messias.

O Cordeiro de Deus

Os cordeiros da Páscoa que eram imolados no dia 14 do primeiro mês, pelos israelitas (Êxodo 12:3-6; Levítico 23:5), eram um poderoso e incisivo retrato do sacrifício do Messias, embora os israelitas não entendiam isso naquela época.

Neste mesmo dia do calendário hebraico, quando os cordeiros da Páscoa eram imolados, Jesus foi preso, julgado e executado. Ele foi verdadeiramente “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”, como disse João Batista (João 1:29).

Por muitos séculos, os israelitas continuaram não entendendo esse quadro, assim como os judeus do tempo de Jesus, e, só *depois* de ter acontecido é que os discípulos compreenderam que Jesus cumpriu seções inteiras das Escrituras que ninguém suspeitava que fossem cumpridas pelo Messias.

As profecias sobre Sua traição, sofrimento e morte

Nada menos que vinte e nove profecias foram cumpridas no período de 24 horas antes da morte de Jesus. Algumas das mais notáveis são:

Ele seria crucificado. “Traspassaram-me as mãos e os pés” (Salmos 22:16). Essa declaração foi escrita cerca de mil anos antes de acontecer (João 20:25, 27). Talvez o mais notável desta profecia seja a descrição dessa forma de execução, que só começaria a ser praticada por muitos séculos depois—cerca de oitocentos anos iriam passar antes que os romanos adotassem a crucificação como forma de punição para os criminosos condenados.

Seu corpo seria perfurado. “. . . Olharão para mim, a quem traspassaram” (Zacarias 12:10). João nos diz o que aconteceu: “. . . um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água” (João 19:34). João também diz que foi testemunha ocular desse acontecimento (versículo 35) e constata que isso foi o cumprimento dessa profecia: “E outra vez diz a Escritura: ‘Verão aquele que traspassaram’” (versículo 37).

Nenhum dos Seus ossos será quebrado. “Ele lhe guarda todos os seus ossos; nem sequer um deles se quebra” (Salmos 34:20). João disse: “Foram, pois, os soldados, e, na verdade, quebraram as pernas ao primeiro, e ao outro que como ele fora crucificado; Mas, vindo a Jesus, e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas (João 19:32-33).

João confirma que isso é o cumprimento de uma profecia: “Porque isto aconteceu para que se cumprisse a Escritura, que diz: ‘Nenhum dos seus ossos será quebrado’” (versículo 36).

Os soldados lançariam sorte por Suas roupas. “Repartem entre si as minhas vestes, e lançam sortes sobre a minha roupa” (Salmos 22:18). João também testifica que esse detalhe foi cumprido.

“Tendo, pois, os soldados crucificado a Jesus, tomaram as suas vestes, e fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte; e também a



Nas últimas 24 horas da vida de Jesus Cristo foram cumpridas mais de duas dezenas de profecias bíblicas, revelando, antecipadamente, muitos detalhes de Seu sofrimento e sacrifício a nosso favor.

túnica. A túnica, porém, tecida toda de alto a baixo, não tinha costura. Disseram, pois, uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela, para ver de quem será. Para que se cumprisse a Escritura . . .” (João 19:23-24).

Ele oraria pelos seus executores. “. . . Ele . . . intercedeu pelos transgressores” (Isaías 53:12). Jesus orou, “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34).

Ele viria a ser executado com criminosos. “E foi contado com os transgressores . . .” (Isaías 53:12). Mateus 27:38 diz-nos que “foram crucificados com ele dois salteadores, um à direita, e outro à esquerda.”

Ele não retaliaria. “Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a sua boca” (Isaías 53:7).

Mateus 27:12 diz-nos que “sendo acusado pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu”. Pilatos, o governador romano, também tentou obter dele uma resposta: “Disse-lhe então Pilatos: Não ouves quanto testificam contra Ti? E nem uma palavra lhe respondeu, de sorte que o presidente estava muito maravilhado” (versículos 13-14).

Ele seria abandonado pelos Seus seguidores. “Fere ao pastor, e espalhar-se-ão as ovelhas . . .” (Zacarias 13:7). Quando Jesus foi preso, todos os Seus discípulos “O abandonaram e fugiram” (Marcos 14:50).

Ele seria traído por um amigo de confiança. A traição de Jesus por Judas, um de Seus discípulos, foi profetizada em Salmos 41:9: “Até o meu próprio amigo íntimo, em quem eu tanto confiava, que comia do meu pão, levantou contra Mim o seu calcanhar”. Em João 13:18 e versículo 26, Jesus declara cumprida essa profecia quando entrega a Judas um pedaço de pão.

O preço da traição seria de trinta moedas de prata. O fato de Judas ter recebido trinta moedas de prata pela traição de Jesus (Mateus 26:14-15), acredita-se estar profetizado em Zacarias 11:12: “E pesaram o meu salário, trinta moedas de prata”.

E Lhe dariam vinagre e fel. Quando Jesus estava sendo crucificado deram-Lhe vinagre com fel (Mateus 27:34), algo que fora profetizado em Salmos 69:21: “Deram-me fel por mantimento, e na minha sede me deram a beber vinagre”.

Uma vez mais, o número absoluto de profecias e sua precisão, tudo aponta para o cumprimento em uma pessoa, Jesus de Nazaré. Contudo, apesar de tantas testemunhas oculares das profecias cumpridas especificamente, ainda há pessoas que levantam várias objeções.

O cumprimento dessas profecias foi uma invenção?

Uma objeção comum levantada por alguns é a de que Jesus e os Seus seguidores, deliberadamente, tentaram fazer com que essas profecias fossem cumpridas. Vários livros têm defendido essa teoria, entre eles

O Complô da Páscoa. Os defensores dessa ideia alegam que Jesus manipulou acontecimentos de forma a fazer parecer que Ele cumpriu essas profecias. De alguma forma Jesus inventou Sua morte para reviver mais tarde.

Não há dúvida que Jesus tomou algumas medidas para cumprir diretamente certas profecias, tal como conseguir um jumento para nele entrar em Jerusalém e também fazer com que os Seus discípulos tivessem espadas para serem contados como criminosos (ver Mateus 21:1-7; Lucas 22:36-38). Entretanto, isto não era enganação. Afinal de contas, Deus explicou no Antigo Testamento como Ele é capaz de prever o futuro: “. . . eu sou Deus . . . Que anuncio o fim desde o princípio, e desde a antiguidade as coisas que ainda não sucederam . . . porque assim o disse, e assim o farei vir” (Isaías 46:9-11).

Cristo, como Deus em carne, estava simplesmente fazendo acontecer o que Ele tinha predito.

Contudo, se fosse apenas um ser humano comum, Jesus não seria capaz de realizar *tudo quanto fora* profetizado acerca do Messias. Embora a ideia possa parecer intrigante, ela é impossível quando consideramos o que Jesus teria de fazer para executar tudo isso. Para começar, Ele teria que manipular em detalhes Seu próprio local de nascimento e a Sua linhagem familiar. Ele teria de ter arranjar a Sua data de nascimento para quando adulto começasse o Seu ministério e organizasse a Sua morte especificamente dentro do tempo da profecia de Daniel 9. Além disso, Ele teria que arquitetar o Seu próprio nascimento miraculoso através de uma virgem.

Se esta teoria tivesse algum senso de plausibilidade, mesmo assim não faria sentido que Jesus não tivesse cumprido a *expectativa* judaica de um Messias que viria como rei para governar o povo naquela época. Sem dúvida, Jesus teve a oportunidade, de se tornar rei e chefe físico da nação judia. Muitos desejavam segui-Lo e torná-Lo rei (João 6:15; 12:12-19). Em vez disso, Ele tomou o caminho que O levou a um horrível sofrimento e à morte.

Ele cumpriu fielmente as profecias, de acordo com a intenção de Deus, mas contrário ao entendimento comum da Sua época. Ele se fez servo e entregou a Sua vida como pagamento pelos pecados de todos (Mateus 20:28). Seu caráter não condizia com o de um charlatão e falsário—alguém que manipula eventos para seu próprio benefício.

O Cumprimento da profecia é a prova

Deus, que é capaz de controlar todos os acontecimentos, fez com que essas profecias fossem escritas séculos antes de se realizar na pessoa de Jesus de Nazaré. Como Pedro declara: “. . . Deus assim cumpriu [por Jesus Cristo] o que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado” (Atos 3:18).

Paulo reafirma que “Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1 Coríntios 15:3-4).

Vaticinar com precisão esses acontecimentos com antecedência de duzentos a oitocentos anos não é nada menos que um milagre—do tipo que requer conhecimento e poder divino para fazê-los acontecer como predito. Deus não faz as coisas ao acaso. Ele sabia, desde a fundação do mundo, que Seu Filho teria de vir à Terra (1 Pedro 1:20), e anunciou os acontecimentos de Seu nascimento, morte e vida para que tivéssemos evidências concretas para embasar a nossa fé.

A Bíblia Prenuncia O Ano Exato do Surgimento do Messias

Uma espantosa profecia em Daniel 9:25 nos fornece o ano específico em que o Messias surgirá. O anjo Gabriel revelou esta informação a Daniel aproximadamente 580 anos antes de acontecer. Vamos analisar essa notável profecia e seu cumprimento.

“Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar, e para edificar a Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas...” (ACF).

A palavra aqui traduzida por “semanas” significa literalmente “setes”. Conquanto, pode significar um semana de sete dias, porém não é caso aqui. Daniel, no capítulo anterior, esteve orando, especificamente, a respeito de um período profético de setenta anos. Em resposta a essa prece, ele é informado de um período de setenta “setes”—que significa claramente setenta “setes” *de anos* neste contexto, ou seja, setenta períodos de sete anos.

Acrescentando 7 a 62 teremos 69 períodos de sete anos—isto é, um total de 483 anos—a partir do decreto



Este cilindro gravado com escrita cuneiforme, no ano 538 A.C., no reinado de Ciro, da Pérsia, registra a sua conquista da Babilônia e a sua política de tolerância religiosa. Ele estabelece as condições por meio de um decreto para um sucessor, e nos diz o ano exato em que o Messias aparecerá—27 E.C., o ano em que Jesus começou o Seu ministério público.

de reconstrução das muralhas de Jerusalém, chegamos ao ano em que surgiria o Messias.

Depois de a Babilônia destruir Jerusalém, em 586 a.C., o império babilônico foi sucedido pelo império medo-persa. Os reis deste império

emitiram diversos decretos, que foram registrados na Bíblia (o de Ciro, em 538 a.C., o qual encontra-se em Esdras 1:1-2, e o de Dario, em 520 a.C., descrito em Esdras 6:8).

Mas o que foi emitido por Artaxerxes Longimanus, em 457 a.C. (Esdras 7:11-26), aponta-nos especificamente para o ministério de Cristo. Contando-se 483 anos a partir de 457 a.C., data deste decreto, chega-se ao ano 27 E.C. [Era Comum] (tenha em conta que não há ano "0" [zero], pelo que tem que se acrescentar um ano ao cálculo, ou seja, $483-457+1=27$).

O ano 27 da era cristã foi um ano significativo. Pois, nesse ano Jesus foi

batizado e começou o Seu ministério público.

Certamente, os judeus do tempo de Cristo estavam familiarizados com a profecia de Daniel. E, independente de qual decreto escolher como ponto de partida para esses 483 anos, o tempo para o surgimento do Messias tinha que ter ocorrido durante os dias de Jesus. O fervor messiânico era enorme devido a que estava próximo o cumprimento dessa profecia (comparar João 1:41; 4:25).

Se o Messias estava por vir, Ele teria de aparecer em cena precisamente quando Jesus apareceu—exatamente naquele ano!

Jesus Nasceu em 25 de Dezembro?

A maioria das pessoas crê que Cristo nasceu em 25 de dezembro. Como sabemos, essa data é celebrada em todo o mundo como o dia de Seu nascimento. Contudo, uma análise cuidadosa das Escrituras nos indica que 25 de dezembro é uma data improvável para o nascimento de Cristo. Aqui estão duas razões principais:

Primeiro, sabemos que pastores estavam nos campos vigiando os seus rebanhos durante a noite em que Jesus nasceu (Lucas 2:7-8). Entretanto, na Judeia, os pastores não ficavam nos campos durante a noite no mês de dezembro devido à falta de pastagem e ao mau tempo.

Segundo o livro *Celebrations: The Complete Book of American Holidays* (Celebrações: O Livro Completo dos Dias Santos Americanos), o registro de Lucas "sugere que Jesus tenha nascido no verão ou princípio do outono. Pois, o mês de dezembro é frio e chuvoso na Judeia, provavelmente os pastores ficavam em abrigos com os seus rebanhos durante a noite" (p. 309).

Da mesma forma, o *The Interpreter's One-Volume Commentary* (Comentário do Intérprete Volume Único) diz que essa passagem argumenta "contra o nascimento [de Cristo] ter ocorrido em 25 de dezembro, visto que o tempo não permitiria" os pastores

cuidarem dos rebanhos nos campos durante a noite.

Segundo, os pais de Jesus vieram de Belém por causa de um censo romano (Lucas 2:1-4). Os romanos sabiam que seria absurdo fazer um censo no meio do inverno, quando as temperaturas estavam abaixo de zero grau e as estradas ficavam quase intrasitáveis. Realizar um censo em tais condições seria um fracasso.

A maioria das pessoas crê que Cristo nasceu em 25 de dezembro. Como sabemos, essa data é celebrada em todo o mundo como o dia de Seu nascimento. Contudo, uma análise cuidadosa das Escrituras nos indica que 25 de dezembro é uma data improvável para o nascimento de Cristo.

Por isso, se Jesus não nasceu no dia 25 de Dezembro, a Bíblia fornece alguma pista sobre o dia de Seu nascimento? Os registos bíblicos, baseados nos detalhes da concepção e nascimento de João Batista, apontam o mês do início do outono daquele ano no Hemisfério Norte como a época mais provável do nascimento de Jesus.

E como Isabel (mãe de João Batista) estava em seu sexto mês de gravidez, quando Jesus foi concebido (Lucas 1:24-36), então podemos determinar o tempo aproximado do ano do

nascimento de Jesus se soubermos quando João nasceu. O pai de João, Zacarias, era um sacerdote em serviço no templo de Jerusalém, durante o período de serviço da ordem de Abias (Lucas 1:5). Cálculos históricos indicam que esse turno de serviço correspondia ao período de 13 a 19 de junho daquele ano (*The Companion Bible*, 1974, Appendix 179, p. 200—A Bíblia Companheira, 1974, Apêndice 179, p. 200).

Durante esse tempo de serviço no templo é que Zacarias soube que teria uma criança (Lucas 1:8-13). Depois de completar o seu turno e regressar a casa, Isabel deu à luz (versículos 23-24). Se considerarmos que a concepção de João ocorreu por volta do fim do mês de junho e adicionarmos nove meses a essa tempo, então temos o fim do mês de março como a época mais provável do nascimento de João. E, acrescentando a isso mais seis meses (a diferença de idade entre João e Jesus), chegamos ao fim de setembro como tempo provável do nascimento de Jesus.

Apesar de ser difícil determinar quando foi a primeira vez que alguém celebrou o dia 25 de Dezembro como Natal, em geral, os historiadores concordam de que foi em alguma data durante o século quarto.

Mas, essa é uma data incrivelmente tardia. O Natal não foi observado em Roma, capital do Império Romano, até cerca de trezentos anos depois da morte de Cristo. As suas origens não podem ser determinadas nem pelos ensinamentos nem pelas práticas dos primeiros cristãos.

Uma Vida Impecável e Miraculosa

“E muitos da multidão creram nEle, e diziam: ‘Quando o Cristo vier, fará ainda mais sinais do que os que Este tem feito?’” (João 7:31).

Viver uma vida sem pecado seria um feito único, mas não provaria necessariamente que se é Deus. Contudo, Jesus declarou que era Deus vivendo uma vida imaculada e virtuosa, apoiando Sua declaração na realização de milagres, e isso faz toda a diferença.

A Bíblia declara que “. . . o pecado é a quebra da lei” (1 João 3:4, BLH). Paulo diz-nos que “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Romanos 3:23).

Mais tarde, Paulo diz: “o salário do pecado é a morte” (Romanos 6:23). Deus não faz concessões com a Sua lei santa e justa. Jesus disse que “nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido” (Mateus 5:18). A pena pela transgressão dessa lei tem que ser paga.

Conquanto todos pecamos, então todos merecem a morte, como diz Paulo. Esse é o destino de todos os seres humanos—*a não ser que* alguém viesse e cumprisse as exigências da lei. *Jesus fez isso*. E foi necessário que o próprio *Deus* fizesse isso, como veremos em um capítulo posterior. A vida de nenhum ser humano seria suficiente para satisfazer as exigências da lei por *toda* a humanidade.

Uma vida que pudesse satisfazer a pena dos pecados de todos nós teria de ser muito *maior* que as vidas de toda a humanidade—ou seja, teria de ser a vida *do Próprio Criador*.

E isso—a entrega da vida do Deus Criador para que os seres humanos pudessem viver—foi previsto antes da criação da humanidade. Jesus, como vimos, é o *Criador* de todas as coisas—e, por conseguinte, *maior que todas as coisas*, e nEle está o valor inerente para satisfazer essa exigência.

Por isso, era essencial que Jesus vivesse uma vida sem pecado. “Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:21).

Ele tornou-se o sacrifício pelo pecado que a lei exigia. “E, porque

Viver uma vida sem pecado seria um feito único, mas não provaria necessariamente que se é Deus. Contudo, Jesus declarou que era Deus vivendo uma vida imaculada e virtuosa, apoiando Sua declaração na realização de milagres, e isso faz toda a diferença.

Jesus Cristo fez o que Deus quis, nós somos purificados do pecado pela oferta que Ele fez, uma vez por todas, do Seu próprio corpo” (Hebreus 10:10, BLH).

Jesus sabia que *esse era um dos maiores propósitos da Sua vinda à Terra para viver uma vida humana*. “Agora estou sentindo uma grande aflição. O que é que vou dizer? Será que vou dizer: Pai, livra-Me desta hora de sofrimento? Não! Pois foi para passar por esta hora que Eu vim” (João 12:27, BLH).

Uma vida inocente ceifada por nossa causa

O profeta Isaías diz-nos que Deus Pai “fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos” (Isaías 53:6) e “pela transgressão do meu povo Ele foi atingido” (versículo 8). Então Isaías expressa a Sua inocência: “ainda que nunca cometeu injustiça, nem houve engano na Sua boca” (versículo 9).

Pedro, usando as palavras de Isaías depois da morte de Jesus, confirma que assim aconteceu. “Porque para isto sois chamados; pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as Suas pisadas. ‘O qual não cometeu pecado, nem na Sua boca se achou engano’. O qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente; Levando Ele mesmo em seu corpo os nossos pecados . . .” (1 Pedro 2:21-24).

Que espantoso legado! Nenhum pecado! Nem por palavra, por ato e nem por pensamento, mesmo quando sob a maior tentação e pressão! Hebreus 4:15 diz isto assim: Ele, “Um que, como nós, em tudo foi tentado, *mas sem pecado*”.

Existem pessoas que se acham justas e até mesmo perfeitas. Mas poucos vão levá-las a sério, especialmente os mais próximos a elas. Porém, as pessoas próximas a Jesus—que viajaram, comeram, caminharam e falaram com Ele constantemente durante Seu ministério—*testificaram e estavam dispostas a morrer pela crença* de que Ele era o *Filho de Deus sem pecado*.

Jesus desafiou os Seus inimigos, “Qual de vocês pode provar que eu tenho algum pecado?” (João 8:46, BLH). Os registros mostram que a única coisa que os inimigos de Jesus podiam fazer era proferir alegações absurdas e insustentáveis: “*Nós não somos filhos ilegítimos . . .*”—insinuando que Jesus o era (versículo 41); “*Ele engana o povo!*” (João 7:12, BLH); e “*Tem demônio e está fora de si*” (João 10:20). Até em Seu julgamento os Seus acusadores tiveram de recorrer a falsas testemunhas porque ninguém podia testificar qualquer falta que Ele tivesse cometido (Mateus 26:59-61).

Até mesmo aqueles que não eram Seus discípulos concordavam que o caráter de Jesus de Nazaré era impecável. O veredito de Pilatos foi: “nenhum crime acho nEle” (João 19:6). O centurião que comandou a execução de Jesus, tendo testemunhado uma pessoa de mente e espírito

jamais visto, “deu glória a Deus, dizendo: ‘Na verdade, este homem era justo’” (Lucas 23:47).

Um dos criminosos, que foi crucificado com Cristo, anuiu o seu testemunho sobre a retidão de caráter que observou. Censurou o outro condenado, dizendo: “Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas Este nenhum mal fez” (versículos 40-41).

Jesus viveu uma vida virtuosa e sem pecado, como foi confirmado por quem O conheceu na vida cotidiana e também em circunstâncias difíceis. Até mesmo os membros de Sua família que O conheciam desde a infância—os Seus meios-irmãos, que inicialmente não criam nEle (João 7:5)—acabaram reconhecendo-O como o perfeito e imaculado filho de Deus (ver “As relações familiares de Jesus”, na página 65). Por si só, o caráter de Sua vida foi uma evidência da verdade que Ele proclamou acerca de Si mesmo.

A vida miraculosa de Jesus

A vida de Jesus foi marcada por milagres desde o início. Nasceu de uma virgem, transformou água em vinho, caminhou sobre as águas e acalmou uma tempestade. Ele multiplicou pão para alimentar uma multidão, abriu os olhos de cegos, curou coxos e sarou leprosos. Ele curou muitas doenças de pessoas de toda classe social, expulsou demônios e até trouxe mortos de volta à vida.

Esses milagres foram tão impressionantes que o povo até comentava: “Quando o Cristo vier, fará ainda mais sinais do que os que Este tem feito?” (João 7:31).

Jesus citou Seus milagres como prova de quem Ele era. Ele disse a alguns que O questionavam: “As obras que Eu faço, em nome de Meu Pai, essas testificam de Mim” (João 10:25). Jesus assinalou os milagres como prova cabal de que Ele era o Filho de Deus: “Se não faço as obras de Meu Pai, não Me acrediteis. Mas, se as faço, e não credes em Mim, crede nas obras; para que conheçais e acrediteis que o Pai está em Mim e Eu nEle” (versículos 37-38).

Quando os mensageiros de João Batista foram conversar com Jesus, eles Lhe perguntaram se Ele era na verdade Aquele que estava para vir em cumprimento de todas as profecias messiânicas; observe a resposta de Jesus: “. . . Ide, e anunciai a João as coisas que ouvís e vedes: os cegos veem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho” (Mateus 11:1-5). Certamente, Jesus esperava que João entendesse que tais feitos seriam toda a evidência necessária.

Os milagres demonstraram claramente quem era Jesus, pois essa era a Sua intenção. Ele curou um paralítico com as seguintes palavras: “Filho, perdoados estão os teus pecados” (Marcos 2:5). Ele esclareceu aos que

O rodeavam o motivo pelo qual estava curando aquele homem: “Para que saibais que o Filho do homem tem na terra poder para perdoar pecados” (versículo 10). Os Seus críticos, percebendo a indireta, disseram: “Quem pode perdoar pecados, senão Deus?” (versículo 7).

Noutra ocasião disse Ele: “. . . se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, logo é chegado a vós o reino de Deus” (Mateus 12:28). Jesus queria que entendessem que estavam lidando com alguém que tinha o poder do Espírito de Deus e representava o verdadeiro Reino de Deus.

Os fariseus pedem um sinal

Contudo, essas curas milagrosas não eram suficientes para os cétricos. Eles queriam mais. Por duas vezes, eles Lhe pediram um sinal miraculoso (Mateus 12:38; 16:1). A Sua resposta foi a mesma em ambas as ocasiões: “Uma geração má e adúltera pede um sinal, porém, não se lhe dará outro sinal senão o do profeta Jonas” (Mateus 12:39; 16:4).

Os cétricos, em Mateus 12, tinham acabado de testemunhar um milagre de Jesus, que expulsou um demônio e, desse modo, curou o homem cego e mudo (versículo 22). Eles justificavam a sua incredulidade reclamando que Jesus operava milagres pelo poder do demônio (versículo 24). Jesus mostrou-lhes o quanto o argumento deles era ridículo e prosseguiu dando-lhes um advertência severa por negarem o que tinham acabado de ver com os seus próprios olhos.

Eles relutavam em aceitar a óbvia conclusão desses feitos, então pediram outro sinal. Jesus, então, concluiu: “Os ninivitas ressurgirão no juízo com esta geração, e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis que está aqui *Quem é mais do que Jonas*” (versículo 41).

Jesus estava dizendo que o milagre que eles presenciaram, mas que decidiram ignorar, era a prova suficiente e razoável para demonstrar quem Ele era. Os seus pedidos de sinais tiveram como resposta uma repreensão de Jesus. Então, Ele simplesmente afastou-se deles (Mateus 16:4). O único sinal que lhes deu—“o sinal do profeta Jonas”—seria a Sua prova definitiva de que Ele era, na verdade, o Filho de Deus. Que prova foi essa? Que Ele permaneceria na sepultura, depois de Sua morte, apenas e pre-



O sinal definitivo dado por Jesus de que Ele era o Messias prometido foi “o sinal do profeta Jonas”—i.e., de que Ele permaneceria sepultado durante três dias e três noites, e sendo depois ressuscitado dentre os mortos. Os Evangelhos registram que os Seus discípulos entraram no túmulo depois do fim desse período de tempo e encontraram vazio o sudário em que o Seu corpo foi envolto.

cisamente três dias e três noites, porque ressuscitaria ao fim desse tempo (ver “Quando Jesus Cristo foi Crucificado e Ressuscitado?” na página 48).

Começando e terminando com milagres

Os milagres sempre têm sido um desafio para os céticos. Se uma pessoa toma uma posição de negar qualquer coisa que desafie as leis da natureza—algo sobrenatural—então, a conclusão certamente é que esses milagres não aconteceram. Portanto, essa pessoa vai procurar outro meio para explicar esses eventos registrados na Bíblia—ou simplesmente vai negá-los completamente.

Mas o registro histórico sobre Jesus, na verdade, mostra que a Sua vida física aqui na Terra começou com uma intervenção da vontade divina, que impôs o Seu poder sobre as leis naturais—como é o caso da virgem conceber e dar à luz um Filho. A história dos Evangelhos termina da mesma forma—com o poder divino expandido para ressuscitar Jesus de novo à vida. A Sua vida inteira foi um milagre do início ao fim—e também no novo início. Aprenderemos mais sobre isso no próximo capítulo.

Jesus Realmente Podia Fazer Milagres?

Uma das maiores objeções sobre milagres é a de que eles violam a lei natural. A lei natural é imutável, por conseguinte, ela não pode ser violada, argumentam os críticos.

Se Deus não existisse, então, isso poderia ser verdade. Mas de onde vêm as leis naturais da física, da energia e da matéria? Como surgiram? Será que essas leis exatas e impressionantes surgiram por si mesmas? Todo aquele que nega a existência de um criador não consegue responder essa incógnita.

Mas se Deus é real, devemos esperar que os milagres—da forma exata como são registados nos Evangelhos—sejam parte da vida Daquele que desejou provar Sua identidade divina aos que O rodeavam.

A rigor, Jesus mesmo não fez milagres, pois Ele renunciou a esse poder divino (Filipenses 2:6-8). Ele disse claramente que não tinha a capacidade de fazer obras sobrenaturais por Si mesmo ao dizer: “o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma” (João 5:19) e “Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma” (versículo 30). Então, obviamente, Jesus confiou em Deus Pai para realizar os diversos milagres que caracterizaram o Seu ministério (João 14:10).

Para Deus, o onipotente Criador das leis naturais, nada é muito intervir, sobrenaturalmente, em Sua criação para realizar algo que pode nos parecer impossível. Jesus disse: “a Deus tudo é possível” (Mateus 19:26). Na verdade, existem milagres. No caso de Cristo, o Pai atendeu todas as Suas preces e apoiou todas as Suas ordens, como os discípulos de Cristo reconheceram em Mateus 8:27, pois até mesmo o vento e o mar Lhe obedeceram.

Jesus Realmente Morreu e Voltou a Viver?

“Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas
(Atos 2:32).

Dentre as maiores provas de que Jesus é exatamente Quem disse que era—o Filho de Deus e O único através de quem a vida eterna é oferecida—está a Sua ressurreição dentre os mortos.

Os Seus seguidores estavam convencidos de que Ele era o Messias e também o Filho de Deus. Os Seus milagres, a Sua vida sem pecado e os Seus ensinamentos, tudo isso provou quem Ele era. Mas a Sua ressurreição confirma definitivamente todas as Suas declarações às pessoas.

O espantoso perceber que Jesus arriscou tudo em Suas afirmações de que morreria e voltaria a viver. Em diversas ocasiões Ele predisse a Sua própria ressurreição. “E começou a ensinar-lhes que importava que o Filho do homem padecesse muito, e que fosse rejeitado pelos anciãos e príncipes dos sacerdotes, e pelos escribas, e que fosse morto, mas que depois de três dias ressuscitaria” (Marcos 8:31).

Quando os escribas e os fariseus Lhe pediram um sinal, Ele disse que apenas um sinal seria dado: “Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra” (Mateus 12:40, ARA).

É muito arriscado predizer a sua própria ressurreição. Contudo, Jesus não só a predisse, mas também anunciou com precisão *quando* ressuscitaria (ver “Quando Jesus Cristo Foi Crucificado e Ressuscitado?” na página 48).

Tudo se resume a esse acontecimento. Como sabemos que a ressurreição de Jesus aconteceu?

Se a ressurreição não aconteceu como Ele disse, então não há razão para acreditar que a forma de vida transmitida por Cristo seja melhor ou mais justa do que a de qualquer outra religião. Não haveria nada sensacional acerca de Jesus de Nazaré; Ele seria simplesmente outro charlatão religioso.

Mas se a ressurreição aconteceu realmente, então temos uma diferença muito grande entre Jesus e todos os outros líderes religiosos: Os ensinamentos de Jesus são verdadeiros, tudo quanto Ele disse é verdade e Ele é exatamente quem disse que era.

No seu livro *Reasonable Faith (Fé Razoável)* o Dr. William Craig apresenta três grandes fatos, estabelecidos independentemente, nos quais se baseiam a evidência da ressurreição de Jesus: o túmulo vazio, as aparições da ressurreição e a origem da fé cristã (p. 272). Examinemos os detalhes e as implicações de cada um deles.

Jesus realmente morreu?

A morte e sepultamento de Jesus é um dos fatos mais bem estabelecidos sobre Ele. Diversas vezes, A Bíblia diz que Ele morreu. Alguns críticos argumentam que Jesus não estava completamente morto quando foi posto no sepulcro. O Alcorão, livro considerado sagrado pelos muçulmanos, diz que Jesus apenas parecia estar morto. Alguns cétricos afirmam que Ele simplesmente *parecia* estar morto, possivelmente drogado, mas acordou quando estava no túmulo e escapou para convencer os Seus discípulos de que tinha ressuscitado dos mortos.

Mas quando examinamos os fatos, o que essas teorias sugerem é fisicamente impossível. A dimensão das torturas e das feridas de Jesus era tamanha que nenhum homem poderia sobreviver à crucificação e a três dias e três noites de isolamento num sepulcro escuro e frio.

Dizer que Ele estava drogado é ignorar o registro histórico, pois Ele não aceitou nem o analgésico que se costumava dar aos condenados à crucificação (Marcos 15:23). Mais tarde, ofereceram-Lhe vinagre, numa esponja, mas não há indicação de um efeito sedativo disso em Jesus por causa de Sua evidente agonia e Seu derradeiro grito de morte (versículos 36-37).

A morte nas mãos dos carrascos e executores romanos era certa e podia acontecer por diversas causas. O jornalista Lee Strobel, numa entrevista com o Dr. Alexander Metherell, descreve a morte de Jesus sob o ponto de vista médico (*The Case for Christ, [Em Defesa de Cristo]*, 1998, pp. 193-200).

Jesus fora constantemente espancado e flagelado com um açoite romano antes de Sua crucificação (Mateus 27:26). O açoite de couro, uma espécie de chicote, era feito de forma a infligir o máximo dor e dano à vítima. Era provido de pedaços de ossos e de metais entrelaçados nas pontas para dilacerar a carne a cada chicotada. O açoite penetrava nos músculos subjacentes e arrancava tiras de carne ensanguentadas.

Eusébio, historiador do terceiro século, escreveu que “as veias da vítima eram expostas e até os músculos, tendões e entranhas eram expostos” (citado por Strobel, p. 193). Muitas vítimas morriam durante a flagelação e nem chegavam a ser crucificadas.

A dor extrema, em conjunto com a perda de sangue, muitas vezes fazia com que a vítima entrasse em choque—a sua pressão arterial caíria e causaria desmaio, colapso e sede intensa. Os Evangelhos registram que Jesus sentiu todos esses sintomas a caminho do Gólgota. Enfraquecido a ponto de colapsar, Ele não pôde mais com o peso do madeiro que carregava e, um espectador, Simão, o Cireneu, foi forçado a carregá-lo por Ele em parte do caminho (Marcos 15:21). Quando Jesus foi crucificado, disse, “tenho sede” (João 19:28).

Mas, além disso, Ele já tinha sofrido violentos açoites antes da flagelação. Em Seu julgamento, perante o sinédrio, “cuspiram-lhe no rosto e lhe

davam murros, e outros o esbofeteavam, dizendo: Profetiza-nos, Cristo, quem é o que te bateu?” (Mateus 26:67-68). Quando entregaram-Lhe aos soldados romanos, eles O maltrataram ainda mais, com chutes, murros e cravaram uma coroa de espinhos em Sua cabeça (Mateus 27:29-30; Marcos 15:16-19; João 19:3).

Temos uma indicação da magnitude dessa punição em Isaías 50:6: “Ofereci as Minhas costas aos que Me batiam e o rosto aos que arrancavam a Minha barba. Não tentei Me esconder quando Me xingavam e cuspiam no Meu rosto” (BLH).

Outra profecia, Isaías 52:14, descreve isso de forma ainda mais gráfica: “. . . Ele estava tão desfigurado, que nem parecia um ser humano” (BLH). Isso quer dizer que Ele foi brutalmente espancado, estava tão deformado e sangrava tanto *que dificilmente era reconhecido como um ser humano*.

Parece que Pilatos pensou que quando apresentasse Jesus à multidão, depois dos açoites e da flagelação, Ele estaria em um estado tão lastimável que isso satisfaria a sede de sangue de Seus acusadores (João 19:1, 4-6). Mas o ódio deles pelo homem de Nazaré ensanguentado não seria satisfeito. Pois, insistiram que Ele fosse crucificado.

A agonia da crucificação

Por causa dos efeitos desses açoites e da flagelação, sob o ponto de vista médico, Jesus já estaria numa condição crítica antes mesmo de ser levado para ser crucificado (Dr Alexander Metherell, médico, citado por Strobel, p. 196).

Normalmente, numa crucificação, os romanos usavam cravos de ferro, de 12 a 18 centímetros de comprimento e cerca de 9 milímetros de espessura, para pregar os pulsos e os pés das vítimas para fixá-las ao madeiro. A Bíblia diz que pregaram as mãos de Jesus, mas na linguagem dos tempos de Jesus o pulso era considerado parte da mão. Eles pregaram o pulso, entre os ossos do braço, porque as mãos não podiam suportar o peso do corpo.

Essa maneira de fixar os pregos ganhou respaldo na descoberta, em 1968, em Jerusalém, dos ossos de um homem que foi crucificado e sepultado em túmulo no primeiro século. O osso do seu calcanhar direito



A crucificação era um tipo de morte muito dolorosa, em que, às vezes, as vítimas agonizavam por vários dias.

ainda tinha um grande prego de ferro afixado nele e um dos ossos de seu antebraço direito tinha um sulco e marcas de corrosão consistentes com a fixação de um prego entre os dois ossos do braço, junto ao pulso.

Os pregos cravados nos pulsos esmagariam o nervo intermediário, o maior nervo que se dirige à mão, causando dor indescritível. “Na verdade, ela está além da descrição por palavras. Foi necessário inventar uma nova palavra: *excruciante*. Essa palavra significa literalmente ‘da cruz’”.

“Veja só: foi necessário criar uma nova palavra, porque não havia nenhuma na língua que pudesse descrever a angústia terrível provocada pela crucificação” (citado por Strobel, pp. 197-198). Os pregos cravados nos pés provocariam uma dor semelhante à das mãos”.

Não se sabe com certeza se Cristo foi crucificado num simples madeiro ou em uma cruz (ver “Formas Romanas de Crucificação”). De qualquer forma, ser pendurado pelos braços causaria fortes tensões no Seu corpo. Os Seus braços teriam sido estirados alguns centímetros e Seus ombros provavelmente foram deslocados.

A profecia do sofrimento de Cristo em Salmos 22:14 refere-se à Sua condição de torturado: “Como água Me derramei, e todos os Meus ossos se desconjuntaram; o Meu coração é como cera, derreteu-se dentro de Mim”.

O Dr. Metherell continua com a descrição das agonias que Jesus suportou: “Uma vez que a pessoa está pendurada em posição vertical... a crucificação é, em essência, uma lenta agonia até a morte por asfixia. A razão para isso é que a tensão dos músculos e do diafragma deixa o peito na posição de inalar. Para exalar, a pessoa tem de firmar-se sobre os pés, para aliviar por um pouco a tensão dos músculos. Ao fazer isso, o prego rasga o pé, até se prender contra os ossos do tarso”.

“Depois de conseguir exalar, a pessoa pode relaxar e inalar novamente. Depois tem de empurrar-se novamente para cima, para exalar, esfregando suas costas esfoladas contra a madeira áspera da cruz. Isso se repete até que a exaustão total toma conta, e a pessoa não consegue mais se erguer para respirar” (Strobel, pp. 265-266).

Qual foi a causa da morte de Jesus?

Muitas pessoas pensam que Jesus morreu simplesmente de trauma, ou asfixia, que eram causas comuns de morte por crucificação. Vários médicos têm estudado a execução por crucificação e chegaram a conclusões semelhantes. Alguns teólogos e igrejas têm ensinado que Jesus morreu por de ataque cardíaco. É possível saber o que realmente O matou?

Zacarias 12:10 contém uma profecia da crucificação de Jesus. Referindo-se aos habitantes de Jerusalém, ela diz: “. . . olharão para Mim, a quem traspassaram . . .” Uma e outra vez as Escrituras falam da importância do sangue derramado de Jesus (Atos 20:28; Efésios 2:13; Hebreus 9:11-14; 1 Pedro 1:18-19). O próprio Jesus disse que o vinho da Páscoa do Novo

Testamento representava o Seu “. . . sangue; o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão dos pecados” (Mateus 26:28, ARA).

Está claro que o foco central do sacrifício de Cristo era o Seu sangue, o qual Ele derramou em sacrifício pelos pecados de toda a humanidade. Lamentavelmente isto está, de certa forma, obscurecido em João 19:30-34, o que faz querer parecer que Jesus tinha morrido e depois foi lanceado por um dos soldados romanos, “e logo saiu sangue e água” (versículo 34). Contudo, há um problema nessa interpretação, se fosse essa a ordem dos acontecimentos, porque quando o coração para, ele não bombaria mais o sangue, pois os cadáveres não sangram assim.

Esse problema é resolvido quando analisamos vários manuscritos mais antigos do Evangelho de Mateus [como, por exemplo, o manuscrito Grego *Aleph BCL*], os quais contêm palavras que aparecem em algumas traduções da Bíblia, mas que foram omitidas nas versões em português. Essas palavras omitidas relatam a sequência correta dos acontecimentos.

Na versão Bíblica Inglesa ‘The Twentieth Century New Testament’ [O Novo Testamento do Século Vinte], que inclui essas palavras omitidas, lê-se: “E cerca das três [horas da tarde] Jesus exclamou em voz alta: ‘Eli, Eli, lamá sabactâni; isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?’ E alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam [erradamente]: ‘Este chama por Elias!’

“E logo um deles, correndo, tomou uma esponja, e embebeu-a em vinagre, e, pondo-a numa cana, dava-lhe de beber. Os outros, porém, diziam: ‘Deixa, vejamos se Elias vem livrá-lo’. *Contudo, outro homem, pegou numa lança e perfurou-Lhe o lado; e água e sangue brotou dEle.* Mas Jesus, clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito” (Mateus 27:46-50).

As palavras omitidas, destacadas aqui em *itálico*, mostram que Jesus foi lanceado, gritou em voz alta e depois morreu. Outras versões que contêm essas palavras omissas, são a *Tradução de Moffatt* e a *Bíblia Enfatizada de Roterdã*, ambas em inglês. Várias outras versões inglesas da Bíblia incluem notas à margem informando essas omissões.



Alguns creem que Jesus Cristo morreu de parada cardíaca, entretanto, detalhes nos Evangelhos contam-nos uma história diferente—que Jesus morreu por um golpe de lança de um soldado romano.

Então, a descrição de Mateus está em conflito com a de João? Não. Ambas descrevem os mesmos acontecimentos, mas a partir de diferentes perspectivas.

A descrição de Mateus vai imediatamente da morte de Jesus para a descrição da rasgadura ao meio do véu do templo. A descrição de João concentra-se no fato de que nenhum osso de Jesus foi quebrado, em contraste com os dois criminosos condenados com Ele. Então, João explica que Jesus *já tinha* morrido e por isso os Seus ossos não foram quebrados—o Seu lado já tinha sido perfurado com uma lança (João 19:31-34).

João, no versículo 36, diz-nos que isso ocorreu em cumprimento de Salmos 34:20 e do simbolismo do cordeiro da Páscoa, que seria morto sem ter nenhum osso quebrado (Êxodo 12:6, 46; Números 9:12). Os cordeiros da Páscoa, que tinham o seu sangue derramado para salvação dos israelitas (Êxodo 12:6-7, 13), representavam Jesus, “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29).

O último golpe fatal

Continuando em João 19:37, o apóstolo explica que a profecia de Zacarias 12:10, na qual diz que o corpo de Jesus seria traspassado, acabara de ser cumprida. Qual foi o golpe fatal que acabou com a vida de Jesus?

O doutor de medicina, Dr. John Lyle Cameron, explica: “O soldado romano; era bem treinado e hábil e sabia cumprir o seu dever. Ele sabia que parte do corpo devia perfurar para conseguir um resultado rápido e fatal ou garantir que a vítima estivesse inegavelmente morta...”

“O soldado, pondo-se abaixo do nosso Senhor crucificado e pendurado na cruz, desferiria a lança debaixo das costelas da esquerda para cima. A ponta larga da lança de dois gumes afiados entraria pelo lado esquerdo da parte superior do abdômen, abrindo o . . . estômago, perfurando o diafragma e cortando ao meio o coração e os grandes vasos sanguíneos, artérias e veias . . . e, por fim, dilaceraria o pulmão.

“A ferida seria suficientemente grande de forma a caber uma mão aberta [comparar João 20:24-27]. O sangue . . . , juntamente com água do . . . estômago, se derramariam em abundância. O acontecimento, na íntegra, descrito por São João, sem dúvida, ocorreu, pois nenhum escritor poderia dar detalhes tão coerentes e vívidos desse fato, sem que ele ou alguém tivesse testemunhado esse evento” (citado por R.V.G. Tasker, *Tyndale New Testament Commentaries: John*, [Comentários por Tyndale do Novo Testamento: João] 2000, pp. 212-213).

A ideia de que Jesus não tinha morrido, mas que estava desmaiado ou que tivesse sido drogado e que, mais tarde, havia ressuscitado, não tem nenhum fundamento, quando analisamos as claras afirmações de que Ele havia morrido. O apóstolo João foi testemunha ocular dessa morte, pois estava presente lá com outros, enquanto se

desenrolavam esses eventos (João 19:25-27, 35).

Os soldados romanos também sabiam que Ele estava morto. Eles não eram especialistas em medicina, mas estavam habituados a ver execuções e sabiam quando alguém estava morto. Antes de entregar o corpo de Jesus a José de Arimateia, Pilatos confirmou com o centurião, que supervisionou toda a execução, de que Jesus estava realmente morto (Marcos 15:43-45).

Mesmo que Jesus conseguisse sobreviver fisicamente a crucificação, como Ele poderia ter sobrevivido durante três dias e três noites num túmulo fechado, sem nenhum cuidado ou tratamento médico?

Há outro ponto aqui que devemos analisar: Assumindo a ideia, evidentemente impossível, que um homem de alguma maneira ou outra pudesse ter sobrevivido a tudo isso, as descrições das aparições de Jesus aos Seus discípulos, depois dessa experiência, seriam ainda muito mais impossíveis. Pois, se Ele, de algum modo, tivesse conseguido sobreviver, certamente não poderia parecer com Alguém que inspiraria os Seus discípulos a proclamar que tinha ressuscitado a um estado glorioso e poderoso. Ele seria um homem severamente desanimado e ferido—psicologicamente traumatizado e fisicamente inválido e mutilado pelo resto da vida.

Qualquer teoria que pretenda dizer que, de fato, Jesus não morreu, não pode ser levada a sério à luz das claras evidências existentes.

O enterro de Jesus

Jesus foi enterrado por José de Arimateia num túmulo novo que José tinha reservado para si mesmo.

Visto que José de Arimateia era um membro do mesmo tribunal supremo Judaico que condenou Jesus, é improvável que ele fosse uma invenção cristã. O Evangelho de Marcos diz-nos que: “José de Arimateia, senador honrado, . . . ousadamente foi a Pilatos, e pediu o corpo de Jesus” (Marcos 15:43).

Dada a permissão para levar o corpo, José “comprara um lençol fino, e, tirando-o *da cruz*, o envolveu nele, e o depositou num sepulcro lavrado *numa rocha*; e revolveu uma pedra para a porta do sepulcro” (versículo 46).

Ninguém que tentasse criar uma falsificação inventaria uma pessoa que não existisse e diria que ela era um membro do sinédrio, o conselho governante da nação judaica. Os membros do sinédrio eram bastante conhecidos. Porque José era uma figura respeitável pública, muitas pessoas deveriam saber onde estava o seu túmulo. Se Jesus não tivesse sido sepultado em seu túmulo, o artifício teria sido descoberto com muita facilidade.

Observe também as precauções tomadas para que nada acontecesse ao corpo de Jesus, uma vez que ele fosse posto no túmulo: “no dia seguinte, . . . os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, em casa de Pilatos,” disseram:

“Senhor, lembramo-nos de que aquele enganador, vivendo ainda, disse: ‘Depois de três dias ressuscitarei’.

“Manda, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia, não se dê caso que os seus discípulos vão de noite, e o furem, e digam ao povo: ‘Ressuscitou dentre os mortos’; e assim o último erro será pior do que o primeiro. E disse-lhes Pilatos: ‘Tendes a guarda; ide, guardai-o como entenderdes’. E, indo eles, seguraram o sepulcro com a guarda, selando a pedra” (Mateus 27:62-66).

Foram postas sentinelas romanas, de guarda ao túmulo, no dia seguinte ao enterro de Jesus. Certamente teriam percebido se Jesus tivesse acordado do estado de quase morte ou se o Seu corpo tivesse sido roubado por Seus seguidores. As ordens que receberam eram bem claras. Eles tinham de garantir que nada acontecesse ao corpo de Jesus. Se falhassem em cumprir essa obrigação, eles poderiam ser condenados à morte.

Os judeus, como também os discípulos de Cristo, conheciam o local do túmulo. As mulheres, que teriam um papel importante na descoberta do túmulo vazio, também sabiam do local do túmulo e que realmente Jesus estava nele (Lucas 23:55). Elas também sabiam que uma enorme pedra tinha sido colocada na entrada do túmulo (Marcos 15:46-47) e que precisaria ser retirada, quando voltassem ali, para que pudessem aplicar os unguentos que prepararam, pois “diziam umas às outras: ‘Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro?’” (Marcos 16:3).

Não havia dúvidas na mente das mulheres e de Seus outros discípulos de que Jesus estava no túmulo.

As Mulheres descobrem o túmulo vazio

Marcos também nos descreve detalhadamente que três mulheres—Maria Madalena, Maria mãe de Tiago, e Salomé—foram ao túmulo antes do nascer do sol para ungir o corpo de Jesus com aromas. Encontrando removida aquela grande pedra, elas entraram no túmulo e ficaram chocadas e com medo quando “viram um jovem assentado à direita, vestido de uma roupa comprida, branca...” Ele disse-lhes: “Não vos assusteis; buscais a Jesus Nazareno, que foi crucificado; já ressuscitou, não está aqui . . . Mas ide dizei aos discípulos . . .” (Marcos 16:1-8).

Na sociedade daquele tempo, o testemunho das mulheres era considerado desprezível a ponto de nem lhes ser permitido testemunhar num tribunal. Isso é notável, pois, as mulheres foram reconhecidas como as primeiras pessoas a verem o túmulo vazio de Jesus!

Se alguém tivesse inventado essa história mais tarde, como muitos críticos assumem ter sido o caso, certamente não mencionaria discípulas e sim discípulos, tais como Pedro e João, como os primeiros a descobrir o túmulo vazio. Mas como as mulheres foram as principais testemunhas do túmulo estar vazio, isso aumenta ainda mais a credibilidade do relato dessas mulheres.

Os escritores dos Evangelhos registraram fielmente o que para eles era um detalhe estranho e muito embaraçoso.

Os inimigos de Jesus reconheceram que o túmulo estava vazio

Qual foi a reação dos inimigos de Jesus à impressionante declaração dos discípulos de que Jesus tinha revivido, depois ser executado publicamente?

As suas reações são bastante reveladoras. Eles disseram que os discípulos de Jesus estavam mentindo e que o corpo de Jesus ainda estava no túmulo? *Não!* Disseram que os discípulos estavam loucos? *Não!* Ao contrário, *eles subornaram os soldados romanos, responsáveis pela guarda ao túmulo selado, para que espalhassem uma mentira.* Eles disseram-lhes para propagar uma contrainformação, declarando que os discípulos de Jesus tinham vindo ao túmulo e roubado o Seu corpo enquanto eles dormiam, e que seriam protegidos caso o governador romano resolvesse puni-los.



A enorme pedra que fechava o túmulo onde Jesus foi sepultado fora removida não para que Ele saísse, mas para que os Seus seguidores e outras pessoas vissem que o túmulo estava vazio e que Ele tinha ressuscitado.

Leia a descrição dos eventos em Mateus 28:11-15. Essa foi a melhor desculpa que as autoridades encontraram para explicar o desaparecimento do corpo de Jesus e porque ele não foi encontrado!

Aqui temos evidência dos próprios inimigos de Cristo de que o Seu túmulo estava vazio. A coisa mais racional que puderam inventar foi algo que *eles sabiam que era uma mentira.* Não havia outra explicação para o túmulo estar vazio, exceto que *Jesus tinha ressuscitado corporalmente e saído do túmulo.*

Testemunhos oculares de Suas aparições

Em muitas ocasiões e circunstâncias, diversas pessoas viram Jesus vivo depois de saberem que Ele tinha morrido.

Veja o que o apóstolo Paulo escreveu à igreja em Corinto: “. . . foi visto por Cefas [Pedro], e depois pelos doze. Depois foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte, mas alguns já dormem também. Depois foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos. E por derradeiro de todos me apareceu também a mim, como a um abortivo” (1 Coríntios 15:5-8).

Como Paulo recebeu essa informação? Ele conhecia ou tinha falado com

as pessoas envolvidas nesse evento. Ele ouviu-as pessoalmente. A maioria dos que podiam testificar sobre isso ainda estava vivos. E afirma isso sabendo que pode ser desmentido se não for verdade!

Esses testemunhos não podem ser descartados como fantasiosos. Isso se referia a acontecimentos que foram testemunhados por muitas pessoas que estavam vivas ainda no tempo em que Paulo escreveu esse relato. Paulo até fez uma lista dos nomes de testemunhas mais conhecidas para que outros pudessem verificar a veracidade da ressurreição de Jesus!

Aparições em forma corporal

Todas as aparições de Jesus pós-ressurreição, nos Evangelhos, são em forma corporal. “Por que estais perturbados? e por que surgem dúvidas em vossos corações?” Perguntou Ele a Seus apóstolos quando lhes apareceu, como registado em Lucas 24:36-43.

Ele disse ainda: “Vede as Minhas mãos e os Meus pés, que sou Eu mesmo; apalpai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho”. Como eles ainda não acreditavam, talvez por causa da alegria, Ele pediu-lhes comida e comeu na frente deles.

Então houve ocasiões em que Jesus apareceu a todos os Seus apóstolos, inclusive Tomé, que aparentemente, não estava presente naquela ocasião. Tomé insistia em não acreditar, salvo se visse as feridas de Jesus com seus próprios olhos e as tocasse com suas mãos (João 20:24-29). Contudo, ele ficou absolutamente convencido quando Jesus apareceu novamente a todos eles e convidou, especificamente, a Tomé a verificar que Ele era mesmo Jesus com Quem tinham convivido por muito tempo.

Noutra ocasião, Jesus apareceu aos discípulos na praia do mar da Galileia. Nessa altura Ele realizou um milagre, preparou e comeu com eles um café da manhã [pequeno almoço] com peixe e pão e, delicadamente, repreendeu a Pedro por ele ter voltado a sua vida de pescador em vez de cuidar dos assuntos da Sua igreja, que eram de muito mais importantes (João 21:1-23).

Alguns têm sugerido que essas aparições foram alucinações dos discípulos. Mas essa teoria não condiz com o fato de elas terem ocorrido em diferentes lugares em diferentes ocasiões e perante diferentes grupos de pessoas. Jesus apareceu de forma a convencer a *todos* os apóstolos. Essas aparições não deixaram a menor dúvida em suas mentes—incluindo a de Tomé, que havia insistido em não acreditar se não visse e tocasse em Jesus.

A espantosa transformação dos discípulos

Uma das maiores provas da ressurreição de Jesus é a dramática mudança nas vidas de Seus discípulos.

As descrições dos Evangelhos das atitudes dos apóstolos não são tão louváveis, configurando mais uma evidência de que eles não inventaram essa história. Na ocasião da prisão e julgamento de Cristo, todos os Seus apóstolos O abandonaram e fugiram (Mateus 26:56). Pedro, que pro-

meteu estar sempre ao lado de Jesus, até praguejou e jurou negando que O conhecia (versículos 69-75).

Lembramo-nos que Jesus, predisse a fraqueza de Pedro e até preveniu a Seus apóstolos de que eles também evitariam dizer que tinha alguma ligação com Ele (versículos 31-35).

Contudo, num curto espaço de tempo, observamos uma mudança dramática. Encontramos os apóstolos falando a grandes multidões e declarando abertamente que Jesus tinha ressuscitado da morte. Ao invés de fugirem e se esconderem, agora eles enfrentavam corajosamente as autoridades civis e religiosas afirmando que Jesus tinha sido morto e ressuscitou à vida outra vez.

Eles desafiaram a ameaça de prisão contra eles se continuassem a falar acerca de Jesus (Atos 4:1-23). Valentemente, eles enfrentaram espancamentos e sofreram ameaças de morte porque pregaram que Jesus estava vivo e que Ele era o Messias (Atos 5:17-42).

Entretanto, apenas algumas semanas antes eles tinham negado conhecê-Lo, mas agora nada os podia impedir de dizer abertamente o que eles, obviamente, sabiam ser verdade. Somente uma explicação é plausível para essa nova e inabalável crença, mesmo diante de prisão e execução: *Eles viram Jesus Cristo vivo depois de Ele ter sido morto*. Eles falaram e comeram com Ele, recebendo dEle muitas instruções, além de passarem um bom tempo com Ele e de tê-Lo tocado.

Esses homens dedicaram os últimos anos de suas vidas, e até a própria vida, por Aquele que eles sabiam que conquistou a morte. Se todos eles tivessem apenas participado de uma grandiosa mentira, seria possível acreditarmos que eles dariam as suas vidas por isso?

A notável mudança de Pedro

O apóstolo Pedro é o mais conhecido dos discípulos cuja vida foi extraordinariamente transformada. A sua audácia na Festa de Pentecostes foi espantosa. No templo, ele dirigiu-se a uma enorme multidão de pessoas, das quais três mil se tornaram discípulos de Jesus, o Messias.

Pedro falou para pessoas que viviam em Jerusalém e em toda a Judeia, bem como em muitas outras partes do mundo romano. Elas estavam em Jerusalém para celebrar a Festa de Pentecostes, também chamada de Festa das Semanas, como Deus ordenou em Deuteronômio 16:16. Pedro lembrou-lhes que todos sabiam quem Jesus era e o que acontecera com Ele sete semanas antes, na Festa da Páscoa (Atos 2:22-24).

Pedro, que negara a sua amizade com Jesus antes d'Ele morrer, agora proclamava, destemidamente, à multidão presente que foram eles quem crucificaram o Messias prometido—*mas que Deus O ressuscitara*.

A reação da multidão é muito significativa. Ninguém tentou negar nem contestar, e muito menos tentaram apedrejar a Pedro por essa acusação, aparentemente, absurda. Muitos deles sabiam dos acontecimentos que

envolveram a prisão, o julgamento e a crucificação de Jesus. Eles sabiam que muitos—talvez até mesmo alguns dos que ali estavam sentados ouvindo a Pedro—tinham exigido o assassinato de Cristo. Eles sabiam do estranho desaparecimento do corpo do túmulo, um mistério que ninguém era capaz de resolver.

Eles sabiam, ou tinham ouvido falar, de outros acontecimentos estranhos que tomaram lugar naquela ocasião: da escuridão que veio sobre a terra quando Jesus estava sendo crucificado, de pessoas terem sido ressuscitadas da terra e terem sido vistas andando pelas ruas de Jerusalém, e sobre o pesado e magnífico véu do templo ter sido rasgado de cima abaixo sem causa aparente.

Como podiam explicar esses acontecimentos? O que significavam? Pedro estava dando-lhes uma fantástica explicação—uma explicação que requeria uma tomada de decisão da parte deles e que lhes afetaria a vida para sempre.

Pedro contrastou o túmulo de Jesus com o do maior rei de Israel, Davi. “Homens irmãos, seja-me lícito dizer-vos livremente acerca do patriarca Davi, que ele morreu e foi sepultado, e entre nós está até hoje a sua sepultura” (Atos 2:29). O seu ponto era inconfundível: toda a gente sabia onde estava o túmulo de Davi que este era o lugar onde o corpo do rei estava sepultado. Mas Jesus, ao contrário de Davi, já não estava na sepultura!

Jesus de Nazaré, declarou Pedro, tinha sido ressuscitado por Deus, e muitas testemunhas podiam testificar esse fato. Uma vez mais não houve argumento da multidão. Ao contrário, as pessoas agora perguntavam o que precisavam fazer, posto que elas também estavam convencidas de que Pedro estava certo. Pedro respondeu que elas deviam se arrepender e serem batizadas, pois assim também receberiam o Espírito Santo como os discípulos receberam naquele mesmo dia (Atos 2:37-38).

A única explicação da dramática transformação dos discípulos, de um bando medroso e pronto a abandonar tudo e fugir de volta para a Galileia, é a de que Jesus deixou evidências incontestáveis e poderosas: um túmulo vazio e inúmeras aparições físicas. As pessoas comuns, de várias classes sociais, que tinham negado e desapontado seu Mestre repentinamente mudaram, do dia para a noite, e se transformaram em líderes dinâmicos de uma Igreja que resistia abertamente e desafiava aquele antigo mundo pagão.

Tiago, o meio-irmão de Jesus, torna-se um crente

Talvez a mais notável das transformações tenha ocorrido com Tiago, meio-irmão de Jesus (Tiago era filho natural de Maria e José, enquanto Jesus era filho de Maria e Deus Pai). Veja como J. P. Moreland descreve acontecimentos da vida de Tiago assim como foram registrados na Bíblia e na história contemporânea:

“Por que esses homens mudaram? Por que se submeteram a dificuldades, perseguições, pressões e ao martírio? Observe Tiago, irmão de Jesus. Josefo,

historiador judeu do primeiro século, diz-nos que ele teve uma morte de mártir pela fé em Seu irmão. Todavia os Evangelhos nos dizem que durante a vida de Jesus ele era um incrédulo e se opunha a Jesus”.

“Por que ele mudou? O que podia fazer com que um judeu cresse que seu próprio irmão era o verdadeiro Filho de Deus e se dispusesse a morrer por essa crença? Certamente não foi um conjunto de ensinamentos encantadores de um carpinteiro de Nazaré. Somente a aparição de Jesus a Tiago (1 Coríntios 15:7) pode explicar a sua transformação”.

“Assim como ocorreu a Tiago, também aconteceu com os outros discípulos. Aquele que nega a ressurreição nos deve uma explicação dessa transformação que faz justiça aos fatos históricos” (*Scaling the Secular City [Eskalando a Cidade Secular]*, 1987, pp. 178-179).

A transformação de Paulo, o perseguidor

O apóstolo Paulo é outro exemplo notável. Como um judeu rabino devoto rabi e fariseu fanático, ele estava absolutamente convencido de que a ressurreição de Jesus não aconteceu. Paulo perseguiu os membros da Igreja primitiva porque criam nesse ‘absurdo’. Ele apostava na missão de toda sua vida na convicção de que a ressurreição era uma invenção e aquele movimento era uma ameaça a toda a tradição que ele considerava sagrada.

Ele estava convicto de que esse novo movimento devia ser reprimido a todo custo, inclusive com prisões e execuções (Atos 22:4)—e essa seria a sua cruzada pessoal. Então, algo aconteceu. Jesus apareceu e conversou com Paulo.

Paulo não era um homem dado a imaginações fantasiosas de pessoas supersticiosas. Ele era um intelectual sensato. Contudo, mais tarde, estava disposto a defender o seu zelo por Cristo perante multidões hostis, governadores, reis e outros governantes. Por fim, esteve disposto a morrer pelo que sabia ser verdade: Jesus era realmente o Messias e estava vivo e à mão direita de Deus.

A existência da Igreja cristã

O Dr. Moreland expõe a questão da seguinte maneira: “Qual o motivo que pode explicar o fato de a igreja cristã ter transformado o mundo no primeiro século? As probabilidades de sucesso tinham antecedentes frágeis. No primeiro século existiam várias religiões e alguns elementos do cristianismo podiam ser encontrados nelas. Por que o cristianismo foi bem-sucedido, especialmente por se tratar de uma fé tão exclusivista, que via com desdém o sincretismo [a combinação de princípios de diversos sistemas]? O que provocou o início da igreja? Nunca houve uma forma de cristianismo que não enfatizasse a importância central da morte e da ressurreição de um Jesus divino”.

“A ressurreição de Jesus é a explicação dada pela própria Igreja e é a

única adequada. O acadêmico do Novo Testamento da Universidade de Cambridge, C. F. D. Moule, argumenta assim: ‘Se o surgimento dos nazarenos, um fenômeno inegavelmente atestado pelo Novo Testamento, cria um grande buraco na história, um buraco do tamanho e forma da Ressurreição, o que o historiador secular propõe para pôr um fim a isso?’ (ibid., pp. 180-181).

O fato de que Jesus Cristo foi realmente ressuscitado da morte é a única conclusão verdadeiramente razoável.

A Crucificação Romana

A crucificação nem sempre era realizada do modo como a vemos tipicamente representada em pinturas. De fato, como dito neste capítulo, uma vítima de crucificação, provavelmente, não era afixada pelas mãos, pois a estrutura delas não podia suportar o peso do corpo. O mais certo é que as vítimas eram cravadas pelos pulsos ou, em alguns casos, tinham seus braços amarrados na cruz.

Do mesmo modo, as vítimas nem sempre eram crucificadas no tipo de cruz mostrada comumente nas representações da crucificação de Cristo. Veja o que diz o *The Anchor Bible Dictionary* (O Dicionário Bíblico Anchor) em seu artigo sobre a crucificação:

“Às vezes, a cruz era somente um madeiro vertical. Contudo, frequentemente, havia uma peça transversal atada no topo, dando uma forma de ‘T’ (*crux commissa*), ou logo abaixo do topo, como na forma mais familiar no simbolismo cristão (*crux immissa*). As vítimas levavam a cruz, ou pelo menos o travessão (*patibulum*), para o lugar da execução, onde eram despidas e atadas ou pregadas ao travessão, erguidas e assentadas em um pequeno bloco de madeira (*sedile*) ou pequeno apoio de madeira na estaca vertical...”

“Os executores podiam variar a forma de punição, como indica o historiador



Historiadores do tempo de Cristo registram que as crucificações romanas eram feitas em simples postes fixados na terra, em postes com barras transversais em várias posições e até mesmo em troncos de árvore.

romano Sêneca: ‘Lá eu vi cruzeiros não apenas de uma forma, mas de várias, diferentemente planejadas para diferentes pessoas. Alguns penduravam suas vítimas de cabeça para baixo. Enquanto outros pregavam suas partes íntimas, outros ainda estendiam os braços da vítima sobre o patibulum (madeiro horizontal da cruz).

“Em sua descrição do que acontecia aos refugiados judeus de Jerusalém (Na guerra dos judeus de 67-70), Josefo, historiador do primeiro século, também nos permite ver que não havia um padrão determinado para a crucificação de pessoas. Muito disso dependia da imaginação sádica do momento” (Davi Noel Freedman, redator chefe, 1992, Vol. 1, pp. 1208-1209).

A “árvore maldita”

O historiador romano Sêneca, ao descrever o horror da crucificação, argumenta que seria melhor cometer

suicídio do que suportar uma morte tão agonizante. “Alguém pode ser encontrado que prefira definhar na dor de morrer membro por membro, ou deixar a sua vida esvair-se gota a gota, em vez de expirar de uma vez por todas? Alguém pode ser encontrado disposto a ser fixado à árvore maldita, muito doente, já deformado, inchando com vergões feios nos ombros e peito, e tirando o fôlego de vida em meio a longa e prolongada agonia? Ele teria muitas desculpas para morrer mesmo antes de ser elevado na cruz” (ibid., p. 1209).

A referência de Sêneca à “árvore maldita” tem forte alusão às palavras de Pedro, quando ele fala de Jesus, “Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro” (1 Pedro 2:24; comparar Atos 5:30). Em alguns casos, a crucificação parece ter sido realizada mesmo em uma árvore, conquanto ela essa fosse basicamente um tronco sem nenhum ramo.

Nessas crucificações, o condenado era pregado ao tronco ou carregaria o seu travessão, e depois seria atado ao tronco e pregado em ambos. É possível que a “cruz” que Jesus carregou para a Sua execução, levada por algum tempo por Simão, o cireneu, fosse simplesmente um grande tronco de madeira.

A forma da ‘cruz’ é desconhecida

A palavra traduzida por “cruz”, no Novo Testamento, é a palavra grega *stauros*, que ‘denota, principalmente, uma *poste* ou *estaca vertical*’ (Vine’s *Expository Dictionary of Old and New Testament Words*, 1985, “Cross, Crucify”—W.E. Vine, *Dicionário Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento*, 1985, “Cruz, Crucificar”).

“Ambos, o substantivo e o verbo

stauroo, ‘amarrar a uma estaca ou poste’, são, originalmente distintas da forma eclesiástica de uma ‘cruz’ de dois postes” (ibid.).

A Bíblia não tem nenhuma descrição específica do *stauros* em que morreu Jesus. A palavra *stauros* foi usada em escritos não bíblicos da época para se referir a peças de madeira de vários tipos, sendo cruz ou não. Se fosse importante saber a forma exata, certamente os autores dos Evangelhos teriam nos deixado essa informação—contudo, nenhum deles fez isso. O importante para nós é sabermos que Jesus, voluntariamente, sacrificou a Sua própria vida para nossa salvação.

Como não sabemos se Jesus foi executado em um madeiro ou em qualquer tipo de cruz, então como essa forma em “tê” acabou se tornando o símbolo mais popular do cristianismo?

O *Dicionário de Vine* explica: “A forma de uma cruz de duas traves teve sua origem na antiga Caldéia e foi usada como símbolo do deus Tamuz (tendo a forma do Tau místico, a letra inicial de seu nome) naquele país e em terras adjacentes, inclusive no Egito. Por volta dos meados do 3.º séc. A.D., as igrejas ou se tinham apartado ou tinham parodiado certas doutrinas da fé cristã.

“A fim de aumentar o prestígio do sistema eclesiástico apóstata, aceitavam-se pagãos nas igrejas, à parte de uma regeneração pela fé, e permitia-se-lhes em grande parte reterem seus sinais e símbolos pagãos. Assim se adotou o Tau ou T, na sua forma mais freqüente, com o madeiro atravessado um pouco abaixado, para representar a cruz de Cristo” (ibid.).

Assim, vemos que o símbolo mais comum de Cristo e do cristianismo tradicional foi um símbolo que antecedeu a Jesus e ao cristianismo bíblico.

Quando Jesus Cristo foi Crucificado e Ressuscitado?

Em Mateus 12:38, alguns dos escribas e dos fariseus pediram a Jesus um sinal como prova de que Ele era o Messias. Mas Jesus disse-lhes que o único sinal que lhes daria seria o do profeta Jonas: “Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra” (versículo 40).

Mas como podemos encaixar “três dias e três noites” entre a crucificação, numa sexta-feira à tarde, e a ressurreição no domingo seguinte de manhã? Este ponto de vista tradicional permite a Jesus estar no túmulo apenas um dia e meio.

Alguns creem que a declaração de Jesus acerca de “três dias e três noites” não diz respeito, necessariamente, a um espaço de tempo literal de 72 horas, argumentando que parte de um dia pode ser contada como um

dia inteiro. Assim, posto que Jesus morreu à tarde, eles ponderam que o restante da sexta-feira constitui o primeiro dia, o sábado, o segundo dia, e parte do domingo configura o terceiro. Contudo, eles ignoram que apenas duas noites—a de sexta-feira e a de sábado—são consideradas nesta explicação. Alguma coisa está, obviamente, errada com essa ideia tradicional sobre o tempo em que Jesus esteve no túmulo.

Em Jonas 1:17, escritura a qual Cristo se referiu, se declara especificamente que “Jonas esteve três dias e três noites nas entranhas do peixe”. Não existe base bíblica para arrazoar que Jesus queria dizer duas noites e um dia e parte de dois dias. Se Jesus esteve no túmulo somente de sexta-feira à tarde até ao domingo de manhã cedo, então o Seu sinal de que Ele era o Messias profetizado *não foi cumprido*.

A Cronologia da Crucifixão e da Ressurreição

Terça-feira

No início da noite, Jesus Cristo comeu a refeição da Páscoa com os Seus discípulos e instituiu os símbolos do Novo Testamento (Mateus 26:26-28). Então, foi traído por Judas, preso, e, durante a noite, levado à presença do sumo-sacerdote.

Quarta-feira

Jesus morreu por volta das três horas da tarde (Mateus 27:46-50). Era dia de preparação para um Dia Santo anual, que começava ao pôr-do-sol, e não um sábado semanal (Marcos 15:42; Lucas 23:54; João 19:31). O corpo de Jesus foi colocado no túmulo antes do pôr-do-sol (Mateus 27:57-60).

Quinta-feira

Este foi um Dia Santo, o primeiro dia dos sete dias dos Pães Asmos (João 19:31; Levítico 23:4-7). E foi descrito como o dia após o “Dia da Preparação” (Mateus 27:62).

Examinemos cuidadosamente os detalhes nos Evangelhos. Ao fazer isso, vamos descobrir a verdadeira história de como as palavras de Jesus foram cumpridas com exatidão.

Dois Sábados

Vamos observar cuidadosamente a sequência de acontecimentos descrita em Lucas 23. O momento da morte de Jesus, bem como Seu sepultamento às pressas, por causa do Sábado que começaria naquele pôr-do-sol, é narrado nos versículos 46 a 53. O versículo 54 declara: "Era o dia da preparação, e ia começar o sábado".

Muitos pensam que aqui se refere a um dia sábado semanal, e, portanto, Jesus foi crucificado numa sexta-feira. Mas João 19:31 mostra que este não é o caso. João diz o seguinte sobre esse sábado que se aproximava: "visto como era a preparação (*pois era grande o dia de sábado...*)". Esta Escritura não está se referindo ao sábado *semanal*, (do pôr-do-sol de sexta-feira ao pôr-do-

sol de sábado), mas ao primeiro dia dos Pães Asmos, que é um dos sete Dias Santos que Deus ordena que seja celebrado anualmente (Êxodo 12:16-17; Levítico 23:6-7). Esses Dias Santos anuais podem ocorrer, e normalmente acontece, em dias da semana e não apenas no sábado semanal.

Esse '*grande dia de Sábado*', ocorreu durante a noite de Quarta-feira e todo o dia da quinta-feira, pois Lucas informa que as mulheres, depois de terem visto o corpo de Cristo ser guardado no túmulo, antes mesmo do pôr-do-sol, voltaram e "prepararam especiarias e unguentos" para embalsamar o corpo.

Esse tipo de trabalho não seria realizado num dia de sábado porque seria considerado uma violação da lei. E isto é corroborado pelo relato de Marcos, que declara: "passado o sábado, Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas [porque não poderiam comprar nesse *grande dia de Sábado*] para irem ungi-Lo" (Marcos 16:1).

Sexta-feira

Após o Dia Santo, as mulheres, antes do descanso do dia de sábado semanal, que começa ao pôr do sol da sexta-feira, compraram e prepararam aromas para ungir o corpo de Jesus (Marcos 16:1; Lucas 23:56).

Sábado

As mulheres descansaram no sábado semanal, obedecendo ao quarto mandamento (Lucas 23:56; Êxodo 20:8-11). Jesus ressuscitou próximo do pôr do sol, exatamente três dias e três noites depois de sepultado, cumprindo assim o sinal de Jonas e corroborando o sinal que dera sobre Sua missão messiânica.

Domingo

As mulheres trouxeram os aromas de manhã cedo, quando ainda estava escuro (Lucas 24:1; João 20:1), e viram que Jesus já tinha ressuscitado (Mateus 28:1-6; Marcos 16:2-6; Lucas 24:2-3; João 20:1). Ele não ressuscitou no domingo de manhã, mas sim próximo ao pôr do sol do dia anterior.

As mulheres teriam de esperar *até que esse Sábado anual [na quinta-feira daquele ano] tivesse passado* para poderem comprar e preparar os aromas no dia seguinte, na sexta-feira, os quais seriam usados na unção do corpo de Jesus. Então, depois de comprar os aromas e os óleos, “... no sábado, repousaram, conforme o mandamento” (Lucas 23:56). Esse *segundo* sábado, mencionado nos relatos dos Evangelhos, é o sábado regular de cada semana, observado do entardecer de sexta-feira até ao entardecer do sábado.

Ao compararmos os detalhes em ambos os Evangelhos—onde Marcos nos diz que as mulheres compraram aromas *depois* do sábado e Lucas menciona que elas prepararam os aromas *antes* de repousar no sábado—podemos ver claramente que aqui são mencionados *dois sábados diferentes*. O primeiro, como diz em João 19:31, foi um “grande dia de Sábado”—o primeiro dia da Festa dos Pães Asmos—que, no ano 31 E.C. [Era Comum] ocorreu em uma quinta-feira. O segundo ocorreu no sábado, o sétimo dia da semana.

O Sinal do Messias

Depois do sábado de descanso, as mulheres foram ao túmulo de Jesus, no primeiro dia da semana, no domingo, “de madrugada, sendo ainda escuro” (João 20:1), e descobriram que Ele *já tinha* ressuscitado (Mateus 28:1-6; Marcos 16:2-6; Lucas 24:1-3).

Quando analisamos os detalhes em todos os quatro Evangelhos o quadro torna-se claro. Jesus foi crucificado e sepultado no fim da tarde de uma quarta-feira, antes mesmo do pôr do sol daquele grande sábado. Contudo,

esse era um *grande dia de Sábado* (um Dia Santo anual de Deus), que começou ao pôr-do-sol daquela quarta-feira e terminou ao pôr-do-sol de quinta-feira, ou seja, aquele dia não era um sábado semanal.

Jesus esteve no túmulo desde o pôr-do-sol da quarta-feira até ao pôr-do-sol do sábado, quando ressuscitou dentre os mortos. Certamente, ninguém estava lá para testemunhar a Sua ressurreição (a qual aconteceu dentro de um sepulcro selado), mas ela tinha de acontecer próximo ao pôr do sol daquele sábado para que se conformar três dias e três noites depois de Seu sepultamento. Portanto, isso não podia ter acontecido no domingo de manhã, porque quando Maria Madalena foi ao túmulo, na manhã daquele domingo, antes do nascer do sol, “de madrugada, sendo ainda escuro” (João 20:1), ela encontrou a pedra removida e o túmulo vazio.

Certamente, o tempo que Jesus disse que estaria no túmulo, como prova de Sua Messianidade, foi cumprido exatamente como Ele predisse. Jesus ressuscitou precisamente três dias e três noites depois de ser sepultado.

Devido a que a maioria das pessoas não entende as festas bíblicas, que Jesus e os Seus seguidores guardaram, também não entende os detalhes cronológicos, que foram minuciosamente preservados para nós nos Evangelhos. (Para saber mais detalhes, você pode solicitar ou baixar o nosso guia de estudo bíblico Feriados Religiosos ou Dias Santos: *Será Que Importa Quais Dias Observamos?*)



Existem Outras Fontes que Confirmam a Existência de Jesus Cristo?

Muitas pessoas supõem que, além da Bíblia, a história nada diz a respeito da existência de Jesus de Nazaré. Mas, na verdade, muitas testemunhas independentes, testificam a existência de Jesus. Vejamos algumas.

Testemunho dos Romanos

O romano Cornélio Tácito (56-120 d.C.) foi um senador, cônsul e governador da província romana de Anatólia (atualmente, a maior parte do território da Turquia), e também foi um dos maiores historiadores da antiguidade de Roma. Quase ao fim de sua vida, ele escreveu *Os Anais*, uma obra histórica de 16 volumes sobre os imperadores romanos.

Como não era amigo de Nero nem dos cristãos, Tácito escreveu dizendo que Nero “acusou falsamente as pessoas comumente chamadas de cristãs, que eram odiadas por suas atrocidades”. Ele continua dizendo que “Christus, o que deu origem ao nome cristão, foi condenado à morte [por crucificação] por Pôncio Pilatos, durante o reinado de Tibério; mas, reprimida por algum tempo, a superstição perniciosa irrompeu novamente, não apenas em toda a Judéia, onde o problema teve início, mas também por toda a cidade de Roma” (*Annals [Anais]*, citado por Lee Strobel, *The Case for Christ [Em Defesa de Cristo]*, 1998, p. 82).

Um contemporâneo de Tácito, Caio Suetônio Tranquilo (69-140 d.C.), administrador das bibliotecas de Roma e oficial de tribunal de diver-

sos imperadores, escreve dizendo que o imperador Cláudio “banuiu os judeus de Roma, pois estavam causando contínuos distúrbios, sendo Cristo o seu líder” (*Lives of the First Twelve Caesars: Life of Claudius [A Vida dos Doze Césares]*), citado por Grant Jeffrey, *Jesus: The Great Debate [Jesus: O Grande Debate]* 1999, p. 163). Esta expulsão dos judeus de Roma é mencionada em Atos 18:2.

Também “Plínio, o Jovem, o legado romano de Bitínia, no Ponto (hoje o norte central da Turquia), no princípio do segundo século, escreveu ao imperador Trajano, pedindo conselho de como lidar com os cristãos que recusassem reverenciar a estátua de César. Plínio refere que esses cristãos se reuniam regularmente e cantavam hinos ‘a Cristo como se fosse um deus’ (*Cartas* 10:96.7). A expressão ‘como se fosse um deus’ sugere que Plínio sabia que Jesus fora uma pessoa que havia vivido na terra, mas estava relutante em tratá-lo como divino” (Craig Blomberg, *The Historical Reliability of the Gospels [A Confiabilidade Histórica dos Evangelhos]*, 1987, p. 196).

A partir destas fontes históricas, nenhuma delas relacionada com a Bíblia, vemos referências a estes fatos:

- Um grupo chamado “cristãos” derivou o seu nome de “Christus” (Cristo).
- Este novo movimento envolvia “uma perversa superstição,” muito possivelmente uma referência à crença dos cristãos de que Jesus ressuscitou da morte depois de Sua crucificação.
- Esta nova ideologia introduzida

pelos cristãos começou na Judéia e espalhou-se por toda a Roma.

- Os primeiros cristãos consideravam Cristo como um Ser divino.

Testemunho de Josefo

Flávio Josefo, um proeminente historiador judeu do primeiro século, é muito conhecido pelos historiadores e acadêmicos. Nascido em uma família eclesiástica, no ano 37 d.C., Josefo foi bem instruído e comandou um destacamento militar judeu na Galiléia durante a revolta, nos anos de 66 a 70 d.C., até ser capturado pelos romanos. Quando a guerra terminou ele foi para Roma com o general romano Tito, onde viveu e escreveu até à sua morte por volta do ano 100 d.C.

Josefo menciona duas vezes o nome de Jesus em sua monumental obra *Antiguidades dos Judeus*, escrita entre 90 e 95 d.C. Em sua mais extensa citação, ele diz:

"Sobre este tempo viveu Jesus, um homem sábio, se é que podemos chamá-lo de um homem. Pois ele foi o realizador de feitos extraordinários e era um professor daqueles que aceitam a verdade com prazer. Ele conquistou muitos judeus e muitos dos gregos. Ele era o Messias. Quando ele foi indiciado pelos principais homens entre nós e Pilatos condenou-o para ser crucificado, aqueles que tinham vindo a amá-lo originalmente não deixarão de fazê-lo, pois ele lhes apareceu no terceiro dia ressuscitou, como os profetas de a Divindade havia predito essas e inúmeras outras coisas maravilhosas a respeito dele, e da tribo dos cristãos, assim nomeada após ele, não desapareceu até hoje" (*Antiguidades*, Livro 18, capítulo 3, seção 3).

Enquanto muitos estudiosos defendem partes ou a totalidade dessa passagem, ela foi citada, como acima, pelo historiador Eusébio já em 315.

Uma Segunda menção de Jesus por Josefo raramente é contestada pelos estudiosos. Ela tem a ver com o martírio de Tiago, meio-irmão de Jesus: "Anano...aproveitou o tempo da morte de Festo, e Albino ainda não havia chegado, para reunir um conselho diante do qual fez comparecer Tiago, irmão de Jesus chamado Cristo, e alguns outros [seus companheiros]; acusou-os de terem desobedecido às leis e os condenou ao apedrejamento..." (*Antiguidades*, Livro 20, capítulo 9, seção 1).

Outra figura proeminente dos Evangelhos, mencionada por Josefo, é João Batista: "Herodes ficou alarmado...pela eloquência de João com tão grande efeito sobre os homens pudesse levar a alguma forma de sedição...[ele] decidiu então que seria melhor atacar antes...De qualquer forma João, por causa da suspeita de Herodes, foi trazido acorrentado à Machaerus, a fortaleza de que falamos antes, e lá executado..." (*Antiguidades*, Livro 18, capítulo 5, seção 2).

Apesar de Josefo nunca ter sido um cristão, em suas obras encontramos menções de muitas personagens dos Evangelhos e de outros livros do Novo Testamento. Entre elas estão a família de Herodes; os procuradores judeus e os membros da família de sumo-sacerdotes. Os seus livros, tal como os escritos dos historiadores e oficiais romanos, servem como uma poderosa e independente confirmação da precisão histórica dos Evangelhos e da existência de Jesus Cristo.

Muito Além de um Homem

“Quem dizem os homens ser o Filho do homem?” (Mateus 16:13)

Hoje em dia não é politicamente correto declarar, dogmaticamente, que Jesus foi uma pessoa dotada de uma moral extraordinária, um sábio filósofo, um místico judeu ou um reformista político. Nem é aceitável dizer que os Seus ensinamentos são o único caminho para uma vida além da tumba e para uma paz duradoura no mundo.

A verdade é que vivemos num mundo que repugna o absoluto. E alguns rechaçam mais ainda a autoridade sobre as suas vidas de alguém que declarou ser Deus. Por isso, através da história, toda tipo de teorias tem surgido sobre Jesus de Nazaré.

Porque há tanta controvérsia quanto a esse homem? Ele aparece regularmente em capas de revistas semanais. Há mais livros escritos e trabalhos realizados por estudiosos acerca desse mestre judeu da Galileia do que sobre qualquer outro homem que tenha vivido.

A resposta é simples: é porque Ele disse ser Deus—e os registros históricos respaldam Sua afirmação, como vimos.

Ele assegura que provará isso ao mundo inteiro quando regressar à Terra uma segunda vez em glória, majestade e poder divino sobrenatural, de modo a estarrecer as pessoas ao redor do mundo.

Deus vem à Terra

A questão permanece: *Como* Jesus era Deus? Se Jesus era Deus, então, quem era o Pai, sobre Quem Ele falou tantas vezes? Como Jesus e o Pai podiam ser Deus ao mesmo tempo?

De onde veio Jesus? Ele foi criado? Ou começou a existir quando nasceu de Maria? Ele era um anjo? Ele era uma essência, ou “ideia”, na mente do Pai antes de Sua existência humana?

A história de como Jesus nasceu relata que Ele não se tratava de um ser humano comum. Os registros são claros ao explicar que Ele não nasceu de um pai humano, mas que Deus era Seu Próprio Pai.

Como Jesus era Deus? Se Jesus era Deus, então, quem era o Pai, sobre Quem Ele falou tantas vezes? Como Jesus e o Pai podiam ser Deus ao mesmo tempo? De onde veio Jesus? Ele foi criado? Ou começou a existir quando nasceu de Maria? Ele era um anjo? Ele era uma essência, ou “ideia”, na mente do Pai antes de Sua existência humana?

“Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se juntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo” (Mateus 1:18)

“Desposada”, na tradição deles, era o acordo que significava obrigatoriedade de se casarem, mesmo que o matrimônio em si ainda não tivesse sido realizado. Ambos, José e Maria, sabiam que fisicamente não tinham se unido e Maria certamente sabia que era virgem. Mas José, naturalmente, se perguntava por que sua futura noiva estava grávida, e preocupava-se, buscando resolver esse drama.

“E como José, seu esposo (desposado), era justo, e não a queria infamar, intentou deixá-la secretamente. E, projetando ele isso, eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, pois o que nela se gerou é do Espírito Santo; ela dará à luz um filho, a quem chamarás JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados” (Mateus 1:19-21).

José precisava se assegurar de que Maria estava dizendo a verdade sobre sua gravidez e a maneira óbvia de ser convencido era através da conversa com um anjo. Maria tinha recebido uma mensagem semelhante, como está registrado em Lucas 1:26-38: O anjo Gabriel apareceu a Maria e anunciou-lhe que ela iria conceber um filho e que deveria chamá-lo de Jesus. Ela insistiu em dizer que nunca tinha estado com um homem—ela era virgem.

Então, Gabriel lhe explicou como isso aconteceria. Ele disse, “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a Sua sombra; por isso, também o ente Santo que há de nascer será chamado Filho de Deus” (Lucas 1:35, ARA).

Nos termos da teologia tradicional, aqui há um enigma: Jesus reconheceu que Deus era Seu Pai, mas nos é dito que Maria O concebeu do Espírito Santo. A maioria das pessoas crê que o Espírito Santo é a terceira pessoa da trindade. Mas, visto que foi o Espírito Santo quem concebeu Jesus no ventre de Maria, como Deus Pai pode ser o Pai de Jesus?



Embora fosse o próprio Criador do universo, Jesus Cristo abriu mão, voluntariamente, de Sua natureza divina e Seu poder para viver como um ser humano e oferecer a Sua vida como um eterno sacrifício pelos pecados da humanidade.

A resposta é simplesmente que o Espírito Santo não é uma pessoa, como apregoa o ensinamento tradicional da trindade. Em nenhuma parte, a Bíblia ensina que o Espírito Santo é uma pessoa distinta. Contudo, a Bíblia refere-se ao Espírito Santo como sendo o *poder* de Deus, tal como está implícito mesma passagem. (Para um estudo detalhado desta verdade bíblica queira pedir, ou faça a descarga da internet do nosso livro gratuito guia de estudo bíblico *Quem é Deus?*)

Deus, a quem Jesus se referiu como Seu Pai, fez uso de Seu próprio poder, referido como “Espírito Santo,” para gerar Jesus no ventre de Maria. Por conseguinte, Jesus é Filho de Deus por nascimento.

Mateus, escrevendo sob inspiração divina, explica o significado da mensagem do anjo a José, demonstrando o cumprimento da profecia de Isaías: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz *um* filho, e Ele será chamado pelo nome de EMANUEL (Emanuel traduzido é: *Deus conosco*)” (Mateus 1:23).

Quando Jesus nasceu, Ele era Deus em pessoa—“*Deus conosco*”. Isso foi o que o anjo disse e o que foi predito há muito tempo por Deus.

Quem era Jesus antes de Seu nascimento humano?

A declaração mais clara e definitiva acerca de Jesus, antes de Seu nascimento, está registrada nos primeiros versículos do Evangelho de João. O discípulo mais íntimo de Jesus é muito cuidadoso ao explicar que Jesus não era um homem comum.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava *com* Deus, e o Verbo *era* Deus” (João 1:1). Quem era este “Verbo”? “E o Verbo *se fez carne, e habitou entre nós*, e vimos a Sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (versículo 14). João continua e explica que o Verbo que “se fez carne e habitou entre nós” era Jesus de Nazaré. Ele também nos fornece detalhes importantes, explícitos e categóricos sobre Jesus antes de Seu nascimento humano.

“O Verbo” é Jesus e Ele estava *com* Deus e Ele *era* Deus. Essa linguagem é inconfundível e somente pode dizer uma coisa: Havia *dois* seres—Deus e o Verbo.

O Verbo “estava no princípio *com* Deus” (versículo 2). No princípio de quê?

Jesus existia antes do princípio

Posto que o Evangelho de João começa com as palavras “No princípio,” parece razoável entender que João está aludindo a Gênesis 1:1. Mas, enquanto Gênesis 1:1 continua a narração com “Deus criou...,” João começa o seu Evangelho dizendo “No princípio era o Verbo...”. Assim, ele nos diz que “no princípio” o Verbo *já existia*.

Em Gênesis a criação do universo e do próprio tempo marca “o princípio”; mas em João a existência do Verbo *precede* esse princípio.

O Criador do universo, obviamente, existia *antes* do universo porque Ele fez o universo existir.

João diz explicitamente que foi através do Verbo—Jesus Cristo—que todas as coisas foram criadas (João 1:3). Paulo concorda com João, de modo inconfundível, ao dizer: “... que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou por meio de Jesus Cristo” (Efésios 3:9, ACF); e também: “Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por Ele” (Colossenses 1:16-17). (Ver “Os Apóstolos Sabiam que Jesus Cristo era o Criador”, página 14)

De maneira lógica, Paulo diz que como todas as coisas foram criadas por Cristo, logo Ele, necessariamente, tinha de existir *antes* da criação. Jesus também se refere à Sua existência antes da criação, quando orou ao Pai, dizendo: “agora glorifica-me Tu, ó Pai, junto de Ti mesmo, com aquela glória que tinha Contigo *antes que o mundo existisse*” (João 17:5).

Jesus fala da relação de amor entre Ele e o Pai “antes da fundação do mundo” (João 17:24). Paulo repetiu esta frase em Efésios 1:4.

O Verbo

O Jesus preexistente é caracterizado pelo nome ou título de o “Verbo”. Talvez uma das razões porque a palavra grega *logos*, traduzida como “Verbo”, tenha sido usada é porque descreve melhor uma das maiores funções de Cristo—Ele foi o revelador do Pai. *Logos* significa “a expressão do pensamento” (*Vine’s Expository Dictionary of Old and New Testament Words*, “Word”) (*Dicionário Expositivo de Vine das Palavras do Antigo e do Novo Testamento*, “Verbo”).

O termo *logos* é usado no Novo Testamento como uma expressão ou declaração de Deus, a palavra de Deus, a vontade revelada de Deus e a revelação direta entregue por Cristo, que podia ser dita e enviada (ibid.). João aplicou essa palavra como um título pessoal Àquele que “se fez carne, e habitou entre nós” (João 1:14).

O que João diz é que um determinado Ser, a quem chama *logos* ou “Verbo,” encarnou—tornou-se um ser humano de carne e sangue—na pessoa de Jesus Cristo. O fato de o Verbo ter se *tornado* uma pessoa de carne e sangue indica que Ele era um ser individual, especificamente, antes de Se tornar fisicamente um bebê humano, nascido de Maria.

João também nos diz que o Verbo é pessoalmente distinto do Pai, embora seja ao mesmo tempo um *com* o Pai. Eles são iguais, eternos e da mesma natureza e essência. Sem dúvida, o Verbo é Deus tal como Deus

Pai, com Quem Ele coexiste em união muito íntima. Como disse Jesus: “Eu e o Pai somos um” (João 10:30).

A unidade entre o Pai e o Verbo tem a ver com a total harmonia e concordância de trabalharem juntos—mas isso não por que constituem um só Ser, como ensina erroneamente a teoria da trindade.

Quem é Deus? O que é Deus?

A declaração simples e clara de João nos traz um entendimento acerca de Deus, que agora se tornou evidente pelo surgimento de Jesus Cristo. A linguagem usada diz que há dois Seres, coexistentes e chamados Deus: Deus e o Verbo, que também é Deus.

Se eles existissem de alguma outra forma além da de dois seres existentes em si mesmos, tanto a língua grega como a portuguesa, poderiam descrever algo completamente diferente. Mas isso não foi expresso pela linguagem em que foi escrita. Pois, ela fala claramente acerca de dois Seres, unidos, que são Deus. Se houvesse apenas um sozinho, então, João não teria dito “o Verbo estava *com* Deus”.

Isso suscita outra questão: Se Jesus era o Verbo, e, portanto, Deus, como Deus, que é infinito, pôde se tornar finito? O que aconteceu ao Verbo no momento em que se tornou um óvulo, gerado pela vida do Pai, no ventre de Maria?

Não sabemos exatamente como Deus fez esse milagre, mas é evidente nas Escrituras que Deus pôde se tornar um ser humano físico e, por conseguinte, se submeter a uma existência finita e física—limitada ao tempo e ao espaço, sujeito a dor, à tentação, ao sofrimento e à morte.

E Jesus fez isso, como Paulo descreve: “. . . Ele tinha a natureza de Deus, mas não tentou ficar igual a Deus. Pelo contrário, Ele abriu mão de tudo o que era Seu e tomou a natureza de servo, tornando-se assim igual aos seres humanos. E, vivendo a vida comum de um ser humano, Ele foi humilde e obedeceu a Deus até à morte, morte de cruz” (Filipenses 2:6-8, BLH).

Jesus podia morrer. Jesus podia sentir emoções humanas. Jesus podia sentir fome e dor. Ele podia agonizar diante da dor e da morte. Sim, Deus podia morrer. Mas apenas quando se tornou um ser humano físico. E Ele fez isso. E quem era Ele? Ele era a mesma pessoa de sempre e com as mesmas memórias de Seu passado eterno com o Pai.

Observe a prece de Jesus em João 17:5: “E agora glorifica-me Tu, ó Pai, junto de Ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse” (João 17:5). Ele aqui fala abertamente das Suas experiências e memórias passadas com o Pai, confirmando tudo o que João escreveu nos primeiros versículos de seu Evangelho.

Sem dúvida, o sacrifício de Jesus foi de proporções *inimagináveis*. E saber quem Ele era e o que, voluntariamente, renunciou, deve fazer toda a diferença para você e para mim quando encaramos a enorme magnitude de Seu sacrifício.

Jesus Era Um Ser Criado?

João 1:3 contém duas afirmações que nos dizem que foi Jesus, preexistente, quem criou todas as coisas. “Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.” De reparar que João não se contenta em dizer só que todas as coisas foram feitas por Ele, pois João mais diz que “sem ele *nada do que foi feito se fez*”.

“Todas as coisas
foram feitas por ele,
e sem ele nada do
que foi feito se fez.”

Paulo confirma exatamente o que João escreveu: “Porque nEle foram criadas todas as coisas.” Paulo continua para termos a certeza de que compreendemos o que ele quer dizer com *todas as coisas*. Estas abrangem “todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. *Tudo foi criado por ele e para ele*” (Colossenses 1:16).

Como Jesus criou todas as coisas, então Ele não podia ter sido uma das “coisas criadas”. Assim, Paulo, para que não haja mal entendido, acrescenta no versículo seguinte: “E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele” (Colossenses 1:17).

O Dr. Norman Geisler comenta: “O contexto desta passagem deixa claro que não existe exceções quanto a

isso; Cristo é o Criador de todas as coisas, inclusive dos anjos e tudo que é visível e invisível. Em nenhuma parte está mais claro de que Cristo não é uma criatura—angélica ou de outro tipo—do que na relação dos anjos para com Ele. Sendo que Cristo não podia ser o Criador de tudo e ao mesmo tempo ser Ele próprio uma criatura, portanto, é necessário se concluir que Ele é o Criador inato [não criado] de toda a criação” (*Christian Apologetics [Apológicas Cristãs]*, 1988, p. 338).

E numa nota de rodapé acrescenta: “Em vista do claro ensinamento de que Cristo é Criador e não uma criatura, são errôneas as interpretações arianas de frases como Cristo é “primogênito” (Colossenses 1:15) ou “o princípio da criação” (Apocalipse 3:14). Cristo é “primogênito” no sentido de ser o único (não criado) Filho de Deus. Cristo é o primeiro *acima* da criação e não o primeiro *nela*” (ibid.).

Miquéias 5:2 declara que o futuro rei messiânico era “da eternidade”. Jesus apareceu, em Sua vida divina, antes de Seu nascimento humano, como o rei sacerdote Melquisedeque, “não tendo princípio de dias nem fim de vida” (Hebreus 7:3). (Para saber mais solicite o nosso guia de estudo bíblico gratuito *Quem é Deus?*). Jesus não foi criado. Ele sempre existiu desde a eternidade juntamente com Deus Pai.



O Deus que se Tornou um Ser Humano

“E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (João 1:14)

Como alguém que é espírito, tendo vivido toda a eternidade no passado, se torna humano? Jesus foi um ser humano como qualquer um de nós? E, enquanto ser humano, Ele ainda era Deus?

Havia sido profetizado que Jesus seria “Deus conosco” (Mateus 1:23). Jesus foi um ser humano e também Deus. Em nenhum momento Ele deixou de ser o que sempre foi. A Sua identidade não mudou. Quando estava no ventre de Maria, Ele ainda era Deus. Quando era um bebê, deitado na manjedoura, Ele ainda era Deus. Quando era um jovem, crescendo em Nazaré, Ele ainda era Deus. E quando estava morrendo, Ele ainda era Deus.

Como um ser espiritual, antes de Seu nascimento humano, o Seu conhecimento, poder e presença eram infinitos [Ele era onisciente, onipotente e onipresente]. Como Deus Ele sabia tudo e tinha poder ilimitado para agir onde quisesse e sobre o que fosse. Mas como humano não podia fazer todas as coisas. Ele estava limitado às capacidades naturais como qualquer ser humano normal. Ele não podia ser infinito e finito ao mesmo tempo.

Um corpo físico com limitações físicas

Quando Jesus se tornou carne, Ele ainda era Deus quanto à Sua identidade, mas renunciou a tudo, pois se tornou um ser humano no sentido completo da palavra.

Jesus tinha um corpo físico. O Seu mais íntimo discípulo atesta que Ele era uma pessoa física: “O que era desde o princípio, *o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram* da Palavra da vida—Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela . . .” (1 João 1:1-2). João está afirmando a humanidade de Jesus Cristo quando diz que ouviram, viram e tocaram nEle.

Ele tinha um corpo completamente humano. Nasceu, cresceu e desenvolveu-se como qualquer outra criança.

Jesus esteve sujeito às mesmas limitações físicas de qualquer outro ser humano, porque tinha um corpo da mesma natureza. Sentiu fome (Mateus 4:2) e sede (João 19:28) quando jejuou. Sentiu cansaço em uma longa caminhada (João 4:6).

Jesus sofreu fisicamente e morreu. Hebreus 2:10 (BLH) nos diz que Ele

se tornou “perfeito por meio do sofrimento”. Fisiologicamente, Ele foi um ser humano sujeito à morte como nós. “E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também Ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo” (Hebreus 2:14). Ele se tornou carne “para que . . . experimentasse a morte” (versículo 9, NVI).

Jesus sofreu terrivelmente ao morrer, como está evidenciado nos relatos da crucificação. Quando a lança perfurou o Seu lado, saíram água e sangue dEle. O Seu corpo era como o nosso. Não pode haver dúvida de que Ele sentiu sofrimento físico, como qualquer um de nós, quando foi espancado e flagelado, quando a coroa de espinhos foi encaixada em Sua cabeça e quando os pregos foram cravados em Seus pulsos e pés.

Jesus sentiu emoções humanas

Jesus também sentiu muitas das mesmas emoções e comoções que também sentimos. Ele pensou, ponderou e sentiu toda a extensão das emoções humanas. Ele teve grande afeição pelo povo (João 11:5; 13:23; 19:26). Ele sentiu compaixão e piedade dos famintos e daqueles física e espiritualmente aflitos (Mateus 9:36; 14:14; 15:32; 20:34).

Ele podia se sentir angustiado e incomodado, como ficou evidente para os Seus discípulos quando Ele percebeu o Seu iminente sofrimento e morte (Lucas 12:50; João 12:27). Ele ficou profundamente perturbado quando revelou que um dos Seus discípulos iria trai-Lo (João 13:21). Sentiu angústia e chorou diante do luto da família e dos amigos de Lázaro, na ocasião da morte deste (João 11:33-35).

Jesus ficou “profundamente entristecido e angustiado” e não quis ficar sozinho quando estava lutando contra Seus pensamentos e sentimentos antes mesmo de ser preso (Mateus 26:37-40). Obviamente, Jesus tinha as mesmas faculdades humanas de sentir pena e angústia tão intensamente quanto nós sentimos.

Ele também sentiu alegria (João 15:11; 17:13). Ele podia ficar com raiva e se condoer por causa das atitudes das pessoas (Marcos 3:5) e também indignar-se com Seus próprios discípulos (Marcos 10:14).

A capacidade intelectual de Jesus

Não obstante, os Evangelhos revelam, claramente, que Jesus tinha um conhecimento do passado, do presente e do futuro muito além de qualquer pessoa comum. Certamente, essas notáveis faculdades não eram inerentes ao seu nascimento. Elas Lhe foram dadas pelo Pai. Como Jesus disse claramente: “Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma” (João 5:30)—ou seja, nada sobrenatural podia fazer por Si mesmo. Aprofundaremos mais este conceito quando abordarmos os feitos de Jesus.

Como sabemos que Jesus teve conhecimento além das capacidades normais do ser humano? A primeira vez que observamos isto é quando

Ele, aos doze anos de idade, demonstrou ter conhecimentos muito além de Sua idade quando debateu no templo com os doutores da lei (Lucas 2:46-47).

Ele conhecia os pensamentos tanto de Seus amigos (Lucas 9:47) como de Seus inimigos (Mateus 9:4). Ele sabia que a mulher samaritana teve cinco maridos e que não era casada com o homem com quem estava vivendo (João 4:18). Ele sabia que Lázaro tinha morrido enquanto Ele e os apóstolos estavam a quilômetros de distância do local (João 11:1, 11-14).

Ele sabia qual discípulo iria trai-Lo, muito antes de Judas ter tomado a decisão de entregá-Lo àqueles que queriam matá-Lo (João 6:70-71). Ele disse a Pedro que ele O negaria três vezes na noite em que seria preso e que, após isso, o galo cantaria pela terceira vez (Lucas 22:34).

Mas nem sempre Ele sabia de tudo. Havia coisas que Ele não sabia e por isso tinha que perguntar. Ele perguntou ao Pai da criança que tinha o espírito mudo: “Quanto tempo há que lhe sucede isto?” (Marcos 9:21). Quando Jesus proferiu as fantásticas profecias sobre o fim das eras e de Seu regresso, Ele demonstrou não saber do tempo exato de Sua vinda. “Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai” (Marcos 13:32).

Jesus dependia do Pai para Lhe mostrar o tempo de Seu regresso. Isto nos ajuda a entender que o Pai também Lhe deu o entendimento dos corações dos homens, de acontecimentos proféticos e de outras coisas que Ele não sabia.

Jesus dependeu constantemente de Deus Pai para ser orientado sobre o que fazer, o que dizer e como responder, para ter discernimento dos corações dos homens e qualquer coisa mais que o Pai achasse necessário Lhe revelar. Ele confiava que Deus Pai Lhe ajudaria a obedecer, e dando-Lhe poder sobre os espíritos demoníacos e força para resistir e vencer as tentações.

Às vezes, Ele orava por longo tempo (Lucas 5:16; Marcos 1:35). Antes de escolher os doze apóstolos, Ele orou toda uma noite (Lucas 6:12-16). Na noite antes de Sua crucificação, Ele orou ininterruptamente no jardim do Getsêmani e o Pai enviou um anjo para encorajá-Lo durante essa terrível prova (Lucas 22:41-44).

Em Hebreus 5:7 diz: “O qual, nos dias da Sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que O podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia”. Como ser humano, Jesus confiou completamente no Pai para Lhe dar a força necessária para prevalecer contra as forças que lutavam impetuosamente contra Ele.

Jesus dependeu constantemente de Deus Pai para ser orientado sobre o que fazer, o que dizer e como responder, para ter discernimento dos corações dos homens e qualquer coisa mais que o Pai achasse necessário Lhe revelar.

Jesus poderia pecar?

Isso traz à luz outra questão sobre a humanidade de Jesus. Seria possível que Jesus pecasse? A Bíblia é muito clara ao dizer que Jesus não pecou. Paulo diz que Jesus “não conheceu pecado (2 Coríntios 5:21). João confirma que “nEle não há pecado” (1 João 3:5). Nenhum de Seus inimigos poderia acusá-Lo de pecar (João 8:46).

Mas Ele *poderia* ter pecado? Hebreus 4:15 nos diz que “não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, Um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado”. Se não era possível que Jesus pecasse, então Ele realmente foi tentado?

Seria mais apropriado dizer que embora Ele *pudesse* pecar, sem dúvida, Ele *não o faria*. Ele enfrentou batalhas e tentações reais, mas se recusou render-se à tentação do pecado.

Quando Ele foi tentado pelo demônio durante quarenta dias (Lucas 4:1-2), aquilo foi realmente uma tentação ou meramente um exercício supérfluo? Dificilmente se poderia dizer que as Suas “orações e súplicas, com grande clamor e lágrimas, dirigidas a Quem O podia livrar da morte” não eram o resultado de Ele estivesse sentindo uma grande tentação.

Em certa ocasião aconteceu que, quando suplicava sob grande pressão imediatamente antes de ser preso, Ele, “posto em agonia, orava mais intensamente; e o seu suor tornou-se como grandes gotas de sangue, que caíam sobre o chão” (Lucas 22:44). Jesus, então, admoestou aos Seus discípulos: “Levantai-vos, e orai, para que não entreis em tentação” (versículo 46).

Para que Jesus soubesse perfeitamente como os seres humanos deveriam lidar com o pecado, “. . . convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo. Pois, naquilo que Ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados” (Hebreus 2:17-18, ARA).

Como Ele poderia ser nosso exemplo se não fosse humano e, por conseguinte, não fosse tentado exatamente como nós somos? Essa é a razão pela qual Ele *teve que ser* tentado do mesmo modo que também somos. Contudo, Ele ainda foi mais além. Se uma pessoa se rende à tentação, ela não chega a sentir todo o poder dela, pois cede enquanto poderia resisitir um pouco mais. Somente aquele que tem sucesso sobre uma tentação e se mantém impecável conhece *toda* a força daquela tentação.

Ele era realmente Deus?

Explicamos que Jesus era Deus como diz, claramente, a Bíblia (João 1:1). Então qual era a diferença de quando Ele era Deus, antes de Seu nascimento humano, e depois de se tornar um ser humano?

Paulo aborda a essa mesma questão no segundo capítulo de Filipenses.

Paulo nos fala sobre de que Jesus abriu mão e a que Ele Se sujeitou quando, “embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens” (versículos 6-7, NVI).

O versículo 8 nos diz que “humilhou-Se a Si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz”. Ele foi executado como um criminoso.

Ao tomar a forma humana, Jesus renunciou aos Seus atributos inerentes, os quais Ele tinha quando estava com o Pai. Isto não quer dizer que os *perdeu*, mas que, para ser completamente humano, era necessário que Ele, voluntariamente, renunciasse ao direito de exercê-los. E tendo renunciado a esses atributos, Ele deixou de possuí-los de forma inerente enquanto era um ser humano. Na verdade, como referido antes, Jesus disse claramente que não tinha em Si mesmo a capacidade de fazer obras sobrenaturais: “Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma” (João 5:30). Ele só podia exercer os atributos de divindade em submissão à vontade do Pai.

Jesus realizou muitas obras maravilhosas, mas disse, enfaticamente, a Seus discípulos: “As palavras que Eu vos digo não as digo de Mim mesmo, mas o Pai, que está em Mim, é Quem faz as obras” (João 14:10). Uma e outra vez, Ele disse que as obras que fazia eram do Pai e não dEle mesmo e disse também que elas eram prova de que tinha sido enviado pelo Pai (João 10:32, 37-38).

Enquanto, séculos antes, Jesus tinha autoridade para falar como o *YHWH* do Antigo Testamento, agora Ele falava e agia sob a autoridade de Deus e totalmente dependente dEle. “Em verdade, em verdade vos digo que o Filho de si mesmo nada pode fazer, senão o que vir o Pai fazer; porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente” (João 5:19).

Aquele que existiu com o Pai desde antes do princípio do universo, agora como ser humano, explica essa relação: “. . . nada faço por Mim mesmo; mas falo como Meu Pai Me ensinou” (João 8:28).

A salvação de Jesus

Jesus pôs completamente todo Seu futuro nas mãos do Pai. Agora Aquele que tinha existido por Si mesmo, não manteria Sua vida senão através do Pai (João 6:57). Para voltar a ter vida eterna novamente Ele teria de consegui-la como um ser humano, do mesmo modo que eu e você podemos alcançar a salvação—através da submissão ao Pai e da ressurreição dentre os mortos.

Hebreus 5:9 diz que Jesus “tornou-se o Autor da salvação eterna” quando passou pelo processo de salvação como um ser humano—salvo uma exceção. Jesus não teve que se arrepender de qualquer pecado, pois se manteve sem pecado. E “embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu” (versículo 8, ARA)

Ele sempre foi obediente. Contudo, a Sua obediência e caráter foram

provados e fortalecidos através de dificuldades e provas. “E, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que Lhe obedecem” (versículo 9, ARA). Ele já era perfeito antes de Seu nascimento humano. Agora tornou-se perfeito como ser humano. Ele foi “declarado Filho de Deus . . . pela ressurreição dos mortos” (Romanos 1:4), contudo, Ele já era o Filho de Deus em virtude de Quem era (versículo 3).

Então, ficou claro “*que foi preciso que Jesus se tornasse em tudo igual aos Seus irmãos*” (Hebreus 2:17, BLH).

O enormíssimo sacrifício de Jesus é muito difícil para nós entendermos quando nos damos conta da posição em que Ele, voluntariamente, se colocou. A Sua própria existência estava em risco. Se Jesus tivesse pecado, então, quem se sacrificaria por Ele? Se Ele tivesse decidido pecar, mesmo que fosse apenas uma só vez, Ele teria incorrido na pena de morte—morte eterna. Assim requeria a lei que Ele mesmo proclamou, como Deus, no monte Sinai.

Deus poderia morrer?

Algumas pessoas não gostam de contemplar essa possibilidade quando se diz respeito a Deus, ou seja, de Ele poder morrer. Como Deus poderia deixar de existir? Como um ser espiritual, infinito e imortal, Ele não podia. Mas quando Ele se ofereceu para se tornar um ser humano e possuir todos os atributos e a existência física da natureza humana, então Ele *poderia morrer*. E, de fato, Ele *morreu*—e, quando morreu, Ele *estava realmente morto*. Se Ele não tivesse realmente morrido, da mesma forma que qualquer um de nós morre, então, a Sua vida não poderia ser um substituto autêntico da nossa—isto é, a Sua vida pela nossa.

Isso tudo teria sido uma fantasia, uma ilusão. Jesus não só morreu, como também poderia ter sofrido a morte da qual não há ressurreição—a de um pecador não redimido.

A Sua salvação veio através do Pai em quem Ele tinha plena confiança. Essa relação era tão grande que só poderia ser descrita como a de uma esperança e confiança completa, absoluta e ilimitada em Seu Pai (João 8:29). Jesus submeteu Sua vontade à de Seu Pai (João 6:38). Como ser humano, Ele não buscou nenhuma glória (João 17:5). Ele foi obediente até à morte (Filipenses 2:8).

Ele colocou a Sua salvação no mesmo nível da nossa. Nós temos um precursor, um exemplo, um autor e capitão da salvação. O que Ele viria a ser por toda a eternidade estava em risco durante os Seus poucos anos nesta Terra (Filipenses 2:8-11).

Havia alguma dúvida quanto ao resultado? De modo algum—não porque Ele não poderia falhar, mas porque Ele e o Pai sabiam o que cada conseguiria fazer e o que fariam. O maior poder que existe é o de Deus e a fé de Jesus foi completa e absoluta. E é por meio dessa mesma fé que somos salvos (Gálatas 2:20).

As relações familiares de Jesus

Quando lemos cuidadosamente os Evangelhos, observamos várias relações familiares que nos ajudam a compreender melhor certos acontecimentos.

Em Lucas 1:36, encontramos uma das mais importantes relações familiares, onde o mesmo anjo que informa a Maria que ela conceberá um Filho, ainda lhe diz: “também Isabel, tua prima, concebeu um filho em sua velhice...”. Esta mesma Isabel daria à luz um filho de nome João, que seria conhecido na história por João Batista (versículos 57-60, 80).

O exato parentesco entre Maria e Isabel não é declarado especificamente, mas, aparentemente, elas eram primas, por conseguinte, Jesus e João foram primos. Ambos tinham pleno conhecimento de seus ministérios, e quando João viu Jesus vindo em sua direção para ser batizado, exclamou: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29).

Certamente, João recebeu uma revelação divina de que o seu primo Jesus era o Messias profetizado (versículos 30-34), portanto, fato de João aceitar, sem hesitação, a verdade dessa revelação serve como testemunho de que Jesus teria de viver uma vida impecável e justa.

Alguns apóstolos eram primos

Embora poucas pessoas estejam cientes disso, parece que pelo menos dois dos apóstolos eram primos de Jesus. Descobrimos isso ao compararmos a lista das quatro mulheres que viram a crucificação de Jesus, conforme registrado em Mateus

27:56; Marcos 15:40 e João 19:25. Ao compararmos os relatos, vemos que essa lista das mulheres incluía:

Maria Madalena (mencionada por Mateus, Marcos e João); Maria, mãe de Jesus (mencionada por João); outra Maria, identificada por João como “Maria mulher de Clopas” e por Mateus e Marcos como “Maria, mãe de Tiago e de José”.



Alguns dos apóstolos eram primos de Jesus; e, mais tarde, os Seus meios-irmãos, Tiago e Judas, escreveram epístolas que levavam os seus nomes e fazem parte do Novo Testamento.

Geralmente, esse Tiago é identificado como Tiago, o Menor, um dos doze apóstolos, também chamado “Tiago, filho de Alfeu” (Mateus 10:3; Marcos 3:18; Lucas 6:15). “Clopas” e “Alfeu” parecem ser variações do nome aramaico “chalphai”, o qual podia ser traduzido ao grego como “Clopas” e ao latim como “Alfeu”.

Hegésipo, historiador do segundo século, diz que Clopas era irmão de José, marido de Maria e pai adotivo de Jesus. Se assim for, então Tiago era primo de Jesus.

Salomé, mencionada por Marcos, também é mencionada como “a mulher dos filhos de Zebedeu” por Mateus e como “irmã de Sua [Jesus] mãe” por João. Sendo Salomé e Maria irmãs, seus filhos—Jesus, filho de Maria, e os discípulos Tiago e João, filhos de Salomé e Zebedeu—eram primos em primeiro grau.

Esta relação explica o incidente em Mateus 20:21, onde “a mãe dos filhos de Zebedeu” pediu para que seus filhos, Tiago e João, tivessem posições proeminentes no reino de Cristo. O pedido pode parecer muito audacioso, mas precisamos entender que ele foi feito pela tia de Jesus em nome de Seus dois primos.

A sua proximidade como membros da família de Jesus, provavelmente, levou-os a pensar que tal pedido não seria visto como atrevimento e também ajuda a compreender a resposta delicada, mas firme, de Jesus.

Esta relação familiar também nos ajuda a entender por que Tiago e João, juntamente com Pedro, foram os três discípulos mais próximos de Jesus, que pediu-lhes para acompanhá-Lo naqueles momentos significativos de Sua vida (Mateus 17:1-9; 26:36-37; Marcos 5:37). Evidentemente, Jesus estava próximo desses dois primos e gostava da companhia deles. Provavelmente, eles cresceram juntos e eram amigos desde crianças.

Os irmãos e as irmãs de Jesus

Os Evangelhos também nos mostram que Jesus teve muitos meios-irmãos e meias-irmãs que nasceram de José e Maria. Em Mateus 13:55-56 vemos que alguns residentes de Nazaré perguntaram: “Não é este o filho do carpinteiro? E não se chama sua mãe Maria, e

seus irmãos Tiago, e José, e Simão, e Judas? E não estão entre nós todas as suas irmãs?”

Esta passagem cita quatro meios-irmãos—Tiago, José, Simão e Judas—e faz referência a meias-irmãs. Portanto, Jesus tinha pelos menos seis meios-irmãos—quatro irmãos e duas irmãs.

Durante a vida de Jesus os Seus meios-irmãos não acreditavam que Ele fosse o Messias Salvador (João 7:5). Todavia, depois de Sua ressurreição, Tiago tornou-se um crente proeminente. Em Atos 1:14 Tiago, juntamente com os seus outros irmãos e a sua mãe Maria, está entre os membros originais da Igreja, o mesmo grupo que recebeu o Espírito de Deus no dia de Pentecostes (Atos 2:1-4).

Mais tarde, Tiago tornou-se um líder da congregação de Jerusalém. Ele exerceu um papel destacado na conferência de Atos 15 (ver versículos 13-21). Paulo, mais tarde, visitou-o em Jerusalém (Atos 21:18). Em Gálatas 2:9, Paulo refere-se a Tiago como um “pilare” da Igreja. Tiago também escreveu a epístola do Novo Testamento que leva seu nome (Tiago 1:1). Outro irmão acima referido, Judas (Mateus 13:55), escreveu uma breve epístola, que também leva seu nome (Judas 1).

O fato de os parentes, incluindo os meios-irmãos que cresceram junto com Jesus, aceitarem a Jesus como Messias e Salvador pessoal representa um forte testemunho de que Ele viveu uma vida exemplar e impecável. E também o fato de eles terem abraçado a fé, depois de Sua ressurreição, é outro poderoso testemunho dessa ressurreição do túmulo.

Jesus Tinha Cabelo Comprido?

A maioria das pessoas pensa que Jesus tinha cabelo comprido. Afinal de contas, essa é a forma como O vemos representado em muitas pinturas, desenhos e filmes. Esse é o único Jesus que nos tem sido divulgado. Mas essas representações são corretas?

A verdade é que não sabemos como era a aparência de Jesus, porque os primeiros desenhos e pinturas dEle só foram feitos centenas de anos depois. Por isso, toda a representação que vemos a Seu respeito não passa de imaginação artística.

Apesar de não sabermos qual era a aparência de Jesus, certamente sabemos que Ele *não se parecia* com as descrições comuns, que O representam de cabelo comprido. Até porque Ele inspirou ao apóstolo Paulo a escrever em 1 Coríntios 11:14 “Ou não vos ensina a própria natureza *ser desonroso para o homem usar cabelo comprido?*” (ARA).

Além dessa instrução relativa a cabelo longo no homem, a Bíblia também contém evidências circunstanciais de que Jesus não teve cabelo comprido.

Talvez a mais notável seja a de Judas, que teve de identificá-Lo com um beijo quando O traiu. Esse foi o sinal que Judas havia combinado com os guardas para que pudessem identificá-Lo. Por que Judas teve de fazer isso? Porque Jesus se parecia como todo homem comum daquele tempo, e não eles não conseguiriam identificá-Lo se Judas não O tivesse traído com um beijo.

Esse incidente mostra que Jesus se parecia como qualquer judeu normal

de Seu tempo; portanto, não havia nada que O distinguísse fisicamente. A profecia messiânica de Isaías 53:2 diz que Ele “não tinha parecer nem formosura; e, olhando nós para Ele, nenhuma beleza víamos, para que O desejássemos”.

A maioria das pessoas pensa que Jesus tinha cabelo comprido. Afinal de contas, essa é a forma como O vemos representado em muitas pinturas, desenhos e filmes. Esse é o único Jesus que nos tem sido divulgado. Mas essas representações são corretas?

Pelo menos em duas ocasiões, os Evangelhos nos dizem que Jesus escapou em meio à multidão quando algumas pessoas tentaram matá-Lo (Lucas 4:30; João 8:59). Ele pôde escapar simplesmente porque se parecia com qualquer homem comum e podia se misturar com as pessoas à Sua volta.

Um artigo da Associated Press, de 24 de fevereiro 2004, explica: “Jesus



Ilustração fotográfica por Shaun Venish/Scott Ashley

Estes bustos de cidadãos romanos mostram o corte de cabelo típico no Império Romano durante o primeiro século. Alguns relatos apresentados nos Evangelhos mostram que Jesus se parecia como qualquer homem comum daquela época.

não tinha cabelo comprido’, disse o antropologista Joe Zias, que estudou centenas de esqueletos encontrados em escavações arqueológicas em Jerusalém. ‘Na antiguidade os homens judeus não usavam cabelo comprido’. ‘Os textos judeus ridicularizavam o cabelo longo como algo romano ou grego’, disse Lawrence Schiffman da Universidade de Nova Iorque” (“Jesus Scholars Find Fault in Gibson’s ‘Passion” [Estudiosos de Jesus Encontram Falha na ‘Paixão’ de Gibson]). Contudo, isso não era muito comum nem mesmo entre os gregos e romanos, como atestam muitas estátuas e moedas da época.

“Além dos extensos escritos desse período, os especialistas apontam para as gravuras no Arco de Tito, em Roma, construído depois de Jerusalém ter sido tomada no ano 70 d.C., para celebrar essa vitória, onde mostra homens judeus com cabelos

curtos sendo levados para o cativeiro” (Ibid.).

Jesus não era um homem delicado nem efeminado, com uma aparência quase angelical, como, em geral, é representado nas pinturas. Ele era um carpinteiro, um construtor, um homem que conhecia o ramo da construção. Ele sabia como derrubar árvores e fazer vigas de madeira, como trabalhar a pedra para construir paredes e como construir edifícios de pedra e madeira.

Os Evangelhos dão a entender que Ele passava muito tempo ao ar livre. Ele andava com pescadores, uma classe de pessoas que nunca respeitaria ou admiraria uma pessoa de aparência frágil. Não obstante, Jesus teve doze discípulos que seguiam-No para onde Ele fosse e que, eventualmente, acabaram morrendo por Ele. Eles O conheciam como um homem de verdade e não como essa fantasia que vemos em tantos quadros e pinturas.

A Missão Incompreendida do Messias

“Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (João 1:11).

Jesus fez milagres e sinais. Ele curou enfermos, ressuscitou mortos, acalmou tempestades da natureza, alimentou multidões e exerceu absoluta autoridade sobre o mundo espiritual—entretanto, Ele não foi aceito como o Messias de Israel.

Qualquer um poderia supor que com aquelas credenciais Ele seria imediatamente proclamado Messias. Mas, contudo, a Bíblia nos diz que Ele *“Veio para o que era Seu [povo], e os Seus não o receberam”* (João 1:11). Depois de três anos e meio de ministério, somente cento e vinte seguidores estiveram presentes no começo miraculoso de Sua Igreja (Atos 1:15).

Uma das profecias sobre o Messias predisse que Ele seria “desprezado, e o mais rejeitado entre os homens” (Isaías 53:3). As grandes obras que Jesus realizou, as quais Lhe trouxeram popularidade no país, não foram suficientes para sobrepor a desaprovação das autoridades religiosas quanto a Ele—ou suficientes para assegurar a lealdade do coração inconstante do homem comum daquela época.

A Sua missão e os Seus ensinamentos não se alinhavam com o pensamento dos que estavam nas altas posições da nação, e maioria daqueles que O viu e ouviu também não compreenderam Seu propósito.

O que os judeus esperavam?

Os judeus eram sabedores de muitas das profecias acerca do Messias, o escolhido ou “ungido”, como assim quer dizer a palavra em hebraico. Eles criam fervorosamente que o Messias seria um forte e glorioso rei terreno que os libertaria dos seus opressores romanos e formaria outro grande e independente reino judeu. Os magos que vieram do Oriente à procura do Jesus recém-nascido perguntaram em Jerusalém: “Onde está aquele que é nascido rei dos judeus?” (Mateus 2:1-2).

O rei Herodes, que governava a Judeia, compreendeu claramente que o Messias que os judeus aguardavam seria outro rei e, por conseguinte, seu adversário. Por isso, ele perguntou ao chefe dos sacerdotes e escribas “onde havia de nascer o Cristo” porque desejava eliminar essa ameaça ao seu poder (Mateus 2:3-16).

Na língua grega, em que foi escrito o Novo Testamento, a palavra *Christos* (*Cristo* em português) tem o mesmo significado da palavra hebraica *Mashiach* (*Messias* em português), ou seja, “o ungido”, que significa aquele que foi especialmente escolhido por Deus (ver “O que significam os termos ‘Cristo’ e ‘Jesus?’” nas páginas 74). Herodes e os governantes judeus consideravam o título “Cristo” como sinônimo de “rei dos judeus,” segundo o entendimento da época (comparar Mateus 2, versículos 2 e 4).

Essa expectativa de que Cristo seria um rei ajustava-se ao entendimento judaico de que Ele seria um descendente de Davi, o mais famoso dos reis de Israel e pelo qual todos os outros reis eram nivelados. Vemos isso ilustrado em Mateus 22:42, quando Jesus perguntou aos fariseus: “Que pensais vós do Cristo? De quem é filho?” Eles responderam-Lhe: “De Davi”.

Jesus foi chamado de “Filho de Davi” por dois homens cegos (Mateus 9:27), por uma mulher cananeia (Mateus 15:22) e por um cego em Jericó (Mateus 20:30). Quando Jesus curou um homem possesso, que era cego e mudo, “toda a multidão se admirava e dizia: ‘Não é este o Filho de Davi?’” (Mateus 12:22-23). Em Sua peculiar entrada em Jerusalém Ele foi aclamado por: “Hosana ao Filho de Davi!” (Mateus 21:9)

A quantidade e a abrangência dos milagres realizados por Jesus—milagres inigualados na história de Israel mesmo pelos grandes profetas—levou o povo a concluir que Ele tinha de ser o Messias profetizado. “E muitos da multidão creram nele, e diziam: Quando o Cristo vier, fará ainda mais sinais do que os que este tem feito?” (João 7:31).

Um tempo determinado para restaurar um reino?

O povo desejava e esperava que o surgimento do “Filho de Davi,” fosse conforme Àquele profetizado a restaurar o reino de Israel sob a dinastia davídica.

Em certa ocasião, quando Jesus alimentou miraculosamente uma multidão de cinco mil pessoas, o povo ficou convencido de que Ele era “verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo” (João 6:14). Isso era uma alusão à profecia de Moisés sobre a promessa de um profeta como ele próprio, que se encontra em Deuteronômio 18:15-19. Os discípulos de Jesus O identificaram com esse mesmo profeta, dizendo: “Havemos achado *aquele* de quem Moisés escreveu na Lei, e *de quem escreveram* os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José” (João 1:45).

Que rei seria melhor do que aquele que pode nos alimentar de forma miraculosa? Esse milagre fez com que o povo sentisse vontade de torná-Lo rei ali mesmo. Mas, “sabendo, pois, Jesus que haviam de vir arrebatá-lo, para o fazerem rei, tornou a retirar-se, ele só, para o monte” (João 6:14-15). Ele se desvencilhou disso. Tornar-se um rei humano de uma Israel poderosa, naquela altura, não fazia parte da missão de Jesus.

Mesmo depois de Sua morte e ressurreição, os Seus discípulos continua-

vam convictos de que Ele ainda restauraria o reino davídico de Israel. Eles perguntaram-Lhe: “Senhor, restaurarás Tu neste tempo o reino a Israel?” (Atos 1:6). Eles ainda não entendiam todas as peças do jogo profético que Ele estava revelando-lhes.

Compreendendo as profecias messiânicas

Essas ideias erradas deviam-se, em parte, à falta de conhecimento de suas próprias Escrituras, quanto à ocasião em que as profecias seriam cumpridas. Em suma, Jesus falou e atuou de forma a revelar a Sua verdadeira missão de Sua primeira vinda—que se encontrava na profecia bíblica, contudo, não do modo que eles as entendiam.

Na verdade, estava profetizado que o Messias viria para Seu povo. Mostramos muitas dessas profecias que se cumpriram quando Ele veio à Terra em pessoa. Ele foi um servo, sofreu durante a Sua vida e voluntariamente Se ofereceu em sacrifício. Mas existiam muitas profecias que *não* foram cumpridas—pelo menos, *não naquele tempo*.

Por exemplo, existem grandes profecias de Isaías que dizem: “acontecerá nos últimos dias que se firmará o monte da casa do SENHOR no cume dos montes, e se elevará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações” (Isaías 2:2).

Na profecia bíblica, montanhas e montes são usados para representar governos e nações. Essa profecia revela-nos um tempo em que o futuro reino do Messias será estabelecido e reinará sobre todos os governos e nações da Terra. O entendimento profético deste reino divino se encontrava no âmago da mensagem de Cristo, bem como o verdadeiro papel do Messias.

Quando Jesus anunciou que “o Reino de Deus está próximo” (Marcos 1:15), Ele estava referindo-se simplesmente ao futuro Reino de Deus que virá para a Terra—e que Ele era o caminho para esse reino. Muitas vezes, quando os Evangelhos dizem que eles “criam nEle,” significa que eles acreditavam que Ele era o Messias que estabeleceria um reino a Israel *naquela época!*

Por que Jesus não foi mais direto?

Jesus, através de Seu ministério, corrigiu as concepções erradas que as pessoas tinham sobre o esperado Messias chamando-lhes à atenção para o verdadeiro significado das Escrituras em que elas se baseavam, mas que interpretavam incorretamente. Os judeus daquela época interpretaram de modo tão errôneo as profecias do Antigo Testamento que não puderam reconhecer que o Messias que esperavam já estava entre eles!

Interessante que Jesus não apregoou aos quatro ventos que Ele *era* o Cristo. Ele proibiu aos demônios, que Ele expulsava dos possuídos, dizerem quem era Ele (Lucas 4:41). Quando Pedro, em resposta à pergunta direta de Jesus “quem dizes que Eu sou?,” ele respondeu que Ele era o

Messias, Jesus ordenou estritamente aos discípulos que não dissessem a ninguém que Ele era o Cristo (Mateus 16:15-16, 20).

Ele respondeu à pergunta de João Batista (“És Tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?”) direcionando-o para as provas de Suas afirmações messiânicas—Seus ensinamentos e Suas obras (Mateus 11:2-6).

Mas houve ocasiões em que Ele confirmou abertamente Sua identidade messiânica. Por exemplo, Ele revelou quem era à mulher samaritana, junto a um poço. “Eu sei que o Messias vem” disse-Lhe ela, ao que Jesus disse-lhe: “Eu o sou, eu que falo contigo” (João 4:25-26). Mesmo no início de Seu ministério Ele aceitou o reconhecimento de Seus primeiros discípulos quanto a ser o Messias (João 1:41-50).

Noutras ocasiões, privadamente, Jesus aceitou as designações de “Messias” e de “Filho de Deus”, mas as evitava em público. Porque o que Ele entendia acerca desses títulos era completamente diferente do entendimento dos judeus. Jesus não podia negar quem Ele era nem o que pretendia fazer, mas era cauteloso ao explicar a natureza do futuro reino e ao esvaecer interpretações falsas acerca de Sua missão.

Jesus sabia o que Seu povo esperava do Messias. E, provavelmente, em parte, por essa razão é que Ele não buscava reclamar esse título para Si e desencorajava os outros a fazer isso. Para cumprir a missão de Sua primeira vinda, Ele não pretendia causar uma revolta popular dos judeus, que se viam ansiosos por estabelecer o seu próprio reino independente, contra o odiado governo romano daquela época.

Além disso, se Jesus tivesse se proclamado como Messias, Ele provocaria imediatamente um confronto com as autoridades judias e romanas, que acarretaria em Sua execução prematura. Contudo, em seu devido tempo, Ele afirmou a ambas as autoridades quem Ele era.

Jesus, o Rei

No julgamento de Cristo, o sumo-sacerdote perguntou-Lhe: “És tu o Cristo, Filho do *Deus* Bendito?” Jesus respondeu: “Eu o sou, e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (Marcos 14:61-62). O sumo-sacerdote acusou imediatamente Jesus de blasfêmia e merecedor de morte (versículo 64).

Sim, Jesus foi sem dúvida o Messias enviado por Deus e nascido para ser rei. Ele foi claro no que diz respeito a este fato quando perante Pilatos. Contudo, Jesus pregara o Reino de Deus e não o reino de Israel.

Os judeus O acusaram perante Pilatos de afirmar ser “Cristo, o Rei”, que fazia dEle uma ameaça direta à autoridade romana (Lucas 23:2).

Pilatos, preocupado com essa alegação, interrogou Jesus sobre a acusação. Jesus respondeu dizendo: “O Meu reino não é deste mundo; se o Meu reino fosse deste mundo, lutariam os Meus servos, para que Eu não fosse entregue aos judeus; mas, agora, o Meu Reino não é daqui” (João 18:36). Pilatos pressionou Jesus a responder se Ele era realmente um rei. Jesus

respondeu: “Tu dizes que Eu sou rei. Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo” (versículo 37).

No entanto, Pilatos entendeu que Jesus não era uma ameaça ao reino de César. Mesmo assim os judeus convenceram Pilatos a executá-Lo por Jesus ter afirmado ser rei (João 19:12). Quando Cristo foi crucificado, Pilatos ordenou que pusessem acima de Sua cruz o título “REI DOS JUDEUS” (versículos 19-22).

Depois de dar ordens para que Jesus fosse açoitado, Pilatos O trouxe perante a multidão e anunciou: “Eis aqui o vosso Rei,” aparentemente pensando que a horrível punição que Ele tinha sofrido iria satisfazer à multidão. “Mas eles bradaram: Tira! Tira! Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso Rei? Responderam os principais dos sacerdotes: Não temos rei, senão o César” (João 19:14-15).

Eles não reconheceram o Seu próprio Rei.

O Futuro Reino

Jesus disse claramente a Pilatos que o Seu Reino não era daquele tempo. Ou seja, não seria um dos reinos deste presente mundo—desta presente era do homem. *Mas de uma era futura, na qual o Seu Reino será estabelecido na Terra para governar todas as nações.*

Sem dúvida, muitas profecias acerca da missão de Jesus como Messias foram cumpridas por Ele durante os três anos e meio de Seu ministério. Mas o cumprimento de muitas outras mais—as relativas ao estabelecimento do Reino de Deus em toda a Terra—*ainda serão cumpridas* por Jesus Cristo.

Quando Jesus começou a falar sobre o Reino de Deus, as pessoas não entenderam completamente. No pensamento da maior parte dos judeus do primeiro século, não havia diferença entre as profecias da primeira e da segunda vinda do Messias.

Para o povo daquela época, as profecias sobre o Messias e sobre o Reino Messiânico eram como um céu estrelado. Onde todas as estrelas parecem estar à mesma distância de nós na abóbada celeste. Mas, na realidade, há enormes distâncias entre essas estrelas. A olho nu não é possível dizer quais estão mais próximas e quais estão mais afastadas. Assim pareciam as profecias messiânicas aos judeus. A maioria deles esperava que todas se cumprissem em uma única vinda do Messias.

A Sua segunda vinda

Enquanto, a maioria das pessoas pouco notou a primeira vinda de Jesus, *ninguém* deixará de notar a Sua segunda vinda. Pois, Jesus disse que todas as pessoas da Terra “verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória” (Mateus 24:30).

Mas, quando vier pela segunda vez, será que Ele vai ser aceito? O que o povo espera? Será que os judeus vão pensar que Ele voltou só por causa

deles? Será os cristãos vão achar que serão elevados da Terra? Será que o mundo vai achar que Ele é um invasor extraterrestre?

Jesus deu uma visão ao apóstolo João, que está registrada para nós no livro de Apocalipse. Nele, Jesus completa as profecias que deu durante o Seu ministério terreno. É interessante notar que *Ele não será aceito pelo mundo nessa segunda vez*, tal como ocorreu na Sua primeira vinda. Quando Ele vier pela segunda vez, não virá para *anunciar* o Reino de Deus, mas sim como um Monarca para *estabelecer* o Reino de Deus!

Não tenha dúvidas, as nações vão rejeitá-Lo outra vez. Ele fala do tempo de Seu regresso como sendo “o grande dia da Sua ira,” quando as nações estarão furiosas contra a intervenção de Deus (Apocalipse 6:16-17; 11:17-18). Os chefes de todas as nações se “congregarão para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-poderoso,” na qual lutarão contra Ele (Apocalipse 16:14).

Na Sua segunda vinda Ele será como quem “julga e peleja” (Apocalipse 19:11). Ele “ferirá as nações” com espada e pisará “o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso” (versículo 15).

Tais passagens mostram claramente que o mundo não vai receber Cristo de braços abertos, quando Ele regressar. Essa é outra faceta de Cristo que não se ouve muito hoje em dia. Ao regressar, Ele vai ter que enfrentar uma recepção hostil do mundo—tal como aconteceu da primeira vez.

Isso leva-nos a certas questões: Conhecemos realmente o verdadeiro Jesus? Na verdade, sabemos o que Ele está a fazendo? Estamos nos preparando para sermos recebidos e galardoados por Ele quando Seu Reino for estabelecido? E do que se trata esse Reino? Abordaremos estas questões cruciais no próximo capítulo.

O que significam os termos ‘Cristo’ e ‘Jesus’?

O termo *Cristo* deriva da palavra grega *Christos*, no Novo Testamento, e quer dizer “ungido”. A palavra hebraica equivalente, no Antigo Testamento, é *Mashiach* a qual foi transliterada em muitas versões da Bíblia como *Messias* (João 1:41; 4:25). Tanto Cristo quanto Messias significam “ungido” ou “o ungido”.

Qual o significado dessa unção? O Guia Bíblico Oxford [*The Oxford Companion to the Bible*] diz o seguinte: “Na Bíblia hebraica o termo era frequentemente usado *por reis*, cujas coroações eram marcadas especialmente pela unção com óleo (Juizes 9:8-15; 2 Samuel 5:3; 1 Reis 1:39; Salmos 89:20), e a quem era dado o título de ‘o ungido do Senhor’ (ex., 1 Samuel 2:10; 12:3; 2 Samuel 23:1; Salmos 2:2; 20:6; 132:17; Lamentações 4:20)” (Editores Bruce Metzger e Michael Coogan, 1993, “*Messiah*” [*Messias*], p. 513).

Esta fonte informa que a unção “era largamente praticada no antigo Médio Oriente; as cartas de Amarna [encontradas em tabuletas de barro, no Egito central] sugerem que a unção era um rito da realeza na Síria-Palestina no século catorze a.C., e...[uma história do tempo dos juizes] denota certa familiaridade com essa prática (Juízes 9:8, 15)” (“Anoint” [Ungir], p. 30).

Contudo, como esta e outras fontes apontam, não eram apenas os reis que eram ungidos nas Escrituras. Os *sumo-sacerdotes* de Israel também eram ungidos (Êxodo 29:7; Levítico 4:3, 5, 16), bem como alguns *profetas* (1 Reis 19:16).

Na prática bíblica, a unção é um ato de *consagração*—de separação para a obra santa de Deus. Simbolizava o derramamento do Espírito Santo sobre alguém (comparar Isaías 61:1; Romanos 5:5)—nos casos citados, representando o poder e a intervenção de Deus para com alguém que vai exercer as funções do cargo para o qual era consagrado. O próprio Jesus foi ungido “com o Espírito Santo e com virtude” (Atos 10:38).

Os judeus do tempo de Jesus esperavam ansiosamente um personagem profético, referido em diversas escrituras como o Messias ou o Ungido, um grande rei da linhagem de Davi que, pelo poder de Deus, restauraria Israel e governaria o mundo. Jesus de Nazaré foi esse Ungido—e Ele ainda cumprirá essas profecias.

E o que dizer sobre o nome “Jesus”? Como Ele recebeu este nome e o que significa?

No primeiro capítulo de Mateus vemos que Maria engravidou durante o noivado com José. Por isso, José estava buscando a melhor maneira de resolver essa difícil situação.

“E, projetando ele isto, eis que, em sonho, lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo. E ela dará à luz um filho e chamarás o seu nome JESUS, porque Ele salvará o seu povo dos seus pecados” (Mateus 1:20-21).

O nome grego “Jesus” é uma transliteração do nome hebraico *yehoshua* ou *yeshua*, que em português pode significar “Josué” e, literalmente, quer dizer *Deus é a salvação*. Assim, a mensagem do anjo a José foi: “Chamarás o Seu nome ‘Deus é salvação’, porque Ele salvará o Seu povo dos seus pecados”. Este nome nos diz o propósito de Jesus no plano de Deus—ou seja, que é a través dEle que Deus vai pôr em prática o Seu plano de salvar a humanidade da morte, dando-nos a vida eterna em Sua família.

Os judeus do tempo de Jesus esperavam ansiosamente um personagem profético, referido em diversas escrituras como o Messias ou o Ungido, um grande rei da linhagem de Davi que, pelo poder de Deus, restauraria Israel e governaria o mundo.

Qual foi o Evangelho de Jesus?

“É necessário que eu anuncie... o evangelho do Reino de Deus, porque para isso fui enviado” (Lucas 4:43).

“E, depois que João foi entregue à prisão, veio Jesus para a Galileia, pregando o evangelho do Reino de Deus e dizendo: O tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no evangelho” (Marcos 1:14-15).

Com estas palavras, Jesus começou o Seu ministério anunciando o Reino de Deus. O tempo que Ele tinha em mente para ser “cumprido,” era provavelmente uma referência à profecia de Daniel 9:24-25, onde se menciona que o Messias deveria vir 483 anos a partir do decreto da reconstrução de Jerusalém. O ano 27 d.C. seria quando esse especificado na profecia terminaria (ver na página 25 “A Bíblia Prenuncia O Ano Exato do Surgimento do Messias”). O ano 27 d.C. é importante porque foi nesse tempo que Jesus começou o Seu ministério. Ele começou a pregar a mensagem do Reino de Deus na Galileia.



Jesus Cristo regressará como Rei dos Reis para governar o mundo em um Reino de paz, prosperidade e propósito para todos. Este Evangelho do Reino de Deus foi o cerne de Seu ensinamento.

Como vimos, no capítulo anterior, as pessoas e até mesmo os próprios discípulos de Cristo tinham muitas ideias erradas acerca do Messias e de Sua missão. Ainda hoje as pessoas não a compreende bem, pois a vê de uma forma totalmente diferente. Muitos não entendem que o futuro Governo Mundial, profetizado em tantos lugares no Antigo Testamento, era o núcleo da mensagem e ensinamento de Jesus.

Um governo literal na terra

A maioria das pessoas não entende que o Reino de Deus é literalmente um reino, um governo, que é divino e soberano sobre todos os países da terra. Não se trata de um governo meramente simbólico ou espiritual ou um sentimento que só existe no coração humano. Como veremos, ele é muito mais que isso. Jesus simplesmente deu prosseguimento às profecias sobre o Reino que começaram a ser reveladas no Antigo Testamento.

Em Daniel 2, podemos ler uma profecia sobre esse futuro Reino. Nessa profecia Nabucodonosor, rei da Babilônia, recebe a visão de uma imagem, que representa os maiores reinos ou impérios que dominariam o Oriente Médio. Primeiramente, a imagem representa o reino da Babilônia e depois três reinos sucessivos que governariam até ao Reino de Deus ser “instaurado”. Esse Reino de Deus vai acabar com o governo dos outros reinos.

Veja a descrição desse último reino, o Reino de Deus, no versículo 44: “nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; *esmiuçará e consumirá todos esses reinos e será estabelecido para sempre*”.

A estátua vista por Nabucodonosor representava os reinos sucessivos que existiram desde o tempo de Daniel até ao tempo em que o Reino de Deus é estabelecido, quando serão destruídos por este Reino. O Reino de Deus “não será jamais destruído” e “subsistirá para sempre”.

Tal como esses reinos literais, com um rei, um governo, leis, cidadãos e território, assim também será o Reino de Deus. O seu Rei será Jesus Cristo (Apocalipse 11:15). O seu governo e leis procederão de Deus (Isaías 2:2-4). Os seus cidadãos e território serão todas as nações da Terra (Daniel 7:14). O Reino de Deus governará sobre toda a Terra!

Vejam algumas das mais conhecidas profecias que descrevem esse mesmo Reino de que Jesus falou.

A famosa profecia de Isaías 9:6-7 descreve o Seu governo: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o *principado está sobre os seus ombros*, e o seu nome será Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. *Do aumento deste principado e da paz, não haverá fim*, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar com juízo e com justiça, desde agora e para sempre”. Este é o reino mundial de que Jesus falou e que ainda não veio.

A profecia do segundo capítulo de Isaías, referida parcialmente no capítulo anterior, será cumprida com o regresso de Jesus. Observe os versículos 3-4: “E virão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do SENHOR, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém, a palavra do SENHOR. E ele exercerá o seu juízo sobre as nações e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças, em foices; não levantará espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerrear”.

O Reino de Deus acabará com as guerras

Quando Jesus falava do Reino de Deus, Ele simplesmente estava dando continuidade à mensagem dos profetas do Antigo Testamento. Muitas vezes, Jesus referiu-se, inequivocamente, ao Seu regresso à Terra para estabelecer esse reino anunciado pelos profetas. Em Sua mais longa profecia, em resposta à pergunta a esta de Seus discípulos: “que sinal haverá da

Tua vinda e da consumação do século?” (Mateus 24:3, ARA), Ele descreve o fim da era dos governos da humanidade e a chegada de Seu reino divino à Terra.

Ele respondeu, especificamente, à pergunta dos discípulos no versículo 30: “Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória”.

Apenas nesse capítulo, Ele menciona oito vezes Sua vinda à Terra de uma maneira muito diferente de Seu primeiro advento. Na primeira vez, Ele proclamou a *Boa Nova* do Reino de Deus. Da segunda vez virá *como Seu onipotente Rei para estabelecer o Seu Reino sobre toda a Terra*.

“E, quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os santos anjos, com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas. E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. Então, dirá o Rei aos que *estiverem* à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mateus 25:31-34).

De que reino Jesus está falando? Do Reino de Deus sobre o qual Ele ensinou muitas vezes! Esse reino estava sendo planejado e preparado “desde a fundação do mundo.” Jesus, “o Filho do homem,” será o Rei desse Reino. Isso foi o que Ele veio anunciar—isso era o âmagdo de Sua mensagem!

A Parábola dos Talentos

Por causa de erros de interpretação sobre o Reino, Jesus proferiu uma parábola em que deixa claro que o Seu reino será um reino com domínio no mundo físico e também no espiritual.

“E, ouvindo eles essas *coisas*, ele prosseguiu e contou uma parábola, porquanto estava perto de Jerusalém, e cuidavam que logo se havia de manifestar o Reino de Deus” (Lucas 19:11). O povo estava aguardando o estabelecimento do Reino de Deus com Jerusalém sendo o centro desse governo sobre as nações com o povo judeu sendo relevante nele, assim como os profetas tinham profetizado.

Por isso, Jesus deu essa explicação: “Certo homem nobre partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois” (versículo 12). Jesus, o homem nobre dessa parábola, instruiu que enquanto Ele estivesse ausente (no céu), por um tempo indeterminado, os Seus servos continuariam onde estavam (na Terra) e cuidando dos negócios de seu Senhor até que Ele volte, quando seriam recompensados (versículos 13-27). Qual é a recompensa nessa parábola? É obter autoridade sobre cidades—cidades de verdade; com pessoas habitando nelas (versículos 17, 19).

A parábola dos talentos, em Mateus 25:14-30, é semelhante, pois entrega o mesmo tipo de mensagem. O cenário básico é o mesmo “O Reino do Céu será como um homem que ia fazer uma viagem. Ele chamou

os seus empregados e os pôs para tomarem conta da sua propriedade” (Mateus 25:14 BLH).

A recompensa para os que aumentaram os seus talentos (uma soma de dinheiro que aqui simboliza dons espirituais) é “governar sobre muitas coisas” (versículos 21, 23). O Reino de Deus, quando for estabelecido no retorno de Jesus, será um governo real, que vai administrar toda a Terra e e não apenas assuntos espirituais do homem, mas também assuntos da vida terrena.

Esse é o futuro Reino que Jesus anunciou. Ele começou convidando alguns a “arrependerem-se e a crerem no Evangelho”—a *Boa Nova* de Sua mensagem—porque “o reino de Deus está próximo” (Marcos 1:15). Ele estava então anunciando-lhes esse Reino para que tivessem a oportunidade de se prepararem para fazer parte do Reino de Deus, quando Ele voltasse.

Outros Nomes Para o Reino de Deus

O reino proclamado por Jesus geralmente é chamado “Reino de Deus,” porém outros termos são usados para descrever esse Reino. Três evangelistas—Marcos, Lucas e João—usam a expressão “Reino de Deus” para se referir a esse Reino.

O “Reino dos céus” é a expressão usada exclusivamente por Mateus, com 32 referências em sua descrição da vida de Jesus Cristo. Contudo, ele usa, alternadamente, as expressões: “Reino de Deus” e “Reino dos céus”. Em Mateus 19:23-24 ele utiliza ambas as expressões em versículos consecutivos, implicando claramente que são sinônimo. Muitas vezes, ele simplesmente diz “o reino”.

Por que Mateus o chama de “reino dos céus”? Porque ele estava escrevendo principalmente para um público judeu. De acordo com o artigo “reino de Deus,” da *Enciclopédia Judaica*, a expressão “*Malkut Shamayim*” significa “Reino dos céus”, e é a forma como os judeus da época

designavam o Reino de Deus. Eles entendiam isso de duas maneiras. Uma era o reino literal, como profetizado em Daniel 2, onde este reino é representado por uma pedra que “vem do céu” e esmaga os reinos deste mundo e desenvolve, abrangendo toda a Terra. Na verdade, o céu é o lugar de onde Jesus virá para estabelecer o Reino na Terra. Em resumo, o reino é *dos céus* porque ele *vem do céu* (e não porque é, como pensam alguns, um reino que *está no céu*).

Outra maneira de compreendê-lo é que os judeus do tempo de Cristo pensavam que o Reino de Deus se referia a um “reino ou soberania de Deus que contrasta com o reino do poder mundano” (Ibid.). Em outras palavras, quando alguém se submetia totalmente às leis de Deus e a Seu caminho de vida revelado, então estava se submetendo à autoridade do “Reino de Deus” ou do “Reino dos céus” em contraste com todas as outras autoridades humanas ou mun-

danas. Às vezes, e em certos contextos, Jesus parece usar essa expressão nesse sentido.

Outro fator, apontado em alguns comentários, é a relutância dos judeus em pronunciar ou usar o nome de Deus, por isso, Mateus substituiu a expressão “reino de Deus” por “reino dos céus”. Isso fica claro quando comparamos passagens como Mateus 4:17 com Marcos 1:15 e Mateus 5:3 com Lucas 6:20, onde Mateus usa a expressão “reino dos céus”, enquanto Marcos e Lucas usam “reino de Deus” ao citar Jesus, referindo-se aos mesmos eventos. Contudo, devemos entender que os judeus, às vezes, usavam a expressão “reino de Deus” ou “reino do Senhor” e não somente “reino dos céus”. Entretanto, Jesus, evidentemente, usou essas formas alternadamente.

O apóstolo Paulo, em suas epístolas,

sempre usa a forma “reino de Deus”. Contudo, ao reconhecer o papel de Jesus Cristo como Rei desse reino e a maneira pela qual entramos nele, ele também o chama de “o Reino de Cristo e de Deus” (Efésios 5:5). Paulo também revela a íntima relação de amor entre Deus Pai e Jesus Cristo ao dizer “o Reino do Filho do Seu amor” (Colossenses 1:13).

O apóstolo Pedro, reconhecendo a importância central do papel de Cristo no reino, referi-se a ele como “o Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pedro 1:11). Atualmente, Jesus Cristo já é o nosso Senhor e Mestre, e futuramente reinará supremo nesse Reino (Apocalipse 17:14; 19:16). Como Salvador da humanidade, Ele é “a porta” e “o caminho” por onde temos acesso a Deus Pai e à salvação no Reino de Deus (João 10:9; 14:6).

A Salvação é a Entrada para o Reino de Deus

Geralmente, a missão de Jesus na Terra é caracterizada do seguinte modo: “Jesus veio morrer por nós para que sejamos salvos”. Mas deixar o propósito de Cristo reduzido a apenas isso é vislumbrá-lo de forma incompleta.

A salvação quase nunca é explicada da maneira como Jesus a explicou. Jesus expressou a ideia da salvação e da vida eterna em termos de *se entrar no Reino de Deus*.

Jesus ensinou: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, de modo algum *entrareis* no Reino

dos céus.” (Mateus 18:3)

Observe o ensinamento de Jesus no capítulo 19 do Evangelho de Mateus. O jovem rico dirigiu-se a Jesus e perguntou: “Que bem farei, para conseguir a *vida eterna*?” (versículo 16). Jesus respondeu: “Se queres, porém, *entrar na vida*, guarda os mandamentos” (versículo 17). Ele continuou explicando a Seus discípulos que “é difícil *entrar um rico no Reino dos céus*” (versículo 23) e que “é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que *entrar um rico no Reino de Deus*” (versículo 24). Ao ouvir Seu comentário, os discípulos de Jesus

"admiraram-se muito, dizendo: 'Quem poderá, pois, salvar-se?'" (versículo 25).

Jesus ensinou, de forma muito clara, e assim entenderam os discípulos, que a vida eterna, a salvação e entrar no Reino de Deus têm o mesmo significado!

Na mesma passagem (versículos 27-29), quando Pedro disse que eles deixaram tudo para segui-Lo e pergunta como isso será recompensado, Jesus responde: "...quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel...e *todo aquele...herdará a vida eterna*".

Ao aludir sobre ensinamento de Cristo acerca da entrada no Reino de Deus, o apóstolo Paulo disse: "*agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus...*" (1 Coríntios 15:50). "Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, *mas todos sere-mos transformados*, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos *transformados*" (versículos 51-52).

"A última trombeta" soará quando Jesus Cristo regressar para reinar em Seu Reino. O próprio Jesus inspirou esta profecia em Apocalipse 11:15: "*E tocou sétimo anjo trombeta*, e houve no céu grandes vozes, que diziam: *Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre*".

Será que é muito importante crer no evangelho do Reino de Deus? Jesus, em Marcos 1:15, diz que para ser salvo é preciso acreditar no evangelho do Reino de Deus!

A salvação que Cristo pregou precisa

ser entendida como entrar no Reino de Deus. Isto nos diz claramente o que é a salvação ou a vida eterna, e também inclui a responsabilidade da liderança servidora no Reino de Deus, o qual substituirá todos os outros reinos humanos e se tornará o reino supremo nesta Terra (Mateus 20:25-28; Apocalipse 20:4, 6).

Todo o propósito e ensinamento de Jesus tinham a ver com o estabelecimento do futuro Reino de Deus.

Jesus começou o Seu ministério com um simples depoimento: "Arrepen-dei-vos, porque é chegado o Reino dos céus" (Mateus 4:17). Ele estava oferecendo a Seus seguidores um lugar naquele Reino.

Quando Pedro, André, Tiago, João e o restante dos primeiros discípulos de Jesus deixaram tudo para trás, eles apoiaram suas decisões na oportunidade única de fazer parte da "base" do Reino de Deus. Eles sabiam que o Reino de Deus era um reino verdadeiro; apenas não sabiam *quando* seria estabelecido. Eles sabiam que tinham de tomar uma decisão, a qual somente aparece uma vez por todas na vida.

Essa mesma mensagem ainda é pregada hoje e a mesma oportunidade ainda existe para aqueles que conseguem entender o verdadeiro significado das palavras de Jesus.

Para conhecer o verdadeiro Jesus é necessário compreender claramente o que é o Reino de Deus. E para caminhar com Ele é preciso acreditar na mensagem que Ele pregou. (Se deseja aprender mais acerca desse Reino, você pode solicitar ou baixar gratuitamente de nosso site, <http://portugues.ucg.org/estudos>, o guia de estudo bíblico *O Evangelho do Reino de Deus*).

O Ensino de Jesus Sobre a Lei de Deus

“Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir” (Mateus 5:17).

Certamente, as controvérsias mais frequentes acerca dos ensinamentos de Jesus têm a ver com a Sua atitude para com as leis de Deus, registradas no Antigo Testamento.

Segundo o entendimento da maior parte das igrejas e denominações, Jesus trouxe um novo e diferente ensinamento acerca das instruções do Antigo Testamento. O entendimento comum é que a instrução de Cristo no Novo Testamento anulou e substituiu os ensinamentos do Antigo Testamento. Mas foi isso mesmo?

A ideia de que Jesus afastou-se do Antigo Testamento também é um pressuposto comum dentro do judaísmo. Jacob Neusner, em seu livro *A Rabbi Talks With Jesus [Um Rabino Conversa com Jesus]*, explica porque, em geral, os judeus não seguem a Jesus e rejeitam qualquer possibilidade de Ele ser o Messias. Ele diz: “Os judeus creem na Torá de Moisés...e essa crença requer ao judeu fiel discordar dos ensinamentos de Jesus, com o fundamento de que eles contradizem em pontos importantes da Torá” (1993, p. XII).

Aqui está um grave erro cometido tanto no cristianismo quanto no judaísmo sobre os ensinamentos de Jesus. Ambos sustentam erroneamente que Jesus se afastou do Antigo Testamento, especialmente no que diz respeito à lei.

Como veremos, os registros mostram que apesar de Jesus discordar dos líderes religiosos, Ele não discordava das Escrituras do Antigo Testamento. Esses mesmos registros mostram que o cristianismo tradicional não segue os ensinamentos de Cristo.

Para conhecer o verdadeiro Jesus temos de perguntar: O que Ele realmente disse? Enfim, o que se diz *sobre* Ele não importa. Também não interessam as interpretações acerca do que Ele disse. Na verdade, o que importa é o que *Ele realmente disse e se vamos crer em Suas palavras*.

Uma evidente declaração no Sermão da Montanha

O Sermão da Montanha é um bom lugar para começar. Pois essa é a declaração mais longa já registrada dos ensinamentos de Jesus Cristo, portanto devemos esperar encontrar nela o Seu parecer acerca das leis de Deus, assinaladas no Antigo Testamento. E, certamente, aqui encontramos isso.

Uma das razões para algumas declarações de Jesus no Sermão da Montanha é que algumas pessoas criam que a Sua intenção era subverter a autoridade da Palavra de Deus e substituí-la pela Sua, porque o Seu ensinamento era muito diferente do dos fariseus e saduceus. Mas a sua verdadeira intenção era demonstrar que muitas das coisas que os fariseus e os saduceus tinham ensinado ao longo dos tempos eram contrárias aos ensinamentos originais da Torá de Moisés, os primeiros cinco livros da Bíblia.

Jesus refutou as ideias errôneas que as pessoas tinham em relação a Ele com três declarações enfáticas sobre a lei. Veremos a seguir.

“Eu não vim ab-rogar, mas cumprir”

Jesus explica o Seu ponto de vista quanto à lei imediatamente após proferir as bem-aventuranças: *“Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir”* (Mateus 5:17).

Por isso, vemos, imediatamente, que Jesus não tinha intenção alguma de destruir a lei. Ele até mesmo nos diz para *nem pensarmos* em tal coisa. Longe de ser antagonístico às Escrituras do Antigo Testamento, Ele diz que veio *cumprir* “a lei e os profetas” e prosseguiu confirmando a autoridade de ambas. A expressão “a lei e os profetas” era de uso comum e corrente quando se referia às escrituras do Antigo Testamento (ver Mateus 7:12).

“A lei” referia-se aos cinco primeiros livros da Bíblia, os livros de Moisés, nos quais estão escritas as leis de Deus. O termo “os profetas” referia-se não apenas às escrituras dos profetas bíblicos, mas também aos livros históricos, que vieram a ser conhecidos como Antigo Testamento.

Nos capítulos anteriores vimos como Jesus cumpriu “os profetas”. Mas o que Jesus quis dizer quando falou em cumprir a lei?

Lamentavelmente, o significado de “cumprir a lei” tem sido distorcido por muitos que invocam o nome de Jesus, mas que realmente não entendem o que Ele ensinou. Eles argumentam que Jesus disse que cumpriria a lei, portanto já não precisamos mais guardá-la porque ela não é mais uma obrigação de Seus seguidores.

Outro ponto de vista sobre o termo “cumprir a lei” é que Cristo “preencheu completamente” o que *faltava* na lei, ou seja, a completou; revogando algumas partes e acrescentando outras, formando assim o que às vezes é referido como a “lei de Cristo” ou o “ensinamento do Novo Testamento”. A implicação desse ponto de vista é que o Novo Testamento trouxe uma mudança nos requisitos para a salvação e que as leis do Antigo Testamento ficaram obsoletas. Mas, esses conceitos realmente refletem, de forma correta, o que Jesus disse?

Opinião de Jesus sobre o cumprimento da lei

A palavra grega *pleroo*, traduzida como “cumprir” em Mateus 5:17, quer dizer “tornar-se pleno, completar, cumprir, preencher, encher algo

em um sentido absoluto...” (*Thayer’s Greek-English Lexicon of the New Testament [Dicionário Grego-Inglês do Novo Testamento]* edição de 2002, número 4137 de Strong). Ou seja, Jesus disse que veio para completar a lei e torná-la perfeita. Como? Mostrando a *intenção espiritual e a aplicação* da lei de Deus. Esse significado fica claro quando estudamos o resto do capítulo, onde Ele mostrou o propósito espiritual de alguns mandamentos.

Alguns distorcem o significado da palavra “cumprir” ao dizer que Jesus “não veio para destruir a lei, mas para findá-la, já que a cumpriu”. Isto é inconsistente com as Suas próprias palavras. No resto do capítulo, Ele mostra que a aplicação espiritual da lei a torna ainda *mais* difícil de guardar e não que a lei foi anulada ou já não é mais necessária.

Jesus, ao explicar, expandir e exemplificar a lei de Deus, cumpriu uma profecia messiânica que se encontra em Isaías 42:21: “Foi do agrado do SENHOR, por amor da sua própria justiça, engrandecer a lei e fazê-la gloriosa” (ARA). A palavra Hebraica *gadal* traduzida por “engrandecer” literalmente significa “ser ou tornar-se grande” (William Wilson, *Wilson’s Old Testament Word Studies [Estudos de Wilson de Palavras do Antigo Testamento]*).

Jesus fez exatamente isso, quando demonstrou a intenção, o propósito e o alcance espiritual da lei de Deus. Ele cumpriu os requisitos da lei, obedecendo-a perfeitamente em intenção e ação, quer na letra quer no espírito.

Tudo será cumprido

O segundo maior depoimento feito por Jesus, exatamente no mesmo contexto, esclarece ainda mais que Jesus não veio para destruir, anular ou ab-rogar a lei. “Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido” (Mateus 5:18).

Com estas palavras, Jesus compara a continuação da lei à permanência do céu e da terra. Ele diz que a lei é imutável, inviolável e inalterável e só pode ser cumprida, nunca ab-rogada.

Devemos reparar que neste versículo é usada uma palavra grega diferente para “cumprido”: *ginomai*, significando “vir a ser”, “vir a existir” ou “vir a acontecer” (Dicionário de *Thayer’s*, número 1096 de Strong). Assim, o significado de Mateus 5:18 é: Até quando o plano de Deus de glorificar a humanidade no Seu Reino seja completamente “cumprido”—isto é, enquanto houver seres humanos físicos—é necessária a codificação física da lei de Deus nas escrituras. Jesus explicou que isto é tão certo quanto a existência do universo.

Seus servos têm de cumprir a lei

A terceira declaração importante de Jesus é que o nosso destino depende

de nossa atitude e respeito para com a santa lei de Deus. “Qualquer, pois, que violar um destes menores mandamentos e assim ensinar aos homens será chamado o menor [*pelos que estão*] no Reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no Reino dos céus” (Mateus 5:19). “*Pelos que estão*” foi adicionado como esclarecimento, pois, tal como explicado em outras passagens, os que persistem em transgredir e em ensinar a transgressão da lei de Deus de modo algum serão acolhidos no Reino.

Jesus foi muito claro, aqueles que O seguem e aspiram ao Seu Reino têm a obrigação perpétua de obedecer e guardar a lei de Deus. Ele diz que não podemos omitir dela nem mesmo um “jota” ou um “til”—o equivalente a deixar de cortar um ‘t’ ou pôr um pinga no ‘i’!

O valor que Ele dá aos mandamentos de Deus é inconfundível, bem como a alta estima para com a lei, que Ele requer sua obediência a todos os que ensinam em Seu nome. A Sua reprovação cai sobre os que desprezam o menor dos mandamentos da lei e a Sua estima será concedida aos que os ensina e obedece.

Como Jesus obedeceu aos mandamentos de Deus, também os Seus servos têm de cumpri-los e ensinar aos outros a fazer o mesmo (1 João 2:2-6). É desse modo que os verdadeiros ministros de Cristo são identificados—eles seguem o Seu exemplo pois, “...Eu vos dei o exemplo, para que, como Eu vos fiz, façais vós também” (João 13:15).

Exceder aos escribas e fariseus

Com a declaração seguinte no Sermão da Montanha, Jesus não deixa a menor dúvida quanto ao que quis dizer nas três declarações anteriores. Sem dúvida alguma, Ele dizia aos Seus discípulos para guardarem a lei de Deus e requeria que a obedecessem sob um padrão *além* de qualquer outro jamais conhecido. “Porque vos digo que, se a vossa justiça não *exceder* a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus” (Mateus 5:20).

Quem eram os escribas e os fariseus? Os escribas eram os mestres honoríficos da lei—os intérpretes da lei, os entendidos, os especialistas. Os fariseus eram um grupo relacionado com os escribas, normalmente visto como modelos e exemplos do judaísmo. Eles formaram uma seita no judaísmo que estabeleceu um código de normas morais e rituais mais rígidas que as da lei de Moisés, baseando muitas de suas práticas de anos de tradições. Tanto os escribas como os fariseus eram muitíssimo respeitados no judaísmo (Atos 26:5).

Enquanto os escribas eram os peritos, os fariseus professavam a prática mais pura da justiça. Por isso, quando Jesus disse que a justiça de alguém tinha de ultrapassar a dos escribas e fariseus, essa declaração causou espanto!

Os fariseus eram vistos como alguém que atingiu o pináculo da retidão

pessoal, e o povo comum supunha que tal nível de espiritualidade estava além de seu alcance. Mas Jesus afirmou que a justiça dos escribas e fariseus *não era suficiente* para lhes dar direito a entrar no Reino de Deus! Então, qual era a esperança dos outros?

Jesus condena a hipocrisia religiosa

O fato é que havia um problema real com a retidão dos escribas e fariseus. O âmago da questão era que a justiça deles era defeituosa, pois era *somente de fachada*. Eles *pareciam* obedecer à lei, para quem os visse, mas, intimamente, onde não podiam ser observados por outros, quebravam a lei de Deus.

Veja a denúncia arrasadora de Jesus sobre a hipocrisia deles, pois tornavam a religião um espetáculo: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que limpais o exterior do copo e do prato, mas o interior está cheio de rapina e de iniquidade . . . por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundície. Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas interiormente estais cheios de hipocrisia e de iniquidade” (Mateus 23:25-28).

Esses autoneameados mestres religiosos enfatizavam aspectos menores da lei, enquanto negligenciavam assuntos de maior importância. “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; deveis, porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas” (versículo 23). Jesus preocupava-se com que todas as partes e requisitos legais fossem obedecidas e indignava-se por eles estarem cegos quanto ao mais importante—os principais aspectos espirituais—da lei.

Enquanto eram impertinentes com as suas tradições cerimoniais, ao mesmo tempo davam-se à liberdade de desobedecer aos mandamentos diretos de Deus. Em certas situações elevavam as suas tradições acima dos mandamentos de Deus (Mateus 15:1-9).

Por detrás de suas ações havia o motivo do status e dos interesses pessoais. Demonstravam em público o que deveria ser sua devoção privada para com Deus—a oração, o jejum e o ato de dar esmolas—tudo para serem vistos e tidos como justos pelo povo (Mateus-6:1-6; 23:5-7).

Os líderes religiosos não guardavam a lei de Deus

Imediatamente depois da Sua afirmação de que não tinha intenção de acabar com a lei de Deus, Jesus prosseguiu dando exemplos das tradições e ensinamentos dos líderes judeus religiosos que falhavam completamente quanto à obediência ou até contradiziam a intenção espiritual das leis de Deus.

O primeiro exemplo que Ele deu foi o Sexto Mandamento: “Não matarás”. Tudo o que os fariseus entendiam deste mandamento era que o ato de matar era proibido. Todavia Jesus ensinou o que devia ter sido

óbvio, que a intenção do Sexto Mandamento não era só proibir o ato literal de matar, mas também toda má atitude do coração e da mente que *conduz à morte*—incluindo a cólera injusta e as ofensas (Mateus 5:21-26).

De igual modo, Ele lidou com a limitada compreensão que tinham do Sétimo Mandamento: “Não cometerás adultério”. Os fariseus de então entendiam que esse pecado era o ato físico de ter relações sexuais com uma mulher fora do casamento. Porém, deveriam saber, como no caso do Sexto Mandamento, que quem deseja sexualmente uma mulher também peca, porque com esse desejo já configura transgressão desse mandamento no seu coração.

Esses são exemplos da “justiça dos escribas e fariseus” que Jesus caracterizou como “o limpar exterior do copo e do prato”, enquanto “o interior está cheio de rapina e de iniquidade” (Mateus 23:25).

Jesus instruiu a Seus discípulos que a lei de Deus tem de ser obedecida de forma prática, mas também *em espírito e na intenção do coração*. Quando Jesus ensinava essa obediência às leis de Deus, Ele estava sendo fiel ao que o ensina o Antigo Testamento: “porque o SENHOR não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o SENHOR olha para o coração” (1 Samuel 16:7).

O profeta Jeremias viu um tempo futuro em que Deus estabeleceria um novo acordo, no qual prometeu: “Porei a Minha lei no Seu interior, e a escreverei no Seu coração (Jeremias 31:33). A intenção original de Deus para com a Sua lei era que o povo a observasse de coração (Deuteronômio 5:29). A falha dos seres humanos em obedecer às leis de Deus “no íntimo” (Salmos 51:6), inevitavelmente, conduziu à desobediência na prática.

Jesus não mudou a lei

Jesus prefaciou o Seu contraste—da mesquinha interpretação da lei dos escribas e fariseus à verdadeira intenção espiritual da lei—usando as palavras: “ouvistes que foi dito . . . Eu, porém vos digo . . .” (Mateus 5:21-22, 27-28).

Alguns pensam, erroneamente, que a intenção de Jesus era contrastar o Seu próprio ensinamento com o de Moisés e, por conseguinte, declarar-se a Si próprio como a verdadeira autoridade. E creem que Jesus ou estava se opondo à lei mosaica ou modificando-a de algum modo.

Porém é difícil imaginar que Jesus, logo depois de proferir solene e enfaticamente a estabilidade da lei e enfatizar o Sua estima e respeito por ela, agora *debilitaria insidiosamente* a autoridade dela com outras declarações. Jesus não era inconsistente, Ele honrou e sustentou a lei em *todas* as Suas afirmações.

Nesta passagem Ele não se está contrapondo à lei mosaica nem a reivindicando uma espiritualidade superior. O que Ele *estava* fazendo era *refutar as más interpretações* perpetuadas pelos escribas e fariseus. É por isso que Ele diz que a justiça de uma pessoa tem de *exceder* a dos escribas e

a dos fariseus. No entendimento de Seus ouvintes, Jesus estava restaurando a seu ponto original a pureza e o poder dos preceitos mosaicos. (Para saber mais sobre essas leis, baixe ou solicite gratuitamente nosso guia de estudo bíblico *Os Dez Mandamentos*).

Também deveria ser óbvio que, em virtude do Autor do Antigo e do Novo Testamento ser o mesmo Deus, não poderia haver conflito entre eles e as leis fundamentais da moralidade em ambos têm de estar e estão em completo acordo. Deus diz-nos em Malaquias 3:6 “Eu, o SENHOR, *não mudo* ...”.

Jesus e o sábado

Entre os que dizem que seguem Jesus não há mandamento bíblico que suscite mais controvérsia que o Quarto Mandamento—a instrução de Deus para nos lembrarmos do sábado e guardá-lo santo (Êxodo 20:8-11). Aqui, em especial, vemos a grande variedade de interpretações das pessoas sobre o ensino de Jesus.

Alguns argumentam que Jesus anulou todos os Dez Mandamentos, mas nove foram reinstituídos no Novo Testamento—todos exceto o Sábado [o Quarto Mandamento]. Há quem creia que Jesus substituiu o sábado por Si mesmo e que *Ele* agora é o nosso “repouso”. Outros acreditam que agora não há necessidade de nenhum Sábado, que podemos descansar ou adorar em qualquer dia ou ocasião que desejarmos. Independentemente de qualquer argumento usado, a maioria esmagadora do cristianismo tradicional crê que o domingo, o *primeiro* dia da semana, substituiu o Sábado, o *sétimo* dia da semana.

Seria possível encontrar algum respaldo para esses pontos de vista na prática ou no ensinamento de Cristo? À luz do claro ensinamento de Jesus sobre a permanência das leis de Deus, qual foi Sua atitude para com o dia de sábado?

Estudando os Evangelhos, uma das primeiras coisas que devemos observar é que o costume de Jesus era ir à sinagoga, no Sábado, para adorar (Lucas 4:16). Essa era a *Sua prática regular*. Nesta ocasião em particular, Ele até anunciou a Sua missão como Messias aos que estavam na sinagoga nesse dia.

É interessante nota que, mais tarde, vemos que o costume de Paulo também era de adorar e ensinar na sinagoga no Sábado (Atos 17:2-3). Nem ele nem Jesus jamais deram a entender que não precisavam fazer isso ou que deveriam adorar num dia diferente!

Confrontos sobre como não se guardar o Sábado

Muitas pessoas tiram conclusões erradas acerca de Jesus e do Sábado de Seus confrontos com os escribas e os fariseus. Contudo, esses confrontos nunca foram sobre *se deviam guardar* o Sábado—e sim *como guardar* o Sábado. Há uma diferença crucial entre as duas coisas!

Por exemplo, Jesus desafiou os judeus, corajosamente, no que diz respeito

à interpretação deles sobre a observância do Sábado, quando fez curas milagrosas neste dia (Marcos 3:1-6; Lucas 13:10-17; 14:1-6).

De acordo com os fariseus, praticar assistência médica a alguém, salvo em caso de vida ou morte, era proibido aos Sábados. Posto que nenhuma das curas envolvia situação de vida ou morte, eles pensaram que Jesus estava transgredindo o Sábado. Mas Jesus, como Salvador, sabia que o Sábado era uma ocasião perfeitamente apropriada para trazer a Sua mensagem de cura, esperança e redenção à humanidade e para viver essa mensagem através de Suas ações.

Para demonstrar o Seu ponto de vista, Jesus, redarguindo, perguntou aos fariseus: “É lícito no Sábado fazer bem, ou fazer mal? salvar a vida, ou matar?” (Marcos 3:4). Ele expôs a hipocrisia deles, pois não viam nada errado em resgatar um animal que caiu num buraco em um dia de Sábado, ou em dar de beber a um animal nesse dia, contudo estavam condenando-O por ajudar a um ser humano nesse dia—cujo valor era muito maior do que qualquer animal (Lucas 13:15-17; Mateus 12:10-14).

Com razão, Ele estava indignado pela incapacidade deles de enxergarem que estavam colocando suas próprias tradições e interpretações acima do verdadeiro propósito da observância do Sábado (Marcos 3:5). Eles eram mesmo tão cegos, espiritualmente, que odiavam-No por ter exposto as suas distorções dos mandamentos de Deus (versículo 6).

Certa ocasião, os discípulos de Jesus estavam caminhando num campo no dia de Sábado e colheram espigas para comer. Eles não estavam fazendo uma colheita, mas simplesmente pegando algo para matar a fome. Mas os fariseus insistiram que isso não era legal. Jesus usou um exemplo das Escrituras para mostrar que o espírito e a intenção da lei não foram quebrados e que a lei de Deus permite misericórdia (Marcos 2:23-26).

E foi neste contexto que Jesus mostrou o verdadeiro propósito do Sábado. Ele disse: “O Sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do Sábado” (versículo 27). Os fariseus tinham mudado as prioridades da lei de Deus. Eles tinham acrescentado tantas regras e tradições meticulosas ao mandamento do Sábado para tentar guardá-lo, e as impunham, que se tornaram um enorme fardo para o povo em vez de uma bênção, que era a intenção que Deus tinha (Isaías 58:13-14).

Então, Jesus reivindicou Sua autoridade para dizer como o Sábado deve ser observado: “Assim o Filho do homem até do Sábado é Senhor” (versículo 28). Nessa ocasião, Ele toma o Seu justo lugar como Aquele que *deu* essa lei do Sábado. Porque, sendo Ele o próprio Criador, como previamente vimos em Colossenses 1:16 e João 1:3, foi *Ele Quem criou o Sábado, ao descansar nele* (Gênesis 2:2-3). Por isso é ridículo argumentar que Jesus aboliria ou anularia algo que Ele próprio criou para benefício de todo o ser humano!

Essencialmente, o que Jesus está dizendo fariseus o seguinte: *Vós não tendes o direito de dizer ao povo como guardar as leis de Deus. Pois,*

primeiramente, fui Eu quem as deu ao homem, por conseguinte, sei por que elas foram dadas e como deveriam ser observadas.

Jesus falou isso imbuído da autoridade que, inerentemente, possui como o grande Legislador. Ele nunca ab-rogou a Sua própria lei! Mas sem dúvida corrigiu, sem hesitar, as perversões desses líderes religiosos quanto a essa lei. (Se quiser saber mais acerca do Sábado bíblico, solicite ou baixe uma cópia gratuita de nosso guia de estudo bíblico *O Sábado, de Pôr-do-sol a Pôr-do-sol: O Dia do Descanso de Deus*).

O judaísmo abandonou a Moisés e o cristianismo abandonou a Cristo

Quando nos referimos a Jesus e à lei, acabamos chegando à conclusão de que a religião “cristã” nos decepcionou por não conservar os ensinamentos

Se Jesus estivesse	originais de Cristo, visto que Ele permaneceu
aqui hoje, que dia de	fiel aos ensinamentos originais das Escrituras
semana Ele guardaria	do Antigo Testamento. Assim, tal como os
como dia de descanso?	líderes religiosos judeus corromperam os
	ensinamentos de Moisés, os mestres que
	ensinam acerca de Cristo—ou seja, os <i>falsos</i>
	mestres—corromperam os ensinamentos de

Jesus. Pois, na realidade, Jesus e Moisés são unânimes.

Agora, permita-nos fazer uma pergunta. Se Jesus estivesse aqui hoje, que dia de semana Ele guardaria como dia de descanso? Ele guardaria o dia que Ele mesmo ordenou nos Dez Mandamentos, o sétimo dia!

O verdadeiro Jesus guardou a lei e esperava que os seus discípulos fizessem o mesmo. Ele foi bem claro quanto à atitude de alguém que tirasse um jota ou um til da lei. Ou seja, sobre qualquer pessoa que não guarda a lei, mas que apenas usa o bom nome de Cristo e não faz o que Ele disse para fazer.

Ele avisa-nos: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E em teu nome não expulsamos demônios? E em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: *Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade*” (Mateus 7:21-23).

Assim devemos perguntar: Será que as igrejas que dizem representar a Cristo, seguem realmente o exemplo dEle?

Jesus afirmou muitas vezes que o Seu ensinamento era baseado nas Escrituras do Antigo Testamento. Quando desafiado a respeito do que ensinava, Ele respondia: “Não tendes lido...?” antes de apresentar, a quem O desafiava, as Escrituras que apoiavam o que Ele tinha dito (Mateus 12:3, 5; 19:4; 22:31).

Aqueles que dizem que Jesus se afastou do Antigo Testamento estão simplesmente errados. Neste capítulo demonstramos que, tanto a maioria

dos judeus quanto a maior parte da cristandade, estão incorretos em sua avaliação dos ensinamentos de Jesus, pois Ele ensinou fielmente a palavra escrita do Antigo Testamento.

Vimos que, sem dúvida, Jesus foi o *Deus* do Antigo Testamento. Deus não muda a Sua maneira de ser. Ele é eterno. Pois, não inspiraria muita fé saber que Ele requereu algo no Antigo Testamento depois mudou de ideia e veio com um conjunto de requisitos completamente diferente no Novo Testamento. Jesus Cristo é imutável, e “é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente” (Hebreus 13:8).

O Novo Mandamento de Cristo

Jesus disse: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis” (João 13:34). Será que Jesus substituiu as definições claras do Decálogo por um novo princípio religioso de que só o amor pode conduzir as nossas vidas?

Será que esse novo mandamento se sobrepõe aos Dez Mandamentos e substituiu todas as outras leis bíblicas? Jesus responde, de forma clara, esta questão fundamental, quando diz: “*Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas*” (Mateus 5:17).

Contudo, muitas pessoas que crêem em Cristo como seu Salvador também crêem que esse novo mandamento as isenta de qualquer obrigação para com as leis de Deus.

Simplemente, elas não entendem o que Jesus queria dizer. As Sagradas Escrituras, no Antigo e no Novo Testamento, ensinam que devemos amar uns aos outros (Levítico 19:18). Jesus não introduziu o amor como um *novo* princípio. Isso *já estava* na Bíblia e era parte fundamental da instrução de Deus à antiga Israel.

Então, o que havia de novidade nesse “novo mandamento” de Cristo?

Prestem bem atenção em Suas palavras. Ele disse: “Que vos ameis uns aos outros; *como Eu vos amei a vós*”.

O que havia de novo era o Seu próprio exemplo de amor! O mundo inteiro agora tem um modelo perfeito do amor de Deus e um perfeito exemplo de obediência amorosa: Jesus Cristo. Ele nos amou tanto que chegou a sacrificar a Sua própria vida por nós. Ele mesmo explicou: “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos” (João 15:13).

Jesus veio como a luz do mundo para iluminar a aplicação e a prática da verdadeira lei do amor. Não temos mais desculpas para dizer que não sabemos o que fazer ou como fazer. Jesus demonstrou completamente o que é a obediência carinhosa.

“Se guardardes os Meus mandamentos, permanecereis no Meu amor; do mesmo modo que Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai e permaneço no Seu amor” (João 15:10).

Nós cumprimos com o novo mandamento de Jesus quando obedecemos a todos os mandamentos de Deus de uma maneira genuinamente amorosa e estamos dispostos a dar a nossa própria vida pelo próximo.

A Nova Aliança Anula os Mandamentos?

A Bíblia diz-nos que Cristo veio como o Mediador de uma superior aliança (Hebreus 8:6, ARA). A crença popular de que a Nova Aliança anula a lei de Deus reflete uma má compreensão de ambas as Alianças. Deus nos diz que alterou a aliança e a tornou “uma melhor aliança que está confirmada em melhores promessas” (versículo 6, ACF). Mas não houve estabelecimento de leis diferentes. *A lei continuou sendo a mesma.*

Havia, contudo, um defeito, ou falha, na aliança original. Essa falha estava no povo e não na lei. “Eis que virão dias, diz o SENHOR, em que com a casa de Israel e com a casa de Judá estabecerei uma nova aliança” (versículo 8, ACF). Isso aconteceu por causa do povo, pois “...não foram fiéis à aliança que fiz com eles, e por isso, diz o SENHOR, Eu os desprezei” (versículo 9, BLH).

Na Antiga Aliança Deus gravou a lei em pedra. Ela era externa, ou seja, não fazia parte do pensamento e da atitude do povo. Ela estava em sua literatura, mas não em seus corações. Entretanto, nessa Nova Aliança, Deus escreve a lei *no entendimento, e no coração do Seu povo* (Hebreus 8:10; Jeremias 31:33-34).

Para possibilitar que o povo incorporasse a Sua lei—a amasse e a obedecesse com vontade e fervor—Deus fez esta promessa: “e vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. *Porei dentro de vós o Meu Espírito, e farei que andeis*

nos Meus estatutos, e guardéis os Meus juízos, e os observeis” (Ezequiel 36:26-27). O Espírito de Deus capacita o Seu povo a obedecer as Suas leis!

As pessoas que não têm o Espírito Santo são incapazes de obedecer com devoção. Por quê? “Porquanto a inclinação da carne é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus” (Romanos 8:7-8).

E é nisso que a Antiga e a Nova Aliança diferem. Paulo explica: “Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Romanos 8:3-4; ver também 1 João 3:4).

O *International Critical Commentary* [O Comentário Crítico Internacional], referindo-se a Romanos 8:4, diz: “o propósito de Deus em ‘condenar’ o pecado foi de que a exigência de Sua lei se cumprisse em nós, isto é, de que a Sua lei estabelecida fosse verdadeira e sinceramente obedecida—assim se cumpriria as promessas de Jeremias 31:33 e Ezequiel 36:26”.

Em uma nota de rodapé referente a Jeremias 31:33-34, esse *Comentário* diz que esta passagem “muitas vezes é confundida com uma promessa de uma nova lei para tomar o lugar da antiga ou então com uma promessa de uma religião sem nenhuma lei. Mas

a novidade prometida no versículo 33, na verdade, não é uma nova lei nem muito menos uma libertação da lei, mas um desejo íntimo, sincero e determinado da parte do povo de Deus em obedecer à lei que já receberam...”.

A seguir, estas passagens do Novo Testamento confirmam, de forma direta ou exemplificativa, que Jesus e os apóstolos enxergavam os Dez Mandamentos como algo necessário para uma verdadeira vida cristã.

• **Primeiro Mandamento:** Mateus 4:10; 22:37-38.

• **Segundo Mandamento:** 1 João 5:21; 1 Coríntios 6:9; 10:7, 14; Efésios 5:5.

• **Terceiro Mandamento:** Mateus 5:33-34; 7:21-23; Lucas 11:2; 1 Timóteo 6:1.

• **Quarto Mandamento:** Lucas 4:16; Atos 13:14, 42, 44; 16:13; 17:2; 18:4; Hebreus 4:4, 9.

• **Quinto Mandamento:** Mateus 15:3-6; 19:17-19; Efésios 6:2-3.

• **Sexto Mandamento:** Mateus 5:21-22; 19:17-18; Romanos 13:9; Gálatas 5:19-21; Tiago 2:10-12.

• **Sétimo Mandamento:** Mateus 5:27-28; 19:17-18; Romanos 13:9; 1 Coríntios 6:9; 10:8; Efésios 5:5; Gálatas 5:19-21; Tiago 2:10-12.

• **Oitavo Mandamento:** Mateus 19:17-18; Romanos 13:9; Efésios 4:28.

• **Nono Mandamento:** Mateus 19:17-18; Romanos 13:9; Colossenses 3:9; Efésios 4:25.

• **Décimo Mandamento:** Lucas 12:15; Romanos 7:7; 13:9; Efésios 5:3, 5.

Jesus cumpriu a Lei de Outras Formas Importantes

A lei requeria perfeita obediência e sentenciava à morte quem a transgredisse. Paulo nos diz que “o salário do pecado é a morte...” (Romanos 6:23).

Por um momento, consideremos a penalidade que cada um atraiu para si mesmo por causa do pecado. E essa pena não é o purgatório, o inferno ou outro lugar, ou estado de ser ou consciência (Solicite ou baixe o nosso guia de estudo bíblico gratuito *O Céu e O Inferno: O que Realmente Ensina a Bíblia?*). A morte é o esquecimento eterno, a inexistência, a total ausência de vida, algo de que jamais poderíamos escapar se não fosse a promessa da ressurreição de Deus.

Paulo continua em Romanos 6:23:

“...mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor”. E como todos nós pecamos, a lei só pode nos exigir a morte. A lei não tem como nos prover vida eterna. Então, como alguém pode ter esperança de vida após a morte?

Jesus também cumpriu a lei no sentido de satisfazer os seus requisitos, pagando a penalidade que cada um de nós incorreu por desobedecê-la, ou seja, a morte. Jesus, que nunca pecou, jamais trouxe sobre Si a penalidade da morte, que era requerida pela lei. Mas, como Criador da humanidade e sacrifício perfeito pelos nossos pecados, Ele pode cumprir as exigências da lei, que requer a nossa morte. Assim, Ele se “manifestou, para

aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo” (Hebreus 9:26). Pelo que “em Seu sangue nos lavou dos nossos pecados” (Apocalipse 1:5), tornando possível receber de Deus o dom da vida eterna.

Ele mostrou a plena
intenção espiritual da lei,
vivendo perfeitamente em
obediência a ela e sendo
um exemplo para nós.

Na Bíblia, a seção sobre a “Lei”, os cinco livros de Moisés, contém vários tipos de leis. Além das chamadas leis morais, que regem o comportamento humano (como os Dez Mandamentos), esta seção também *contém várias leis sacrificiais, que requeriam sacrifícios pelos pecados*, mas nem um [as leis sacrificiais] nem outro [os sacrifícios] *jamais removeria a penalidade da morte por causa do pecado*.

Hebreus 10:1-14 nos diz o seguinte sobre esse sistema sacrificial: “Não pode nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem de ano em ano, aperfeiçoar os que se chegam a Deus. Doutra maneira, não teriam deixado de ser oferecidos? pois tendo sido uma vez purificados os que prestavam o culto, nunca mais teriam consciência de pecado. Mas nesses sacrifícios cada ano se faz, mas um corpo Me preparaste...”

“Eis-me aqui. . . para fazer, ó Deus, a tua vontade... É nessa vontade dele que temos sido santificados pela oferta do corpo de Jesus Cristo, feita

uma vez para sempre...mas Este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, assentou-se para sempre à direita de Deus... Pois com uma só oferta tem aperfeiçoado para sempre os que estão sendo santificados”.

O que está dizendo aqui é que Jesus cumpriu tudo o que estava prescrito nas ofertas pelos pecados na lei dos sacrifícios. Jesus confirmou integralmente a lei ao se tornar o sacrifício pelo pecado.

Se Cristo não tivesse se apresentado como uma oferta pelo pecado, os sacrifícios que prenunciam o “único sacrifício pelos pecados” teriam sido um descumprimento da profecia ou garantia, posto que tudo aponta para Ele.

Jesus disse que não veio para destruir a Lei ou os Profetas, mas para cumpri-los. Ele fez isso de diversas e diferentes maneiras. Ele mostrou a plena intenção espiritual da lei, vivendo perfeitamente em obediência a ela e sendo um exemplo para nós. Os profetas tinham anunciado previamente a Sua pessoa, a Sua missão e muitos detalhes do Seu nascimento, vida, morte e ressurreição, e Ele cumpriu tudo isso. Os sacrifícios da lei prefiguravam a Sua morte sacrificial pelos pecados da humanidade, que só Ele podia cumprir.

O que Jesus estava dizendo é que o Antigo Testamento em todas as suas circunstâncias e elementos—morais e proféticos—se referia a Ele e por Ele foi cumprido. Ele cumpriu todos os aspectos pela Lei e os Profetas, fundamentando e executando tudo o que ela exigia e que eles anunciaram.

Jesus Cristo e as Festas Bíblicas

Além do sábado bíblico, Jesus observou as festas bíblicas registradas no Antigo Testamento. Não há nenhum registro nos Evangelhos sobre Jesus ter violado a observância dos dias santos. O sétimo capítulo de João mostra Jesus ensinando no templo durante a Festa dos Tabernáculos. Todos os Evangelhos registraram Seus passos até, e durante, Sua última Páscoa com os discípulos, na noite antes de ser crucificado.

A Igreja que Ele fundou começou no dia da Festa de Pentecostes (Atos 2:1-4). Depois de Sua morte e ressurreição, os apóstolos continuaram a guardar essas festas bíblicas (Atos 18:21; 20:6; 1 Coríntios 5:6-8; 16:8).

Uma vez que Jesus, os apóstolos e a Igreja primitiva observaram essas festas bíblicas, por que as igrejas de hoje não as guardam e nem ensinam nada sobre elas? Ao contrário, as igrejas de hoje substituíram os dias santos da Bíblia por outros feriados religiosos.

Se Jesus quisesse que a Sua Igreja observasse festas diferentes das que Ele observou, será que Ele não deveria

ter deixado instruções para isso? Ele foi muito claro e direto com os Seus discípulos quanto as Suas instruções. É difícil imaginar que Jesus tenha dado o exemplo da observância do sábado e das festas bíblicas e mais tarde inspirasse a Sua Igreja a abandoná-los e a substituí-los por outras observâncias originadas no paganismo.

Em nenhum lugar na Bíblia se ensina sobre o Natal e o Domingo de Páscoa, contudo tornaram-se as mais importantes festas religiosas do cristianismo popular. De igual modo, o domingo tornou-se o dia de adoração mais relevante que o sábado, o sétimo dia da semana. Mas por quê? E como isso aconteceu? Se desejar saber mais acerca das verdadeiras festas bíblicas e como elas foram substituídas por outras que não têm nada a ver com o cristianismo ou com a Bíblia, solicite ou baixe os nossos guias de estudo bíblicos gratuitos "Feriados Religiosos ou Dias Santos: Será Que Importa Quais Dias Observamos?" e "As Festas Santas de Deus: O Plano de Deus Para a Humanidade".

Quem Matou Jesus?

“Porém ele estava sofrendo por causa dos nossos pecados, estava sendo castigado por causa das nossas maldades. Nós somos curados pelo castigo que ele sofreu, somos sarados pelos ferimentos que ele recebeu.

Todos nós éramos como ovelhas que se haviam perdido; cada um de nós seguia o seu próprio caminho. Mas o Deus Eterno castigou o seu servo; fez com que ele sofresse o castigo que nós merecíamos”
(Isaías 53:5-6 BLH).

A morte de Jesus é a mais notável da história. Depois de quase dois mil anos, esse assassinato sancionado pelo Estado ainda hoje é notícia. Nenhum outro crime contra um inocente permaneceu tanto tempo na consciência da humanidade. Essa história vem sendo recontada através do tempo.

A injustiça da prisão, julgamento e morte de Jesus é profunda na medida em que jamais uma pessoa fora tão inocente, tão impecável, tão imaculada, tão imerecida de tal punição. Pedro testifica dizendo: “. . . não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano” (1 Pedro 2:22). Ele foi o homem mais virtuoso de toda a história humana.

Jesus desafiou a Seus inimigos: “Qual de vocês pode provar que eu tenho algum pecado?” (João 8:46, BLH). O centurião, o oficial encarregado de Sua execução, estava convencido de que tinha executado um homem justo (Lucas 23:47). Um dos malfeitores, que fora crucificado junto com Ele, entendeu que Jesus não tinha feito nada errado e não merecia morrer (Lucas 23:41).

Pilatos, o governador que emitiu a ordem para executá-Lo, disse duas vezes aos judeus que não encontrava nenhuma falta em Jesus (João 18:38; 19:4). Contudo a sentença foi levada a cabo, com todo seu horror e intensidade, ceifando a vida desse Homem inocente.

Ele nada fez de errado para merecer essa morte horrenda, porque Ele era: “santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores” (Hebreus 7:26). Na verdade, como reconheceu o centurião, Ele era o Filho de Deus (Marcos 15:39). Essa não foi apenas a injustiça do século ou do milênio, mas *a maior injustiça de toda a história da humanidade*.

A justificativa de um genocídio

A história do assassinato de Jesus, por si própria, é bastante dramática. Mas os esforços para apontar um responsável por Sua morte têm conduzido pessoas a atos horríveis de perversão espiritual. O povo judeu tem carregado a maior parte da culpa. A implicação sobre os judeus quanto à morte de Cristo tem resultado, através dos séculos, em uma nefanda per-

seguirão a esse povo. “Assassinos de Cristo!” era a acusação que ouviam, e, para muitos judeus, essas foram as últimas palavras que ouviram antes de serem brutalmente assassinados.

Há pouco mais de setenta anos, durante a Segunda Guerra Mundial, os nazistas usaram essa justificativa para perpetrar o genocídio de seis milhões de judeus. Apesar não terem nenhum respeito pelos ensinamentos de Cristo, Hitler e os seus seguidores declararam que a raça judia era individual e coletivamente responsável pela morte do Filho de Deus. Esta doutrina malévola fez uma lavagem cerebral nos seguidores desse ditador, levando-os a crer que os judeus deviam ser exterminados por assassinarem o Salvador da humanidade.

A ideia de que o povo judeu é o único responsável pela morte de Cristo não tem respaldo na Bíblia. Mas, a triste verdade é que esse conceito não surgiu primeiramente dos nazistas. Esse tem sido o ponto de vista predominante do cristianismo tradicional, católico e protestante, ao longo de dois mil anos—muitas vezes acompanhado de extrema violência.

O plano para matar Jesus

Muitas vezes, culpar os outros pode ser nada mais que uma tentativa de se livrar da própria culpa. A pergunta que sempre deveria ter sido feita—e ainda hoje é preciso fazer—é esta: Quem realmente causou a morte de Jesus Cristo?

Jesus teve muitos inimigos. Ele abalou a posição dos poderosos daquela época. Muitos tinham razões para matá-Lo. Entretanto, não era o povo comum que queria a morte de Jesus, mas sim os líderes civis, os sumo-sacerdotes, os escribas e os fariseus, eles é que estavam determinados a matá-Lo.

E esses principais interessados conseguiram manipular o público e convencer Pilatos a declarar, e levar a cabo, Sua sentença de morte (Marcos 15:11).

Os ouvintes de Jesus, entre os quais ensinou e praticou milagres, desilu-



A crença nociva de que os Judeus foram os únicos responsáveis pela morte do Filho de Deus tem levado a perseguições e barbaridades horríveis, incluindo ao genocídio de seis milhões de judeus na Segunda Guerra Mundial.

didados, também pediram a Sua morte—os mesmos que, alguns dias antes, O aclamaram nas ruas de Jerusalém como o Messias profetizado, o Filho de Davi (Mateus 21:9).

Os romanos também foram culpados da morte deste Homem inocente. Pilatos O sentenciou, mesmo sabendo que Ele era inocente das acusações contra Ele. Os romanos realizaram essa sentença ao estilo tipicamente romano—espancamento brutal, flagelação e crucificação. Um soldado romano foi quem que pregou os cravos em Seus pulsos e pés. E foi uma lança romana que perfurou Seu lado.

Quem tem a culpa?

Semanas mais tarde, Pedro citou alguns culpados na morte de Jesus: “. . . verdadeiramente contra o Teu santo Filho Jesus, que tu ungiste, se ajuntaram, não só *Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel*” (Atos 4:27). Mas não parece que muitas pessoas foram excluídas.

É fácil atribuir a culpa da morte de Jesus a um pequeno grupo de pessoas—os hipócritas religiosos e os chefes civis, que pretendiam conservar as suas posições parecem ser os mais implicados. Também parece ser fácil atribuir a culpa dessa morte a apenas um povo. Também é verdade que podemos implicar o governo romano. Mas isso não é tão simples assim.

Seguramente, podemos dizer que se Jesus tivesse vindo a *qualquer* sociedade e cultura e lhe expusesse os seus defeitos e hipocrisias, Ele não teria sido aceito por ela. Se Jesus tivesse exposto a hipocrisia de qualquer sociedade, certamente Ele seria assassinado.

Esta é a horrível verdade que todos nós queremos evitar. O que os primeiros discípulos de Jesus queriam nos dizer é que *ninguém é inocente desse crime*. Todos somos cúmplices na morte de Cristo. Paulo estava convencido de sua própria culpa: “Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1 Timóteo 1:15).

Um mundo ignorante e inconsciente

Paulo, um ex-fariseu, diz de si mesmo: “. . . dantes fui blasfemo, e perseguidor, e injurioso; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade” (1 Timóteo 1:13). Esse é o problema. Éramos ignorantes acerca disso tudo. Paulo nos diz que: “Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios” (Romanos 5:6). Na verdade, o mundo não sabe o que está fazendo!

Mas Deus sabe, e um dia todos nós também saberemos. Esse era Seu propósito desde o princípio. Jesus veio ao mundo sabendo que seria morto (João 12:27). Jesus inspirou os profetas do Antigo Testamento a profetizar a Sua morte e também a descrevê-la em detalhes. O sistema sacrificial, que foi entregue a Israel, prefigurou o sacrifício perfeito que estava por vir.



Em agonia, Jesus orou entre as oliveiras do Getsêmani, nas encostas do Monte das Oliveiras, sabendo do terrível sofrimento e morte que Ele, em breve, teria de suportar por nossa causa.

Em diversas ocasiões, Jesus profetizou a Sua própria morte para seus discípulos, mas, na maioria das vezes, eles recusaram aceitar o que Ele dizia. Era mais confortável para eles crerem que Jesus estabeleceria o Seu Reino naquele tempo, e assim todas as preocupações deles se acabariam.

Paulo disse que a “. . . sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória; a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória” (1 Coríntios 2:7-8).

Em Atos 3:17 Pedro diz: “irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também os vossos príncipes”. E segue dizendo no versículo 18: “Mas Deus assim cumpriu o que já dantes havia anunciado: que o Cristo havia de padecer”.

Saia da ignorância

Porém, Deus não deseja que permaneçamos na ignorância. Esse crime foi perpetrado forma impensável e sem paralelo, a ponto dessa história continuar sendo contada e não podermos nos desvencilhar dela.

Sem dúvida, os líderes judeus iniciaram a sua execução, e os romanos terminaram o serviço. Mas, pelo fato de que todos somos pecadores, Ele morreu por cada um de nós. E não tem nada difícil de entender nisso. E isso é o que Ele quer que compreendamos. Se não tivéssemos pecado, se *eu* não tivesse pecado, Ele não teria de morrer. Se não fôssemos tão insensíveis, o Seu horrendo sofrimento e morte não teria acontecido. Nenhum de nós é inocente desse crime. E isto é o que Pedro, Paulo e João estão dizendo para nós.

Ao lermos os relatos da inveja e do ódio contra Cristo talvez, silenciosamente, podemos nos perguntar: “Será que *eu* não teria feito o mesmo se estivesse lá?”. E continuamos enganados sobre duas questões.

Será que realmente há diferença no modo como expressamos o ciúme, a inveja, a avareza, a cólera e o ódio para com outros e o que aquelas

peças fizeram com Jesus? O próprio Jesus explica: “Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes . . .” (Mateus 25:40-45).

Primeira, independente de quem seja a vítima, pecado é pecado. Se Ele não tivesse tomado o nosso lugar na morte, essa seria a penalidade que teríamos de enfrentar sozinhos. Por isso, por que tentar culpar aos outros pela morte de Cristo, quando todos nós somos culpados dela?

Segunda, será que faríamos diferente se estivéssemos lá?

Judas, um fervoroso discípulo no princípio, traiu a Cristo por certa quantia de dinheiro. Pedro, Seu mais franco defensor, chegou a negar conhecê-Lo, até mesmo quando Jesus ainda estava sendo julgado. Todos os outros discípulos, os quais expressaram lealdade até à morte (Mateus 26:35), desapareceram na noite, depois que Jesus foi preso.

Ninguém procurou defender a Jesus em Seu julgamento. Ninguém O apoiou; ninguém



Jesus enfrentou, voluntariamente, o sofrimento e a morte agonizante por nós, pois isso era necessário por causa de nossos pecados.

ficou do Seu lado. Pilatos sabia que Ele era inocente, mas para continuar sendo bem visto pelo povo—mesmo a um custo altíssimo e ignóbil—ele anuiu condenar um Homem inocente a uma morte abominável. Os líderes religiosos da época simplesmente não aceitaram que alguém complicasse suas vidas. Por fim, o povo tornou-se parte desse conluio.

A vontade de Deus e a nossa culpa

Outra vez, vamos fazer a mesma pergunta: Quem matou Cristo? *Todos nós somos culpados, por causa de nossos pecados.* Contudo, em última análise, não somos totalmente responsáveis pela morte de Jesus, porque a nossa redenção do pecado e de sua penalidade, através do sofrimento da morte de Cristo, estava de acordo com a vontade de Deus Pai e do próprio Cristo.

Devemos estar cientes de que Deus “*deu* o seu Filho unigênito” (João 3:16). “Todavia, *ao SENHOR agradou* o moê-Lo, fazendo-O enfermar; quando a Sua alma se puser por expiação do pecado” (Isaías 53:10). Jesus disse: “*Dou a Minha vida . . .* Ninguém ma tira de Mim, mas Eu de Mim mesmo

a dou . . . Esse mandamento recebi de Meu Pai” (João 10:17-18). Isto quer dizer que ninguém poderia ter causado a morte de Jesus Cristo por conta própria—sem o consentimento dEle e de Seu Pai; e Eles coordenaram todos os acontecimentos necessários para o Seu sacrifício expiatório. Na verdade, este era o plano de Deus desde o princípio.

Entretanto, esse fato não nos exime da responsabilidade na morte de Cristo. O assassinato de Cristo foi um pecado, embora tenha sido predestinado. E, novamente, foram os pecados de todos nós que tornaram necessário o sacrifício de Cristo.

Será que Deus deseja que sejamos atormentados pela culpa da morte de Cristo? Certamente, devemos nos sentir culpados pelo que fizemos, isso a ponto de nos motivar a aproximarmos de Deus e implorarmos Seu perdão, servindo também como auxílio em nossa mudança. Mas depois disso, o nosso objetivo é agradecer pela grande misericórdia de Deus. Através do mesmo plano que cobrou a morte de Jesus, nós somos perdoados e libertados da culpa de nossa participação em Sua morte, quando nos arrependemos. Por isso, todos nós precisamos nos arrepender e aceitar o perdão de Deus, através de Cristo.

Você sabe qual é a finalidade da lei de Deus?

Jesus Cristo explicou que o propósito fundamental da Lei é nos ensinar como aplicar os dois grandes princípios de amar a Deus e amar uns aos outros.

Em nosso mundo, a vida humana é frequentemente tratada com indiferença. Nós resolvemos nossas diferenças com a guerra, matando centenas de milhares de outras pessoas. Os criminosos roubam os bens e até a vida de suas vítimas. Ademais, muitas pessoas veem uma gravidez indesejada como simplesmente uma inconveniência ou uma consequência inesperada de sua atividade sexual—a ponto de milhões de bebês serem abortados todos os anos.

Que triste contraste para o nosso Criador, que nos promete o maior de todos os presentes—a oportunidade de compartilhar a vida eterna com Ele.

Para aprender mais sobre as leis de Deus na sua Bíblia, peça ou baixe nosso guia de estudo bíblico gratuito *Os Dez Mandamentos*.



Jesus Cristo: A Sabedoria de Deus

“Mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória” (1 Coríntios 2:7).

Vimos os fatos, agora precisamos compreender as implicações por trás disso. Precisamos entender a importância da crucificação de Cristo.

Se Jesus é exatamente Quem disse ser, então tudo o que falou é verdade. Todo o nosso futuro depende de crer ou não nisso. Acreditar no que Ele ensinou; obedecer e seguir todos os Seus passos, vai depender de nossa convicção quanto a esse fato.

A verdadeira história da vida, morte, ressurreição e o futuro regresso de Jesus é muitíssimo importante, por isso não pode ser ignorada.

Com certeza, ela assim foi planejada para *chamar nossa atenção!* E também para causar um impacto em cada um de nós, independente do tempo que tenha acontecido.

A glória de Deus, a verdade sobre Deus e o próprio Deus foram revelados a todos os seres humanos na pessoa de Jesus Cristo. Pois, como Jesus disse: “Quem Me vê a Mim vê o Pai . . .” (João 14:9).

Estamos diante de um assunto que tem a capacidade de nos afetar profundamente. Na narrativa da vida de Jesus Cristo se encontra algo que nunca se ouviu na história do homem nem da religião: *O próprio Deus Criador vindo à Terra como um ser humano.* Ele abandona Seus privilégios e poderes de Sua auto existência anterior, pondo Sua vida e existência nas mãos do Pai, nascendo dentro de uma família,

que vive em uma nação ocupada, para viver uma vida com o objetivo de revelar totalmente a Deus e depois morrer por nós.

Jesus, a revelação de Deus

Jesus disse: “Todas as coisas me foram entregues por meu Pai, e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mateus 11:27). Jesus invoca ser o *único Revelador de Deus*. Ele declarou: “Quem me vê a mim vê o Pai” (João 14:9). Paulo diz que Jesus “é imagem do Deus invisível” (Colossenses 1:15).

Hebreus 1:1-3 diz: “Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, . . . o qual sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa . . .”.

O texto bíblico diz que há muito tempo Deus nos revelou Sua vontade através de homens, que serviram de porta-voz para Ele, mas agora Ele próprio revela a Si mesmo e a Sua vontade através de Jesus, que Ele enviou do Seu próprio trono celestial.

Jesus disse: “. . . tudo quanto ouvi de Meu Pai vos tenho feito conhecer” (João 15:15). Mas Ele não apenas *falou* a vontade de Deus, mas veio à Terra e *viveu-a* sob as mais difíceis circunstâncias, deixando um testemunho para toda a humanidade.

A glória de Deus, a verdade sobre Deus e o próprio Deus foram revelados a todos os seres humanos na pessoa de Jesus Cristo. Pois, como Jesus disse: “*Quem Me vê a Mim vê o Pai . . .*” (João 14:9).

Jesus representou perfeitamente ao Pai. Ver a Jesus é ver o reflexo do amor de Deus Pai e o Seu perfeito e justo caráter. Através do ministério de Cristo, durante a sua vida física, o perfeito e eterno amor de Deus foi manifestado, de maneira excepcional, a toda a humanidade.

A revelação de Deus contra outras religiões

Ravi Zacharias, em seu livro *Jesus Among Other Gods [Jesus Entre Outros Deuses]*, apresenta uma nova visão sobre as diferenças entre Jesus e os fundadores de outras religiões do mundo: “No centro de todas as maiores religiões existe um representante principal. Conforme se estuda, algo muito significativo emerge. Surge uma bifurcação, ou uma distinção, entre a pessoa e a doutrina—Maomé para o alcorão; Buda para o seu Nobre Caminho; Krishna para sua filosofia e Zoroastro para suas éticas.

“O que quer que extraíamos de suas afirmações, uma realidade é inescapável. Eles são educadores que apontam para as suas doutrinas ou mostram, particularmente, algum caminho. Em todos estes aparece uma instrução, uma forma de viver . . . ‘É Zoroastro quem tu ouves. Não é Buda que te livra; são as suas Nobres Verdades que te instruem. Não é Maomé que te transforma; é a beleza do alcorão que te atrai’.

“Em contraste, Cristo não só ensinou ou expôs a Sua mensagem. *Ele era idêntico à Sua mensagem . . .* Ele não só proclamou a verdade. Ele disse, ‘*Eu sou a verdade*’. Ele não só mostrou um caminho. Ele disse, ‘*Eu sou o caminho*’. Ele não só apresentava novas perspectivas. Ele disse, ‘*Eu sou a porta*’, ‘*Eu sou o Bom Pastor*’, ‘*Eu sou a ressurreição e a vida*’, ‘*Eu sou O QUE SOU*’” (2000, p. 89).

Jesus não apenas ofereceu pão para alimentar a vida; Ele disse *Eu sou o Pão*. Jesus não foi simplesmente um mestre de uma elevada ética; Ele *era o Caminho*. Jesus não só prometeu vida eterna, Ele disse, “*Eu sou a ressurreição e a vida*” (João 11:25).

E isso deixa claro que *somente Jesus é o autêntico Revelador do verdadeiro Deus*. As pessoas não puderam deixar de notar o que viram. Deus revelou-se de tal modo que nos deixou sem possibilidade de dizer que não havíamos percebido. Temos que enfrentar essa realidade—Jesus foi quem disse que era e foi enviado aqui por Seu Pai.

Não existe nenhuma verdade nesse dizer: *“Muitos caminhos levam à Deus”*. Jesus declarou: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; *ninguém vem ao Pai, senão por mim*” (João 14:6). Por isso Pedro pôde proclamar

corajosamente: “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu *nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos*” (Atos 4:12).



O propósito de Deus desde o princípio

O plano de Deus para “trazer muitos filhos à glória” (Hebreus 2:10) inclui a reconciliação da humanidade com Ele, através de Jesus Cristo (2 Coríntios 5:18-19). Por que precisamos dessa reconciliação? Isaías 59:1-2 responde: “Eis que a mão do SENHOR não está encolhida, para que não possa salvar; nem agravado o Seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; os vossos pecados encobrem o Seu rosto de vós, para que não vos ouça”.

Na ocasião da morte de Jesus, o pesado véu que separava o Santo dos Santos do resto do templo rasgou-se de cima a baixo, significando que agora a humanidade tem acesso direto a Deus Pai através do sacrifício de Cristo.

Os nossos pecados nos separaram de Deus. Paulo diz como somos inimigos e precisamos nos reconciliar com Ele—essa reconciliação vem através do sacrifício de Jesus Cristo: “Sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho” (Romanos 5:10).

Pedro diz que esse sacrifício físico de Cristo “na verdade, em outro tempo foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo (1 Pedro 1:20). João fala de Jesus como “o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Apocalipse 13:8). A vinda de um Messias para ser um sacrifício de salvação estava planejada mesmo antes do princípio deste mundo presente.

Os nossos primeiros pais, Adão e Eva, pecaram e, partir daí, toda a humanidade tem feito o mesmo. Contudo, Deus desfaria a inimizade que se encontra nas mentes dos seres humanos contra Ele, demonstrando o Seu amor para com todos por meio da única maneira convincente: *O próprio Criador viria à Terra e sacrificaria a Sua própria vida por eles* (João 3:16-17).

A dinâmica do sacrifício de Cristo

Deus tinha que se assegurar de que os seres humanos, que se tornariam filhos ao entrar em Sua família divina (2 Coríntios 6:18), jamais, em qualquer momento futuro, se voltariam contra Ele. (Para mais informação sobre este fantástico futuro, peça ou baixe uma cópia gratuita do guia de estudo bíblico *Qual É o Seu Destino?*)

Sendo que o primeiro homem e a primeira mulher desobedeceram a Deus e preferiram seguir a Satanás, como Deus poderia se assegurar de que isso não voltaria a acontecer? Como Deus poderia fazer com que eles nunca mais se voltassem contra Ele? Como poderia ter total confiança neles?

O plano do Verbo de se tornar um ser humano e dar a Sua vida por toda a humanidade, sem dúvida, provaria o amor de Deus.

O sacrifício de Cristo não foi apenas para a remissão dos pecados, mas também para um testemunho eterno do amor de Deus (João 3:16-17). Deus terá um relacionamento com os Seus filhos *quiseram* ficar com Ele. Será uma relação de completa confiança.

Evidentemente, os primeiros seres humanos não conheciam realmente o Seu Deus e Criador. Antes mesmo de Jesus ser preso e morto, Ele declarou, enfaticamente, a Seus discípulos: *“Já desde agora O conheceis, e O tendes visto”* (João 14:7).

A declaração que Jesus deu em Sua última prece é muito esclarecedora: *“A vida eterna é esta: que Te conheçam, a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste”* (João 17:3). O Seu sacrifício seria o testemunho final e o depoimento incontestável do amor que Deus Pai e Jesus Cristo tinham para com a humanidade. Logo depois, os discípulos passaram a conhecer Deus de uma maneira muito profunda e a compreender que realmente *“Deus é amor,”* como expressou o apóstolo João (1 João 4:8, 16).

Uma lição de imenso amor

Assim como aconteceu com os apóstolos, quando se conheceu verda-

O plano do Verbo de se tornar um ser humano e dar a Sua vida por toda a humanidade, sem dúvida, provaria o amor de Deus.

deiro Jesus e Sua verdadeira história, tudo se torna diferente no mundo.

Essa demonstração de amor foi poderosíssima! Será que conseguimos entender profundamente isso? “Porque *Deus amou o mundo de tal maneira que deu SEU Filho unigênito*, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o SEU Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, *mas para que o mundo fosse salvo por ELE*” (João 3:16-17).

As pessoas que não receberam amor de quem se esperava receber, como os pais ou outros familiares, muitas vezes, têm dificuldade de amar os outros. Sem o exemplo amoroso dos outros, nós não conheceríamos o amor. O amor é algo que não pode ser explicado, porque simplesmente precisamos experimentá-lo. Não sabemos como amar até que alguém nos ame primeiro.

Sem conhecermos, por experiência própria, a bondade dos outros, não teríamos uma verdadeira razão para fazermos o que é correto. Sem experimentarmos o amor de Deus, expresso pela morte de Cristo, não teríamos convicção para amar aos outros. Se não tivermos total convicção de que Deus morreu por cada um de nós, então não poderíamos ficar convencidos da gravidade de nossos pecados a ponto de desejarmos jamais pecar de novo.

Deus Pai e Jesus Cristo sabiam como levar a cabo o Seu plano de trazer filhos para Sua família divina—filhos que sempre desejariam permanecer nessa relação familiar sagrada e amorosa. O fato de Jesus—o Criador de tudo e que tinha vivido eternamente—vir e viver como um mortal entre seres mortais e morrer por eles, para que também pudessem ter vida eterna, demonstra o grandíssimo amor de nosso Deus Criador.

O mesmo pode ser dito do Pai, que renunciou ao Seu eterno companheiro, com Quem tinha a mais íntima das relações, e permitiu que Jesus passasse por aquele sofrimento para o bem de toda a humanidade. Para ambos, aquele sacrifício foi indescritível.

Nunca antes se ouviu falar de tamanho sacrifício na história humana. A bondade humana nem de longe se aproxima disso. Como Paulo escreveu em Romanos 5:7-8: “Porque apenas alguém morrerá por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém *ouse* morrer. Mas Deus *prova* o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, *sendo nós ainda pecadores*”.

Paulo conclui dizendo que Cristo é “a sabedoria de Deus” (1 Coríntios 1:24) e que a ideia de “Jesus Cristo e Ele crucificado” (1 Coríntios 2:2) está “oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos” (versículo 7). O plano de Deus abre o caminho para que nossos pecados sejam perdoados, mas também foi elaborado de modo que nunca jamais escolhêssemos de novo o caminho do pecado.

Deus sabia como resolver o problema do pecado e predeterminou o Seu propósito antes do primeiro homem começar a respirar.



A Ruptura do Véu do Templo

Mateus registra diversos acontecimentos no momento da morte de Cristo. Um deles, a princípio, pode parecer insignificante, mas que denotou um simbolismo de grande importância, encontra-se em Mateus 27:50-51: “Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito. E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo...”.

Qual o significado disso? Esse acontecimento foi tão importante que três dos evangelistas o mencionaram!

O templo era dividido em duas áreas, uma câmara exterior chamada o Lugar Santo, na qual servia certo número de sacerdotes, uma câmara interior chamada o Lugar Santíssimo, ou Santo dos Santos. Essa câmara interior *representava a presença de Deus*. Ela era tão sagrada que somente o sumo-sacerdote podia entrar nela e em apenas um dia do ano para fazer expiação por si mesmo e pelo povo.

Essa câmara sagrada, o Santo dos Santos, era separada do resto do templo por uma cortina ricamente

bordada. De acordo com descrições judaicas do templo, essa cortina era realmente enorme—tinha cerca de 13,5 metros de largura por 18 metros de altura e 12 centímetros de espessura. O fato de ele ter sido rasgado ao meio, de cima abaixo, no momento da morte de Jesus, foi um acontecimento chocante e desconcertante!

Na ocasião da morte de Jesus, o pesado véu que separava o Santo dos Santos do resto do templo rasgou-se de cima a baixo, significando que agora a humanidade tem acesso direto a Deus Pai através do sacrifício de Cristo.

Como Deus podia permitir que tal coisa acontecesse em Seu templo?

Contudo, Deus não só estava por de trás disso, com também Ele mesmo rasgou o véu deliberadamente para provar o Seu ponto de vista—ou seja, que os pecados da humanidade que a separava dEle (Isaías 59:2), agora

podiam ser perdoados através do sangue derramado de Jesus Cristo.

Ao comparar a entrada anual através do véu que o sumo-sacerdote podia fazer para oferecer expiação dos pecados, Hebreus 10:19-22 explica que agora, o novo Sumo-Sacerdote, Jesus Cristo, pelo Seu próprio sacrifício substitui, para sempre, esse ritual e entrega à humanidade o acesso direto a Deus:

“Tendo pois, irmãos, ousadia para entrarmos no santíssimo lugar, pelo sangue de Jesus, pelo caminho que ele nos inaugurou [‘abriu,’ BLH], caminho novo e vivo, através do véu, isto é, da sua carne, e tendo um grande

sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo o coração purificado da má consciência, e o corpo lavado com água limpa”.

A lição para nós é que, após um arrependimento sincero, podemos nos aproximar “com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno” (Hebreus 4:16). Devido ao sacrifício de Cristo, agora temos acesso direto ao trono do nosso misericordioso e amado Criador. (Para saber mais, ver abaixo “*Novamente Vivo, Hoje e para Sempre*”).

Novamente Vivo, Hoje e para Sempre

Em um ato de sacrifício supremo, Jesus de Nazaré deu a Sua vida pela humanidade. Não obstante, a sepultura não poderia retê-Lo; Ele foi ressuscitado à vida eterna. E como Ele é hoje?

O apóstolo João recebeu uma visão do Jesus Cristo ressuscitado e glorioso em Apocalipse 1:12-18: “E voltei-me para ver quem falava comigo. E, ao voltar-me, vi sete candeeiros de ouro, e no meio dos candeeiros um semelhante a filho de homem, vestido de uma roupa talar, e cingido à altura do peito com um cinto de ouro.

“E a Sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve; e os Seus olhos como chama de fogo; e os Seus pés, semelhantes a latão

reluzente que fora refinado numa fornalha; e a Sua voz como a voz de muitas águas. Tinha ele na Sua destra sete estrelas; e da sua boca saía uma aguda espada de dois gumes; e o Seu rosto era como o sol, quando resplandece na sua força.

“Quando O vi, caí a Seus pés como morto; e Ele pôs sobre mim a sua destra, dizendo: Não temas; Eu sou o primeiro e o último, e o que vivo; fui morto, mas eis aqui *estou vivo pelos séculos dos séculos*”.

Jesus agora vive para sempre como um ser espiritual eterno e imortal. João também diz que os Seus fiéis seguidores, na ressurreição, *serão como Ele*—“e qualquer que nEle tem esta esperança purifica-se a si

mesmo, como também Ele é puro" (1 João 3:2-3).

Jesus agora está sentado à direita de Deus Pai, Quem "havendo-se-lhe sujeitado os anjos, e as autoridades, e as potências" (1 Pedro 3:22). Ele é a Cabeça ativa da Igreja (Colossenses 1:18), e "o primogênito entre muitos irmãos" (Romanos 8:29). Ele ajuda, continuamente, a trazer muitos outros para a salvação na família de Deus.

Como Ele serve aos seus irmãos e irmãs na Terra? Devemos nos lembrar de que Cristo é o Mediador entre Deus e o homem (1 Timóteo 2:5). Um dos temas principais da epístola aos Hebreus diz respeito a como Cristo executa Sua sagrada função de Sumo-sacerdote (para mais informação, ver "*A Ruptura do Véu do Templo*" página 107).

O pecado causou sérios danos à humanidade. "O pecado é a transgressão da lei", (1 João 3:4, ARA). O pecado nos separa de Deus (Isaías 59:1-2) e ameaça a nossa recompensa eterna. Ele é o inimigo implacável de todo o ser humano e precisa ser vencido. Isto não é fácil e nunca foi.

Mas Cristo sabe o que é ter a natureza humana, ser tentado pelo pecado e ser tentado a transgredir a lei espiritual de Deus. "Porque, naquilo que Ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados" (Hebreus 2:18).

Cristo fez tudo o que foi necessário para resistir às atrações da carne e as tentações do pecado. Ele nunca subestimou isso. Ele orou e jejuou, mas, acima de tudo, sempre confiou continuamente no Pai e procurou a Sua ajuda.

Pelo fato de jamais ter transgre-

dido nem uma só vez a lei de Deus, Ele "condenou o pecado na carne" (Romanos 8:3). Em contraste, o pecado nos tem contaminado, e um dos nossos principais objetivos como cristãos é aprender a vencer suas armadilhas. Contudo não podemos fazer isso sem a ajuda de nosso Salvador, que nos disse: "...sem Mim nada podereis fazer" (João 15:5).

Observe o que diz Hebreus 4:14-16: "Tendo, portanto, um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou os céus, retenhamos firmemente a nossa confissão. Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém *Um* que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemo-nos, pois, confiadamente ao trono da graça, para que recebamos misericórdia e achemos graça, a fim de sermos socorridos no momento oportuno".

Cristo é o autor e capitão de nossa salvação. "Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, porquanto vive sempre para interceder [perante o Pai] por eles" (Hebreus 7:25). Cristo está assentado à direita de Deus Pai "para agora comparecer por nós perante a face de Deus" (Hebreus 9:24).

Paulo diz que, através da morada do Espírito de Deus em nós, Jesus vive novamente dentro de cristãos convertidos (Gálatas 2:20), e nos dá o poder para vivermos uma vida nova e devotada, assim como foi a dEle. Por meio de Seu sacrifício e de Ele viver novamente em nós é que podemos ser remidos "de toda iniquidade" e purificados como "um povo todo Seu, zeloso de boas obras" (Tito 2:14).

O Seu Encontro com o Destino: Encontrar-se com o Verdadeiro Jesus

“Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância” (João 10:10).

Compreender mal as expectativas de Jesus é uma das maiores tragédias de Seus seguidores. Muitos creem, erroneamente, que Jesus pagou a pena por nossos pecados para que agora pudéssemos fazer o que quisermos, e têm uma imagem mental de Jesus como um Ser amoroso, sossegado e manso, que dá vida eterna a quem simplesmente O reconheça como Senhor e Salvador. Muitos acreditam que existem muitos caminhos que conduzem a Deus e a uma alegre vida após a morte.

A Bíblia revela que cada um de nós tem um encontro com o destino, quando estivermos diante de Jesus para prestar contas de nossas ações. Surpreendentemente, a maneira como Jesus aparecerá quando regressar e o critério que usará para determinar quem entrará em Seu Reino são bastante diferentes do que a maioria das pessoas foi levada a crer. Assim como tem havido grande confusão com respeito à primeira vinda de Cristo, também há muitas interpretações incorretas acerca de Seu regresso. Qual é a verdade—a verdadeira história—sobre o Seu regresso?

Por que Cristo virá pela segunda vez?

Jesus é representado no livro de Apocalipse como o Salvador ressuscitado, o Messias que se prepara para voltar à Terra pela segunda vez. “Eu sou . . . o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre” (Apocalipse 1:17-18).

Mas *como* e por que Ele virá? Em Mateus 24 Ele mesmo nos dá uma resposta sóbria. Ao responder à pergunta dos discípulos acerca do tempo do Seu regresso e do fim desta era do homem, Jesus apresentou um cenário assustador, que envolve a proliferação do engano religioso, de guerras, de fome e de desastres naturais catastróficos. Ele disse-lhes: “Essas coisas serão como as primeiras dores de parto” que apresentarão a nova era que se iniciará com o Seu regresso (versículo 8, BLH).

Quando Ele intervirá? *Na altura em que a humanidade estará prestes a ser extinta.* “Naqueles dias haverá um sofrimento tão grande como nunca houve desde que Deus criou o mundo; nunca mais acontecerá uma coisa igual. Porém Deus diminuiu esse tempo de sofrimento. Se não fosse assim, *ninguém seria salvo.* Mas, *por causa do povo que Deus escolheu*

para salvar, esse tempo será diminuído” (versículos 21-22, BLH).

Por que Jesus Cristo precisa voltar? Porque as condições do mundo ficarão tão terríveis e ameaçadoras que *a vida humana estará em risco de extinção*. Ele veio à Terra, na primeira vez, para nos salvar de nossos pecados. Agora, Ele virá pela segunda vez *para nos salvar de nós mesmos*.

A princípio, não será um maravilhoso espetáculo. Apocalipse 6:16-17 descreve que Cristo virá *com ira* por causa da contínua recusa da humanidade em obedecer as Suas leis e da constante inclinação do mundo para o mal e para a autodestruição. O Seu regresso será anunciado ao som de trombetas, prenunciando calamidades horríveis na Terra (capítulos 8 e 9). Sem dúvida, foi por causa de Sua grande preocupação com a humanidade é que Ele vem demonstrando essa justa indignação.

Jesus é apresentado como Aquele que regressa para governar as nações de toda a Terra (Apocalipse 11:15). Ele não aceitará nenhuma oposição ao Seu justo governo e declarará guerra a qualquer nação ou governo Lhe demonstre resistência (Apocalipse 19:15). Ele castigará e reinará *para o nosso próprio bem*, a fim de que haja paz num mundo determinado a se autodestruir.

Certamente, esta é a descrição mais importante na Bíblia sobre a Sua vinda, porque esse é o Jesus que o mundo inteiro encontrará em algum momento no futuro—talvez em um futuro não muito distante.

Essas profecias mostram também que Jesus não morreu *para*

nós fazermos o que quisermos de nossas vidas. “...Humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; *para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho*” (Filipenses 2:8-10).

Quando regressar, Jesus tomará o Seu justo lugar como Rei da Terra Messias e Salvador. *E onde você estará quando isso acontecer?*

Será que estamos esquecendo alguma coisa?

Como ressaltamos no início deste capítulo, muitos têm a ideia de que Jesus morreu por nós para nos isentar de qualquer requisito quanto à obediência a Deus—e, como Jesus é gentil e amável, Ele nos admitirá em Sua eterna presença se apenas O aceitarmos como nosso



Jesus Cristo regressará à Terra para salvar a raça humana da extinção, intervindo quando a humanidade estiver à beira da autodestruição.

Salvador, independentemente da maneira como vivemos nossas vidas.

Mas acreditar nisso é acreditar num falso Jesus e falhar completamente em entender a razão da promessa de Sua segunda vinda. Ele tem de regressar precisamente *por* termos seguido o caminho de fazer somente nossa própria vontade, rejeitando assim as leis de Deus—e esse caminho leva a um ponto de *extinção da humanidade*.

Qual caminho você vai escolher? Certamente, o sacrifício de Cristo demonstrou o amor de Deus e não há nada maior do que isso para provar a grandiosidade desse amor. Mas essa é toda a história? O cristianismo é apenas sobre tudo o que Jesus *fez* por nós? Ou devemos seguir a Jesus de todo o coração e *fazer o que Ele mandou e imitar o Seu exemplo*?

Vamos apenas acreditar *nEle* ou também *em Sua mensagem*? Há uma diferença fundamental nisso. Ele pregou o *Evangelho do Reino de Deus*, que Ele estabelecerá sobre todo o mundo, assim que regressar. Você está se preparando para *fazer parte* do Reino de Deus? Você compreende que o Reino de Deus é um reino literal, que governará toda a Terra e, por fim, se estenderá por todo o universo e além?

Jesus explicou as leis do Reino de Deus em Seu Sermão da Montanha. Jesus enalteceu as mesmas leis que Ele mesmo deu no Monte Sinai, as quais Ele viveu perfeitamente por toda Sua vida. Jesus disse que se qualquer pessoa as diminuísse de alguma forma, ela seria considerada pequena em Seu governo (Mateus 5:19). Contudo, tragicamente, a maioria dos que dizem seguir a Jesus rejeitam Suas claras afirmações sobre assuntos importantes.

Parece que o ensinamento do cristianismo, depois que os apóstolos saíram de cena, passou a se concentrar na atraente ideia de Alguém que te ama, te perdoa, te conforta e te aceita. Poucos são os que ensinam que Jesus *exige* que Seus seguidores *obedeçam* aos mandamentos do Pai, pois eles foram instituídos para o próprio bem deles e daqueles que os rodeiam (1 João 2:3-6; 5:3).

Se você não entende os mandamentos de Deus, então não sabe o que é o pecado, porque o pecado é a transgressão da lei de Deus (1 João 3:4). Pois, se você não souber o que é pecado, então como poderá se arrepender? Sem arrependimento—ou seja, se você não abandonar a *sua maneira própria* de viver e passar a viver da *maneira que Deus quer* que você viva—como poderá, sinceramente, aceitar a Jesus Cristo como Senhor e Salvador?

Jesus não morreu para que nos sentíssemos aliviados com nós mesmos. *Jesus morreu para pagar a pena dos pecados que todos nós cometemos*. Se voltarmos ao pecado, depois de saber tudo isso, “de novo crucificamos o Filho de Deus, e o expomos ao vitupério” (Hebreus 6:6). Por que vamos desprezar o Seu sacrifício e matá-Lo outra vez?

O que Ele espera de nós?

Em Lucas 6:46 Jesus faz uma pergunta em que todos nós devemos

refletir seriamente: “Por que Me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis o que Eu digo?”

Não basta apenas chamar Jesus de “Senhor” ou simplesmente aceitá-Lo. Como Jesus mesmo explicou em Mateus 7:21: “Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas *aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos céus*”. Para entrar no Reino de Deus é preciso *viver de acordo com a vontade de Deus*. Não existe nenhuma outra maneira.

Ele continua nos versículos 22-23: “Muitos Me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizámos nós em Teu nome? E em Teu nome não expulsamos demônios? E em Teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: *Nunca vos conheci; apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade*”.

A palavra iniquidade foi traduzida da palavra grega *anomia*, que significa “violação da lei”. Mas de que leis Ele estaria falando? Sem dúvida, das mesmas que *Ele cumpriu perfeitamente*. As mesmas leis que *Ele, como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, revelou a Moisés*. As mesmas leis que *Ele instituirá para governar toda a humanidade em Seu Reino*. Ele nunca dará o maravilhoso dom da vida eterna a quem voltar ao pecado, “crucificando outra vez . . . o Filho de Deus”!

Evidentemente, Jesus espera que nos afastemos completamente do pecado e comecemos a obedecer aos mandamentos de Seu Pai, a perfeita “lei da liberdade”, que nos liberta do sofrimento e da morte, que são consequências do pecado (Tiago 1:25; 2:12).

Uma vida abundante e gratificante

Tragicamente, muitas pessoas chamam a obediência às leis de Deus de “escravidão”—e, ironicamente, dentre elas estão muitos professores de religião que supõem ser cristãos. O apóstolo João disse claramente que essas pessoas estão erradas. “Porque este é o amor de Deus: *que guardemos os Seus mandamentos*; e os Seus mandamentos *não são pesados*” (1 João 5:3).

Jesus Cristo entendia que viver de acordo com o caminho de vida revelado por Deus é a chave de uma vida de sucesso, alegria e satisfação. Ele diz em João 10:10: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”.

Ele diz o seguinte para aqueles que desejam segui-Lo: “Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim, que Sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o Meu jugo é suave, e o Meu fardo é leve” (Mateus 11:29-30). O que o mundo vê como escravidão é, na verdade, a liberdade e a alegria em Cristo. Isso é o que Deus promete aos que seguem ao verdadeiro Jesus e a Seus verdadeiros ensinamentos.

Mas esse caminho não é fácil de encontrar, além disso, apenas você escolher segui-lo. Ele diz-nos: “Entraí pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela”. A seguir, Ele nos orienta a não escolher

o caminho fácil, o qual a maior parte da humanidade tem escolhido: “. . . porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem” (Mateus 7:13-14). Caso decida entregar sua vida a Jesus, então entregue-a ao verdadeiro Jesus Cristo, tendo em mente Sua verdadeira história. Ele é um Rei. Ele é digno de governar toda a Terra e, sem dúvida, *Ele vai fazer isso*.

Ele é o Criador da Terra e da própria vida. Ele assumiu toda a responsabilidade por Sua criação ao vir à Terra e demonstrar as Suas boas intenções para conosco e, obedecendo fielmente à vontade de Deus, Ele morreu por nós. Ele não falhará em terminar a Sua missão de estabelecer o Seu Reino pacífico sobre toda a Terra.

Por isso, se você aceitá-Lo, lembre-se que deve aceitá-Lo como *Rei e Governante* de sua vida *agora*. Ele é Aquele a quem vai servir agora e para sempre.

Será que Jesus Cristo Disse Realmente Isso?

Se você acabou de ler este livro, provavelmente ficou surpreso, talvez até mesmo chocado, ao descobrir algumas das coisas que Jesus Cristo realmente disse e o que a Bíblia diz acerca dEle. Mas há muito mais que raramente é ensinado ou discutido na maioria das igrejas—e quando é, muitas vezes não se ajusta ao que disse o próprio Jesus!

Você precisa descobrir *por si mesmo* o que diz a Bíblia. Não creia somente em nossa palavra—consulte a sua própria Bíblia!

Este pequeno guia de estudo bíblico abordou muitos assuntos que são vitais e importantes para se entender os ensinamentos de Cristo e o propósito de Deus para a humanidade e para você. Temos muitos outros guias de estudo bíblico que tratam detalhadamente desses tópicos cruciais. Você pode solicitar ou baixar gratuitamente seu exemplar de nosso site **portugues.ucg.org**. Tudo isso sem nenhum custo ou obrigação de sua parte. Ademais, ninguém vai lhe contactar, telefonar ou visitar sem que solicite.

Entre outros temas, você precisa conhecer bem qual é o verdadeiro evangelho que Jesus Cristo ensinou e ordenou que Sua Igreja proclamasse em todo o mundo. Seria possível a maior parte do cristianismo aceita e ensina um evangelho diferente daquele que Jesus Cristo ensinou? Para saber isso, solicite a sua cópia gratuita do guia de estudo bíblico ***O Evangelho do Reino de Deus***.

Este guia de estudo bíblico, como todas as nossas publicações, é oferecido gratuitamente como um serviço educacional de interesse público. Você pode solicitá-lo ou baixá-lo no nosso site: **portugues.ucg.org**.





'Ora Vem, Senhor Jesus'!

O nosso mundo de hoje está cheio de toda a espécie de terror: terroristas suicidas, antraz, bombas "sujas" radioativas, epidemias mortais, sequestros, quadrilhas, estupros, assassinatos e guerras.

Para onde quer que olhemos a tendência é a decadência. A desumanidade do homem para com o seu semelhante só tem piorado, e até mesmo a pessoa mais otimista tem achado difícil combater a sensação de mau presságio de que o nosso mundo está numa rota de autodestruição.

Ao vislumbrar a história, Jesus Cristo predisse essa espiral de aflições, que levaria o mundo a um tempo difícil e sem precedentes, ocorrendo antes de Seu regresso (Mateus 24:7-8, 21). O nosso Salvador espiritual também prometeu salvar a humanidade da destruição total em Sua gloriosa vinda (Mateus 24:22, 30).

Esse é o tempo que o povo de Deus, ao longo dos séculos, tem ansiado e rogado: *"Venha o teu Reino"* (Mateus 6:10).

João, um apóstolo muito amoroso e compassivo, recebeu uma maravilhosa visão de um tempo muito além de todas as inquietações, calamidades e guerras causadas pela maldade desenfreada do homem—um tempo em que Deus enxugará todas as lágrimas e quando não haverá mais dor nem pranto (Apocalipse 21:4).

No final do último capítulo do derradeiro livro da Bíblia, João registrou três vezes uma maravilhosa promessa de Cristo: *"Eis que cedo venho"* (Apocalipse 22:7, 12, 20). E no versículo 20, João e todos os cristãos, profundamente ansiosos, respondem: *"Amém; vem, Senhor Jesus"*.



ENDEREÇOS POSTAIS

Estados Unidos da América:

(Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)

Igreja de Deus Unida

P O Box 541027

Cincinnati, OH, 45254-1027

Telefone: +1 (513) 576 9796

Brasil:

Igreja de Deus Unida

Caixa Postal 2027

Uberlândia – MG,

CEP 38400-983

Telefone: +1 (513) 576 9796

Angola

Igreja de Deus Unida, Angola

Caixa Postal no.12

Cacuaco-Luanda, Angola

Telefones: +244 924 436 054 / +244 923 719 704

Internet:

<http://portugues.ucg.org>

www.ucg.org

e-mail: info@ucg.org

Autor: Bill Bradford

Escritores contribuintes: Scott Ashley, Tom Robinson

Revisores editoriais: John Bald, Roger Foster,

Paul Kieffer, John Ross Schroeder, Mario Sieglie

Foto da capa: Scott Ashley

Artista de layout em Português: Michelle Vautour

Tradutores: José dos Santos Martins, Giovane Macedo

Revisor da tradução: Jorge Manuel de Campos

Para Saber Mais . . .

Quem somos: Esta literatura é distribuída gratuitamente pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, que tem ministros e congregações em várias partes do mundo.

Nossas raízes se remontam à Igreja fundada por Jesus no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que foram estabelecidas naquela época. A nossa missão é proclamar o evangelho do futuro Reino de Deus em todo o mundo, como um testemunho, e ensinar a todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Gratuito: Jesus Cristo disse: “de graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:8). A Igreja de Deus Unida oferece esta e outras publicações gratuitamente como um serviço educacional de interesse público. Nós o convidamos a solicitar sua assinatura gratuita da revista A Boa Nova e a inscrever-se em nosso Curso Bíblico, que contém doze lições, o qual também custos é gratuito.

Estamos agradecidos pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja, e outros colaboradores, que, voluntariamente, contribuem para apoiar esta obra. Não solicitamos doações ao público em geral. No entanto, aceitamos, de bom grado, contribuições para nos ajudar a compartilhar esta mensagem de esperança a outros. Toda nossa contabilidade é auditada por auditores independentes.

Aconselhamento pessoal: Jesus ordenou aos Seus seguidores a apascentar as Suas ovelhas (João 21:15-17). Para ajudar a cumprir esta instrução, a Igreja de Deus Unida tem congregações ao redor do mundo. Nelas os crentes reúnem-se para receberem o verdadeiro ensinamento das Escrituras e para terem uma convivência cristã.

A Igreja de Deus Unida empenha-se em entender e praticar o cristianismo do Novo Testamento. Desejamos compartilhar o caminho de vida de Deus com aqueles que buscam, sinceramente, adorar e seguir o nosso Salvador, Jesus Cristo.

Os nossos ministros estão disponíveis para aconselhar, responder e explicar qualquer questão sobre a Bíblia. Se desejar contactar um de nossos ministros, ou visitar uma de nossas congregações, sinta-se à vontade para entrar em contato com nosso escritório mais próximo de sua residência.

Informação adicional: Visite o nosso site revistaboanova.org para solicitar ou baixar os nossos guias de estudo Bíblicos ou a revista A Boa Nova. Se desejar corresponder-se conosco em português, por favor envie um e-mail para info@ucg.org ou escreva a um dos endereços listados neste guia de estudo Bíblico.

